

MIRIAM RODRIGUES XAVIER

**Encontrando o Humano na Natureza: experiência estética e humanização
de profissionais da saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga.**

Dissertação apresentada a UNIFESP -
Universidade Federal de São Paulo, para
obtenção do Título de Mestre Profissional
em Ensino em Ciências da Saúde.

São Paulo
2017

MIRIAM RODRIGUES XAVIER

Encontrando o Humano na Natureza: experiência estética e humanização de profissionais da saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga.

Dissertação apresentada a UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, para obtenção do Título de Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde.

Orientador:

Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian

**São Paulo
2017**

Ficha Catalográfica

XAVIER, Miriam Rodrigues.

Encontrando o Humano na natureza: experiência estética e humanização de profissionais de saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga / Miriam Rodrigues Xavier. – São Paulo, 2016.
184 fs.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde .

Título em Inglês: Finding the human in nature: aesthetic experience and humanization of health professionals in the In the Sacred Ground of Guarapiranga.

Descritores: 1. Humanização de Profissionais da Saúde. 2. Experiência Estética na natureza. 3. Formação Humanística. 4. Filosofia Estética.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DO ENSINO
SUPERIOR EM SAÚDE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO EM CIÊNCIA DA SAÚDE**

Diretora do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior
em Saúde – CEDESS:

Profa. Dra. Lídia Ruiz Moreno

Coordenadora do Programa:

Profa. Dra. Rosana Aparecida Salvador Rossit

Miriam Rodrigues Xavier

Encontrando o Humano na Natureza: experiência estética e humanização de profissionais da saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga.

São Paulo, 26 de abril de 2017.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian (Orientador)

Titulares:

Prof. Dr. Francisco Moreno de Carvalho

Prof. Dr. Roberto Pereira Miguel

Prof. Dr. Jorge Fouad Maalouf

Suplente:

Profa. Dra. Irani Ferreira da Silva Gerab

Em memória de Expedito Augusto Xavier e Francisca Rodrigues Xavier, meu pai e minha mãe, escultores de minha essência e responsáveis por tudo que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente, à Deus e Meishu-Sama pelo amor e confiança.

Agradeço meu pai e minha mãe, pois que, sem eles não existiriam neste mundo, nem meu corpo, nem minha alma.

Agradeço meu marido Marcos Antunes a companhia, quando nas madrugadas frias e escuras acordava comigo para me acompanhar até a estação de ônibus para eu ir à Universidade. Meu companheiro que me animou muitas vezes quando cansada, pensava em desistir.

Agradeço meu filho, Nora e Netas a compreensão da minha ausência.

Agradeço meu Professor Orientador Dante Marcello Claramonte Gallian, pelo que, principalmente me ensinou, a confiança no ser humano.

“Espírito moderno auge do atrevimento ignorante de sua
limitação”
Sigmund Freud

RESUMO

Embora a PNH indique a inserção de diretrizes humanísticas na formação do profissional de saúde, a sua presença no ensino superior ainda é muito tímida. Ainda que essencial para a boa prática médica, para muitos professores e alunos as disciplinas de humanidades são tidas como desinteressantes. Ela é abordada de forma superficial e os alunos desconhecem a abrangência significativa nas práticas de saúde. Durante muito tempo, a proximidade com o paciente era quase um imperativo para a prática da medicina. Com as mudanças culturais e sociais ocorridas ao longo do tempo houve uma transformação na medicina e prática da saúde que levaram, hoje, à discussão da necessidade de humanização na saúde. A humanização busca nas ações humanizadoras a recuperação, não somente da saúde física, mas principalmente do respeito, do direito, da generosidade, da expressão subjetiva e dos desejos das pessoas.

A Humanização na saúde foi fundada no respeito à vulnerabilidade humana e na crença de que a relação do profissional e paciente está sempre sujeita a emoções que devem ser guiadas pelo sentimento de compromisso e compaixão que é indispensável no cuidar do outro. No entanto, sem a capacidade de sentir é impossível ter a capacidade de cuidar. Portanto a formação da sensibilidade é a necessidade mais importante e fundamental para o desenvolvimento de uma formação humanizadora.

A presente pesquisa submetida e aprovada ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo sob Nº 48419915.3.0000.5505 e contando com 13 colaboradores profissionais da área da saúde objetivou investigar de que forma a experiência estética e reflexiva da natureza, própria das Humanidades, pode contribuir para a humanização em saúde. A pesquisa foi aplicada no Solo Sagrado de Guarapiranga, espaço pertencente à Igreja Messianica Mundial do Brasil.

Para coleta dos dados, usamos técnicas advindas tanto da antropologia, no caso a *observação participante* como da História Oral de Vida, além de relatos redigidos pelos participantes após o término de cada encontro.

Combinando, observação participante, relatos da experiência e história oral de vida, foi possível uma visão mais ampla da experiência.

A análise dos dados aconteceu à luz da *Imersão/Cristalização* proposta por Borkan (1999) e muito utilizada em pesquisas etnográficas. Observando as imagens que emergiram das falas, pôde-se perceber a caracterização de três grandes temas: a emoção, o impacto do primeiro momento, do primeiro contato com o Solo Sagrado; a reflexão que este impacto provoca e que leva a um *despertar de si mesmos* e também a uma nova consciência do outro e, finalmente, num terceiro nível, a mudança na maneira de *ver o mundo lá fora*. Através dos resultados obtidos podemos acreditar que a experiência estética da natureza realizada no Solo Sagrado de Guarapiranga é potencialmente humanizadora. Ela causa um afeto profundo e transformador, típico de uma “ampliação da esfera do ser”, conscientiza os participantes, principalmente no que diz respeito à suas próprias vidas, o levam a um encontrar ou, *reencontrar*, consigo mesmo, gerando conforme relatos, paz e equilíbrio. Desta forma estando bem consigo mesmo (utilizando a fala de um colaborador) *transmitimos o bem ao nosso próximo* e é possível olhar e cuidar de outras pessoas, o que para a área da saúde é fundamental.

Como produto desta pesquisa desenvolvemos e apresentamos um Laboratório de Humanidades a partir da Experiência Estética da Natureza.

Palavras Chave: Humanização de Profissionais da Saúde, Experiência Estética na natureza, Formação Humanística, Filosofia Estética.

ABSTRAT

Although the PNH indicates the insertion of humanistic guidelines in the training of the health professional, its presence in higher education is still very timid. Although essential for good medical practice, for many teachers and students the humanities disciplines are regarded as uninteresting. It is covered superficially and students are unaware of the significant breadth of health practices.

For a long time, proximity to the patient was almost imperative for the practice of medicine. With the cultural and social changes that have occurred over time, there has been a transformation in medicine and health practice that has led to the discussion of the need for humanization in health. Humanization seeks in the humanizing actions the recovery, not only of physical health, but mainly of respect, right, generosity, subjective expression and the desires of the people. Humanization in health was founded on respect for human vulnerability and on the belief that the relationship of the professional and patient is always subject to emotions that must be guided by the feeling of commitment and compassion that is indispensable in caring for the other. However, without the ability to feel it is impossible to have the ability to care. Therefore the formation of sensitivity is the most important and fundamental need for the development of humanizing training.

The present research submitted and approved to the Research Ethics Committee of the Federal University of São Paulo under No. 48419915.3.0000.5505 and counting on 13 professional health professionals aimed to investigate how the aesthetic and reflective experience of nature, Can contribute to humanization in health. The research was applied in the Sacred Ground of Guarapiranga, a space belonging to the World Messianic Church of Brazil.

In order to collect the data, we used techniques from both anthropology, in this case participant observation and Oral History of Life, as well as reports written by participants after the end of each meeting. By combining, participant observation, experience reports and oral history of life, a broader view of the experience was possible

The analysis of the data happened in the light of the Immersion / Crystallization proposed by Borkan (1999) and much used in ethnographic researches. Observing the images that emerged from the speeches, one could perceive the characterization of three great themes: the emotion, the impact of the first moment, the first contact with the Sacred Ground; The reflection that this impact causes and that leads to an awakening of themselves and also to a new awareness of the other, and finally, on a third level, the change in the way of seeing the world out there.

Through the obtained results we can believe that the aesthetic experience of the nature realized in the Sacred Ground of Guarapiranga is potentially humanizing. It causes a profound and transforming affection, typical of an "enlargement of the sphere of being," makes the participants aware, especially in regard to their own lives, lead to a find or to find, generating according to reports, peace and balance. In this way, being good with oneself (using a collaborator's speech) we transmit the good to our neighbor and it is possible to look and care for other people, which for the health area is fundamental. As a product of this research we have developed and presented a Laboratory of Humanities based on the Aesthetic Experience of Nature.

Keywords: Humanization of Health Professionals, Aesthetic Experience in nature, Humanistic Formation, Aesthetic Philosophy.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	13
1.1- O desencontro humano a desumanização e seus reflexos na saúde e nos profissionais de saúde.....	14
1.2 - Humanização em saúde.....	18
1.3 - Formação e humanização em saúde: um caminho necessário.....	21
1.4 - Laboratório de Humanidades: uma experiência com a humanização.....	23
1.5 – Ao encontro do objeto de estudo.....	26
1.6 - O Solo Sagrado de Guarapiranga: um breve histórico.....	28
1.7 - Roteiro Ambiental: uma experiência estética com a natureza?	29
1.8 - LabHum e Roteiro Ambiental: duas experiências comuns?	30
1-9 – A experiência estética na natureza.....	31
1.10 - . Objetivos gerais.....	34
1.11 -. Objetivos específicos.....	34
II. METODOLOGIA.....	35
2.1. Metodologia da experiência de campo.....	35
2.2 – Metodologia da produção das fontes de análise fontes (caderno de campo, relato de experiências, história oral de vida).....	42
2.3 – Análise dos dados.....	44
III. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	45
3.1 - Temas	
3.1.1 - O impacto da experiência: o encontro consigo mesmo.....	48
3.1.1.1 – O mundo lá fora.....	49
3.1.1.2 – O encontro com o divino interior na experiência estética da natureza.....	51
3.1.1.3 – O encontro com a paz e o equilíbrio.....	52
3.1.1.4 – A sensação de limpeza: o surgimento do eu verdadeiro.....	53
3.1.1.5 – O sentimento que fica: a dor que some, a emoção que fica.....	55
3.1.2 – Reflexão: quando tudo parece mais claro.....	58
3.1.2.1 – A valorização da natureza, do eu e do outro.....	59
3.1.2.2 – O desacelerar e o despertar.....	61
3.1.3 – A mudança de visão de mundo.....	62

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	72
ANEXOS.....	79
Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	79
Anexo II - Parecer Consubstanciado.....	82
APÊNDICES	83
Apêndice A – Ofício de Aceite da Instituição.....	83
Apêndice B – Autorização para uso de imagem e identidade.....	84
Apêndice C - Caderno de Narrativas.....	85
Apêndice D - Produto da Dissertação.....	123
Apêndice E - Caderno de Campo.....	137

I – INTRODUÇÃO

Quando dizemos, no título de nossa pesquisa: *Encontrando o humano* de certa forma, estamos afirmando que este humano está perdido. Compreender este desvio significa compreender, talvez, o que levou o homem a se perder e a possível causa de sua desumanização. Sem a compreensão deste caminho, trilhado pelo homem, talvez, nos seja impossível compreender seus desdobramentos, suas consequências. Este foi nosso primeiro passo nesta busca. Procuramos no pensamento de Berdiaev, Okada, Simmel, encontrar luz para esta compreensão, já que estes autores compartilham a ideia de que o homem em algum momento histórico se desencontrou de si mesmo, se afastou de sua própria natureza.

Continuando nossa caminhada, procuramos observar a consequência deste afastamento que levou este homem a sua desumanização que se refletiu na saúde, gerando, desta forma, o que chamamos patologias da Modernidade e, conseqüentemente impactando a área da saúde; levando em consideração que os profissionais de saúde estão na linha de frente do enfrentamento deste fenômeno de acordo como nos aponta Gallian et al (2012).

Devido ao fato de os profissionais de saúde, conforme falamos anteriormente, estar na frente do enfrentamento do fenômeno do desenvolvimento de patologias associadas à desumanização, é justamente no campo da saúde que o tema da necessidade de humanização encontra terreno fértil para ser discutido. É neste ponto que na companhia de Isabel Cristina Rios em seu livro *Caminhos da Humanização na Saúde: Práticas e Reflexão (2009)* procuramos compreender melhor o desenvolvimento desta discussão a que, inclusive, faz parte de diretrizes em programas curriculares de cursos superiores (RIOS, 2009).

Finalmente, após este percurso, passamos a observar as humanidades como proposta de educação humanizada, especialmente a experiência estética na natureza a que é nosso principal objeto de interesse de estudo.

Os resultados obtidos nesta empreita foram coletados por técnicas advindas tanto da antropologia, no caso a observação participante (GEERTZ, 2009), como da História Oral de Vida (MEIHY, HOLANDA, 2007). A análise dos dados aconteceu à

luz da *Imersão/Cristalização* proposta por Borkan (1999) e, os temas e características emersos, pudemos refletir na companhia de Schiller, e Okada principalmente

1-1 - O desencontro humano a desumanização e seus reflexos na saúde e nos profissionais de saúde.

Eliade (1999, p.171) afirma que *toda crise existencial põe de novo em questão, ao mesmo tempo, a realidade do mundo e a presença do homem no mundo.*

Conforme **Nikolai Alexandrovich Berdyaev** (1979 p. 7) religioso e filósofo russo cujo pensamento foi influenciado por Kant, Boehme e Dostoievski, o ritmo da história havia mudado desde a 1ª Guerra Mundial e algo havia se quebrado na alma do homem moderno, por trás de toda aquela aparente tranquilidade algo estava errado. O homem havia entrado na Modernidade cheio de confiança em si próprio e nas suas potencialidades criadoras, ele acreditava que tudo dependia dele, de sua arte, que viriam sem fronteiras, sem limites. Agora sai dela para entrar em uma época não explorada e com um grande desalento, sem fé em suas próprias forças e poder de sua arte com o risco de perder para sempre o núcleo de sua personalidade. Em nenhuma parte, se sente a terra firme em baixo dos pés.

Entramos em um mundo desconhecido e não vivido e entramos sem alegria e sem esperança. Já não podemos crer na teoria do progresso do futuro onde tudo seria melhor a não ser que este futuro seja a eternidade assim como era no passado.

Berdiaev (1979 p. 11), afirma que o humanismo não fortificou o homem, o debilitou. Mediante sua autoafirmação o homem se perdeu ao invés de se encontrar. A história moderna não glorificou o homem como ele esperava. As promessas de humanismo não se cumpriram. Em consequência, o homem, totalmente exausto, está disposto a empenhar-se em qualquer tipo de coletivismo onde o individualismo desapareça para sempre. O homem não pode suportar seu desamparo e solidão.

Este homem novo que adentrou a Modernidade acreditava que era capaz de fazer sua própria vida, sem ajuda do alto, indiferente as sanções divinas. Ele se arrancou da vida religiosa donde havia sido submetido por toda Idade Média; quis andar por um caminho livre e independente. Ele acreditou que havia se descoberto e descoberto um mundo encoberto pela Idade Média. No entanto, nossa época, por haver chegado ao máximo da contradição da vida e haver entrado no conhecimento de suas

próprias origens, começa a compreender que na secularidade do humanismo, conforme nos esclarece Berdiaev (1979 p. 12), “havia um extravio fatal e um abuso de si mesmo e, que na raiz da fé humanista se escondia uma virtual autonegação do homem e sua queda”. Berdiaev (1979) vai nos dizer que, quando o homem rompeu com sua vida espiritual afastou-se da profundidade e passou a superficialidade. Ao perder o centro espiritual do ser, perdeu seu próprio centro espiritual. A descentralização de sua essência foi a ruína de sua estrutura orgânica. O homem havia deixado de ser um organismo espiritual. As periferias da vida, os organismos subordinados, proclamaram-se como centros vitais e a consequência foi que o homem se tornou cada vez mais superficial. Hoje o homem não sabe onde está o centro de sua vida. Na base da história moderna existe um rompimento do homem com a profundidade de seu espírito, uma ruptura com a vida e seu sentido. (cf. BERDIAEV, 1979 p.16).

Conforme nos afirma Okada, religioso japonês, cujo a obra começa a surgir partir do século XX, ao longo de três mil anos o homem veio afastando-se das leis da natureza. Levado pelo materialismo que o levou a acreditar somente no que via e pelo egoísmo que o levou a agir de acordo com sua própria conveniência, o homem veio destruindo o equilíbrio do planeta criando desarmonia e infelicidade para si e seu semelhante. (IGREJA MESSIANICA MUNDIAL DO BRASIL, 2017).

Também um dos mais renomados biólogos da atualidade vem dizendo:

Segundo as evidências arqueológicas nós nos afastamos da natureza desde o início da civilização, por volta de 10000 anos atrás. Esse salto quântico nos enganou com a ilusão de nos libertar do mundo que nos havia gerado. Ele alimentou a convicção de que o espírito humano pode ser moldado e se transformar em algo novo para se adequar às mudanças do meio ambiente e da cultura; o resultado foi que os ritmos da história saíram de sintonia. Uma inteligência mais sabia poderia, neste ponto, assim definir: eis aqui uma quimera, uma espécie nova e muito estranha que entrou a passos incertos no nosso universo, com uma mistura de emoções da Idade da Pedra, autoimagem medieval e uma tecnologia que se ombréia com a dos deuses. Tal combinação torna essa espécie indiferente às forças que são mais importantes para sua própria sobrevivência no longo prazo (WILSON, 2008. p. 18).

Simmel (2010), sociólogo alemão, aponta uma generalizada perda de sentido na vida humana, levada pela Modernidade. Esta Modernidade levou o homem a um desencantamento cada vez maior do mundo.

Os problemas vividos, pelo menos nos últimos dois séculos foram causados, em grande parte, por nossos modos limitados de pensar, marcados pela referência

científico-tecnológica, e esta época foi caracterizada em boa medida pelo desencantamento do mundo.

A moderna revolução tecnocientífica, em especial a da tecnologia da informação baseada em computação, traiu a natureza humana ao promover a ideia de que os casulos da vida material das cidades e dos bairros residenciais são suficientes para a satisfação humana. Trata-se de um erro grave. A natureza humana é mais profunda e mais ampla do que os inventos artificiais de qualquer cultura existente, nosso pleno potencial não será atingido sem que compreendamos a origem e, portanto, “o significado das qualidades estética que nos tornam inefavelmente humanos” (WILSON, 2008. p.20).

A sociedade humana se desenvolveu: da gruta para as cabanas, das cabanas para casas de pau a pique e daí para o mundo verticalizado, urbanizado onde vive 81% da população humana (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2007). Nossas vidas se tornaram domésticas e urbanas; não sabemos mais como é viver ao ar livre, como é viver em contato com a natureza. Em razão disto, nos adverte Eliade (1999 p. 145), a sensibilidade religiosa das populações urbanas se encontra gravemente empobrecida. Os povos ancestrais utilizavam-se do mito cosmogônico, que narram a criação do universo, como exemplo para todas as atividades humanas, hoje a sociedade moderna não vê sentido nestes mitos.

Com o desenvolvimento e afastamento da natureza, o homem afastou-se também do mistério da participação da natureza, todas as passagens, até então, consideradas rituais sagrados, nada mais significam além do que mostra o próprio ato concreto de um nascimento, casamento ou óbito. Isto porque este homem já não vive mais em um mundo organizado, hoje nada mais significa. O que se encontra no mundo é uma secularização radical da morte, casamento e nascimento. O homem moderno não vê sentido na existência, ele se vê como o único sujeito agente da história. Ele faz-se a si próprio. O sagrado é o obstáculo por excelência à sua liberdade. Para este homem o mundo se tornou opaco, inerte, mudo. (ELIADE,1999).

Com o desenvolvimento do mundo moderno, o conhecimento científico cresceu velozmente, em quanto que o espiritual, caminhou desesperadamente lento. Esta é a razão do grande distanciamento entre o espírito e a Ciência. Esta última veio a destacar-se, e a parte espiritual distanciou-se a ponto de desaparecer da nossa vida. Por fim, o homem tornou-se indiferente ao espírito, chegando a confundir Ciência com Civilização. O homem tornou-se escravo da ciência. (OKADA,1999 p. 19).

A religião e a ciência foram motores do desenvolvimento da técnica e da globalização. Não que isto seja de todo mal, porém, a desmedida tanto religiosa como científica levaram o homem a se perder no caminho de sua evolução.

Okada (1999) nos diz que naturalmente os homens anseiam pela felicidade e que a expansão e o progresso da Ciência também têm esse mesmo objetivo, porém, é justamente o oposto que se pode verificar. Quanto mais a ciência progride, mais o homem se encontra infeliz e solitário. O desenvolvimento da ciência, especialmente a partir do Sec XVIII, foi responsável pela decadência da religião e causador do pensamento ateu e do desenvolvimento da corrupção moral, fatos que criaram confusão social e transformaram o mundo em um verdadeiro caos. A ciência dominou de tal forma a mente humana que ele hoje só acredita naquilo que tem explicação científica. Porém, a ciência não é a única causadora deste estado de caos, Okada também aponta as instituições religiosas como corresponsáveis, na medida em que não procuraram evoluir em harmonia com a história. Ele esclarece que as religiões antigas têm muitos adeptos, porém de pouca cultura, as religiões novas muitas vezes estão afetadas com alto grau de práticas excêntricas; outras possuem uma grande proporção de elementos supersticiosos (o que leva às pessoas a repeli-las). Há, também, teólogos que, para adaptá-las à época, reproduzem e vestem de uma nova roupagem as doutrinas dos antigos santos, sábios e mestres. Isso confere a elas uma aparência progressista e de fácil aceitação pela classe intelectual, mas resta dúvida quanto à sua validade em relação à vida (OKADA, 1999 p. 20).

As religiões perderam grande parte de sua credibilidade desde o Iluminismo não podem mais ser definidas em âmbito racional. A decomposição da esfera religiosa em subesferas culturais autônomas, como a ciência, a ética, conduziu a vida humana a uma perda generalizada de significado. Os valores se tornaram arbitrários e tudo flutua no ar da contingência. Confrontados com um mundo sem sentido, em que nada é necessário e tudo é possível, os habitantes da Modernidade sofrem de angústia existencial. Eles anseiam por certeza, mas como ela não está mais à mão, corre atrás de modas e gurus; almejam unidade e sentido de comunidade, mas estes não mais existem objetivamente (SIMMEL, 2010).

O otimismo do Iluminismo projetou no futuro, horizontes paradisíacos; mas, a utopia científica que dominou esta época tem mostrado como nunca a sua impotência. Não há dúvida de que o progresso científico foi grande e que esse desenvolvimento é uma coisa boa, ou, pelo menos, não tem por que ser má. Mas, hoje em dia, muito

poucos acreditam que tudo isso seja a cura para tudo, que possa fazer algo mais do que transferir a inquietação de uns temas para outros.

Uma das contradições mais trágicas é sem dúvida o binômio do desenvolvimento técnico científico versus desumanização. Conforme afirmam Gallian et al. convivemos com os efeitos da cientificização e tecnificação da vida e das relações humanas (GALLIAN, PONDÉ, RUIZ, 2012).

Talvez, poderíamos dizer que a desumanização pode ser vista como uma coisificação do homem gerada pela perda do afeto e do interesse do homem pelo próprio homem.

O resultado desta desumanização é o desencadear de patologias a ela associadas, como a angústia, depressão e tantas outras. E por esta razão, como nos aponta Gallian, Pondé e Ruiz (2012), naturalmente é no campo das Ciências da Saúde que o termo humanização expandiu, tendo em vista que os profissionais de saúde convivem diariamente com o resultado deste fenômeno.

1.2 - Humanização na saúde

A percepção dos efeitos da desumanização fundamentou no âmbito da saúde a discussão sobre a necessidade da humanização, inclusive fazendo parte de diretrizes em programas curriculares de cursos superiores. Naturalmente são entendidas como humanização as práticas que redundem numa melhoria das relações dos profissionais de saúde entre si e destes com seus pacientes.

A humanização é hoje um tema frequente nos serviços públicos de saúde. Apesar de o seu termo requerer, como afirma Deslandes, em artigo escrito no ano de 2004, uma definição mais clara do seu conceito, ele rememora movimentos de recuperação de valores humanos esquecidos. O termo ressurgiu no momento em que a sociedade pós-moderna revisa suas atitudes e valores (RIOS, 2009).

Humanizar, de acordo com Rios (2009), se refere ao reconhecimento da natureza humana em sua essência. No sentido filosófico, a palavra humanizar encontra suas raízes no humanismo. Corrente filosófica que reconhece o valor e dignidade do homem a medida de todas as coisas, considerando sua natureza, seus limites, seus potenciais e interesses.

A natureza humana possui pulsões tanto para a construção como para a destruição, temos potencial para agirmos tanto de um lado como de outro, tanto no bem

como no mal. O julgamento ético de cada ato põe em jogo o que a cultura nos dá por referência e o desejo que está verdadeiramente dentro do nosso íntimo. Reconhecer estas duas características é o primeiro passo para a humanização. A segunda é desenvolver espaços legítimos de escuta, onde possamos devolver à palavra sua potência reveladora e transformadora. O diálogo, conforme nos aponta Freire e Shor (1986, p. 64) deve ser entendida como algo que faz parte da própria natureza e progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos.

No campo da saúde, de acordo com Rios (2009), a humanização surge como resposta a um estado de tensão, insatisfação e sofrimento de profissionais e pacientes, diante de fatos e fenômenos que configuram o que é chamado de Violência Institucional na Saúde. A violência institucional na área da saúde é decorrente de relações sociais marcadas pela sujeição do indivíduo. A partir do Sec. XIX um maior número de pessoas pôde ter acesso aos serviços hospitalares graças a sua hierarquização a que também, possibilitou um maior desenvolvimento da clínica e tecnologia. No entanto, se por um lado tivemos grandes benefícios, por outro, o hospital acabou por tornar-se um lugar de grande sofrimento com, segundo Rios (2009, p. 13), ausência de direito, comunicação descendente, descaso pelos aspectos humanísticos fazendo do hospital um lugar onde as pessoas são tratadas como coisas. A própria estrutura organizacional do trabalho faz com que um grupo de trabalhadores tenha apenas a visão da parte que lhe cabe e não do todo. Este fato favorece o agilizar do atendimento, no entanto, cria um desinteresse em relação da importância de cada um na tarefa da produção da saúde.

Outro fator que contribui para este estado de coisas é a tendência de transformar comportamentos em problemas de saúde, ou, conforme RIOS (2009, p.13) a medicalização do viver humano, assim sendo, problemas sociais passam a ser problemas de saúde. Por exemplo, a fome é um problema da pobreza, depois de certo tempo passa a ser desnutrição, portanto, problema da saúde. Combater a fome é uma coisa, tratar a desnutrição é outra.

Aos poucos a medicalização foi abrangendo situações que não eram tratados por ela. Com o aumento da crença nas descobertas científicas, a que veio nos afirmando Okada (1999) e, a decadência do valor dado a outras formas de saber, toda e qualquer expressão da vida acabaram tendo um diagnóstico, um CID (Classificação internacional de doenças). Desta forma, toda tristeza vira depressão, toda inquietação vira ansiedade e todos correm para os postos médicos a procura de solução.

Além disso, os altos custos de uma medicina biotecnológica cada vez mais cara; filas intermináveis, pacientes e profissionais descontentes, levaram ao esgotamento do atendimento e geraram todo tipo de conflito. Conforme RIOS (2009), a humanização surgiu neste cenário em resposta a estas situações: a humanização buscava nas ações humanizadoras a recuperação, não somente da saúde física, mas principalmente do respeito, do direito, da generosidade, da expressão subjetiva e dos desejos das pessoas.

No ano 2001, o Ministério da Saúde criou o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH) (BRASIL, 2001). O programa estimulava a disseminação das ideias humanistas e visava as transformações das relações interpessoais pelo aprofundamento da compreensão dos fenômenos no campo da subjetividade.

Em 2003, o Ministério da Saúde, de acordo com RIOS (2009), passou a PNHAH por uma revisão e lançou a PNH (Política Nacional de Humanização) que ampliou o alcance da humanização dos hospitais para toda a rede SUS definindo seu enfoque principal os processos de gestão e trabalho. No entanto, a humanização só se torna realidade em uma instituição quando seus gestores fazem dela mais que retórica, um modelo de fazer gestão. Pensar em humanização como política significa pensar mais no como fazer do que no que fazer.

Na assistência à saúde a supremacia do recorte biológico e autoritarismo do discurso de saber e poder deflagraram crítica contundente ao modelo biomédico de atenção. Na Medicina, o tecnicismo da prática atual descartou os aspectos humanísticos no cuidado à saúde. (RIOS, 2009, p. 19).

Os recursos tecnológicos, a visão centrada nos aspectos biológicos da doença e a organização do trabalho médico para o atendimento de massa ampliaram o acesso da população aos bens e serviços de Saúde. No entanto, por outro lado criou um abismo entre o médico e o paciente. Conforme nos afirma Capra (2006), os profissionais da saúde estão se tornando "profissionais da doença". Os pacientes passaram a ser objetos de estudos e manipulação para a construção do saber e prática científica. O paradigma cartesiano levou a medicina moderna a considerar o corpo humano como uma máquina que pode ser analisada em termos de peças; a doença é vista como um mau funcionamento. O papel do médico é concertar o defeito. Ele, concentrando-se em partes cada vez menores do corpo perdendo a visão de o paciente como ser humano, ao reduzir a saúde como um funcionamento mecânico não pode ocupar-se do fenômeno da cura (CAPRA, 2006).

A cura ao longo dos tempos foi praticada por curandeiros que usavam a sabedoria tradicional entendendo a doença como um distúrbio da pessoa como um todo envolvendo não somente o corpo, mas também sua mente. Muitas aflições humanas são doenças do coração, da mente e do espírito. Na concepção tradicional chinesa de acordo com Laerte Willmann (2016), assim como na compreensão indígena, a saúde é consequência do estado de unidade com a natureza. Usar as plantas para curar é uma prática muito antiga e muito boa, mas não é a única forma pela qual a natureza cura. Willmann (2016) observa que na medicina tradicional chinesa, o uso de remédios, mesmo feitos de ervas, não era o mais importante nas artes de cura. Os métodos mais importantes, em segundo e primeiro lugar, eram os exercícios terapêuticos e a meditação, praticados na natureza. Nesta medicina acredita-se que, nenhum ser adoecer se está unificado e em união com o Todo, o Tao. O autor orienta que na contemplação da natureza os médicos Taoístas viam a cura por meio da recuperação da unidade com nosso ser verdadeiro, que é a unidade com todos os seres. Ele afirma que a medicina tradicional tem por base a observação das correspondências entre as mudanças na natureza e as maneiras de sentir do ser humano. Na contemplação e meditação na natureza, o corpo se torna sensível, num nível instintivo a todas as condições do ambiente. Nosso corpo é o corpo do mundo, não somos seres limitados pelas fronteiras de nossa pele. Para Hipócrates, segundo Willmann (2016) a saúde significava a harmonia do homem com as leis naturais, a relação equilibrada entre diversos componentes do organismo, entre si e com o meio ambiente. O estado de saúde depende da harmonia entre corpo e mente, entre o homem e o meio. Seus métodos de cura eram holísticos, para curar uma parte do corpo, ele acreditava que era necessário curar o corpo inteiro.

Se examinarmos as culturas da antiguidade, encontraremos por toda parte exemplos de métodos de cura pela natureza. Retornar a pessoa ou comunidade enferma, à harmonia com as leis naturais sempre foi o núcleo das terapias tradicionais.

Neste sentido, o tecnicismo perde de vista aspectos importantes para o cuidado à saúde

O grande nó ainda não desatado talvez seja a necessidade de desenvolver no profissional de saúde o interesse legítimo pelo paciente que o levará a observar as diversas vertentes que causam a doença e não somente o físico.

1.3- Formação e humanização em saúde: um caminho necessário.

Embora a PNH indique a inserção de diretrizes humanísticas na formação do profissional de saúde, a sua presença no ensino superior ainda é muito tímida. É comum a dificuldade de inserção de temas humanísticos no escopo da formação do profissional de saúde. Ainda que essencial para a boa prática médica, para muitos professores e alunos as disciplinas de humanidades são tidas como desinteressantes. A humanização é abordada de forma superficial e os alunos desconhecem a abrangência significativa nas práticas de saúde. Além disso, o tema é relativamente recente. De acordo com o Seminário Internacional de Gestão – Mostra SES SP de 2008, uma pesquisa realizada com residentes do primeiro e último ano de residência médica revelou que na entrada na residência, o profissional apresenta vaga noção do que é a humanização; na saída, na maioria deles, maior falta de informação e interesse pelo assunto, inclusive considerando que a humanização tem menos a ver com seu trabalho e mais com o serviço de voluntários e assistentes sociais. Por outro lado, ainda, a organização profissional e as mudanças tecnológicas da medicina não favorecem o discurso e a prática da humanização.

Parece fundamental que o ensino que considere a humanização deva partir da conscientização do termo em todos os campos onde se dá o aprendizado.

Durante muito tempo, a proximidade com o paciente era quase um imperativo para a prática da medicina. Com as mudanças culturais e sociais ocorridas ao longo do tempo houve uma transformação na medicina e prática da saúde que levaram, hoje, à discussão da necessidade de humanização na saúde.

Além disto, conforme nos aponta Gallian; Ponde; Ruiz (2012):

[...] havendo perdido o élan com os fundamentos filosóficos e culturais humanísticos, essas novas propostas educacionais, nascidas no seio de uma cultura científico-tecnicista, pretendem “ensinar” ou “incutir” *humanismo* ou *humanidade* da mesma forma como ensina e incute habilidades cognitivas e técnicas. [...] Os educandos, por sua vez, encaram todo esse processo como mais um conjunto de conteúdos e técnicas que precisam ser incorporadas, num pacote de “competências” e “habilidades” já demasiadamente pesado e exigente, que, mais do que nada, incrementa a angústia e a ansiedade. Em suma, havendo descuidado o que é *ser humano* para além das competências e habilidades cognitivas e técnicas, a educação contemporânea, no intuito de *humanizar*, acaba, muitas vezes e paradoxalmente, por contribuir para a desumanização.

Pensar, numa formação humanizadora a partir da perspectiva técnica do treinamento e desenvolvimento de competências e habilidades seria talvez pensar numa

formação baseada em hábitos de comportamentos impostos. Desta forma, não está considerando as pessoas e sim um ambiente mais humanizado. Não se humaniza ambientes, humanizam-se pessoas. Parece, entretanto, que os referenciais para esta formação não são adequados.

Diante de toda a complexidade que envolve a temática da humanização, particularmente a partir das questões trazidas pela PNH, o Projeto “Patologias da Modernidade, Remédios das Humanidades”, financiado pela FAPESP e coordenado pelo Prof. Dr. Dante Marcello Gallian (UNIFESP/Campus São Paulo) contando ainda, com a participação do Prof. Rafael Ruiz (UNIFESP/Campus Guarulhos) e do Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé (PUC-SP), no qual esta pesquisa se insere, propõe investigar o tema da desumanização enquanto fenômeno “patológico”, intrinsecamente relacionado à Modernidade e, ao mesmo tempo, explorar a experiência das humanidades como “remédio” ou instrumento de humanização, especialmente a literatura. Compreendendo, como aponta Teixeira Coelho (2001), “a experiência educacional cotidiana tem demonstrado que o contato e fruição das obras artísticas, filosóficas e, principalmente literárias, por parte dos formandos e profissionais da saúde, apresentam-se como um instrumento transformador, detonador de um processo de *ampliação da esfera do ser*, elemento fundamental para a existência de uma efetiva humanização”.

A presente pesquisa está inserida neste projeto e encaixa-se na dimensão de seu âmbito mais “prático”; ou seja, de investigar de que forma a experiência estética e reflexiva, própria das Humanidades, pode contribuir para a humanização em saúde. No nosso caso, entretanto, esta experiência estética e reflexiva parte da vivência com a natureza.

1.4 - Laboratório de Humanidades: uma experiência com a humanização.

No âmbito da linha de pesquisa Humanidades e Humanização em Saúde, o Laboratório de Humanidades (LabHum) é uma experiência educacional investigada pelo projeto “As patologias da modernidade; remédios das humanidades” enquanto meio de humanização efetiva no âmbito da saúde. Ele surgiu na UNIFESP, Campus São Paulo, em 2003, atendendo uma demanda dos alunos do curso de medicina que, tendo experimentado em uma disciplina de graduação o impacto da leitura e discussão de livros clássicos da literatura universal, constituíram uma atividade extracurricular.

Tal experiência desenvolveu-se a ponto de se tornar curso de extensão e atividade de pesquisa, posteriormente disciplina eletiva da graduação e da pós-graduação sem, no entanto, conforme aponta Bittar (2011) perder suas características iniciais, especialmente a espontaneidade e o acolhimento.

Satisfação e crescimento pessoal parecem estar juntos na experiência do LabHum [...] Um dos elementos que logo se verifica é que uma das formas de combater a desumanização é combater a solidão e ensinar a compartilhar, isto é, para crescer como pessoa é preciso ter experiências, e estas devem ser compartilhadas. (BITTAR, 2011)

Nessa experiência, o afeto é algo que acontece. A experiência estética da leitura, discussão e compartilhamento de sentimentos, impressões e ideias suscitados pelas obras literárias mostrou de forma patente, o quanto as humanidades podem ser um efetivo meio de humanização. (GALLIAN, PONDE, RUIZ. 2012).

O processo afetivo e intelectual desencadeado pela experiência da leitura e desenvolvido pela dinâmica de compartilhamento e discussão completa-se na esfera volitiva suscitando mudanças de visão e atitudes; mudanças próprias de um movimento de “ampliação”, enfim de humanização. A experiência com o Laboratório de Humanidades leva a uma reflexão comprometida com a própria vida e com suas questões essenciais. O resultado disto não é conceitual. Não é possível ser o mesmo que antes, está irremediavelmente comprometido com aquelas vivências vivas.

O Laboratório de Humanidades, conforme explicado por Bittar, Sousa e Gallian (2013) é uma experiência estética das humanidades (concretamente da literatura) como meio de formação humanística e de humanização em Saúde. Trata-se de uma atividade que propõe a leitura e discussão de clássicos da literatura universal como meio de despertar a reflexão e contribuir para a formação humanística. Sua dinâmica ou metodologia se desenvolve em ciclos semestrais de leitura e discussão de dois a três livros. A obra escolhida previamente pelos coordenadores deve ser lida por todos que se matriculam no ciclo. Os encontros são semanais e têm duração de noventa minutos, sendo que a carga horária de cada ciclo semestral é de 28 horas. A dinâmica metodológica é dividida em três etapas. A primeira é a experiência estética provocada pela leitura. Nesta fase os participantes narram suas impressões, sentimentos, afetos acerca da leitura da obra de maneira livre e desimpedida de relatos técnicos literários. Esta etapa chamada de “*história de leitura*” leva à segunda, um *itinerário de discussão*.

O processo de reflexão desencadeado pelo compartilhamento das *histórias de leitura* possibilita um levantamento dos afetos e ideias que serão tratados de maneira sequencial como um *programa de investigação*, ou seja, será discutido nas reuniões seguintes seguindo uma determinada sequência (*itinerário*) as situações, personagens e questionamento. Bittar, Sousa e Gallian (2013) nos afirmam que é nesta fase que se desenvolvem as discussões mais importantes, girando em torno de personagens, percepções, atitudes, valores. Durante estes encontros, é muito frequente que a análise da obra remeta a situações da vida profissional e pessoal dos participantes, levando-os a refletir criticamente sobre sentimentos, atitudes e comportamentos próprios e alheios.

“É neste momento em que se percebe como a experiência estética, suscitando a reflexão, remete para a experiência vivencial, promovendo o exame crítico, a revisão de ideias, concepções e crenças. A comunicação entre arte, pensamento e vida se estabelece não apenas de forma intelectual, distante, mas de forma afetiva e efetiva, na medida em que gera um movimento de transformação”. (BITTAR, SOUSA, GALLIAN, 2013).

A terceira e última fase é o efeito humanizador que resulta de todo esse processo. Chamada *histórias de convivência*, esta fase coincide com a última reunião do ciclo e é o momento de encerrar o itinerário de discussão. Neste encontro é solicitado que cada participante faça uma análise sobre a experiência que vivenciou nas fases anteriores; experiência advinda da leitura do livro e, também, do compartilhamento de outras leituras, das impressões, opiniões e considerações ouvidas e trabalhadas ao longo do ciclo.

O LabHum e seus resultados vem sendo pesquisados em vários âmbitos e cenários. Inicialmente desenvolvido e estudado no meio acadêmico, ultrapassa esta fronteira e apresenta resultados positivos também no ambiente hospitalar, conforme pesquisa realizada por Giannoni (2013), onde ela conclui que o LaBHum “é um elemento promotor de formação humana e humanização na prática profissional e, assim sendo, pode ser proposto como instrumento educacional e formativo em instituições da área da saúde. Giannoni (2013) afirma que “a participação no Laboratório de Humanidades possibilitou a mobilização afetiva dos participantes e o desenvolvimento de um processo reflexivo que, muitas vezes, culminou em efetiva mudança das atitudes”. Resultados apresentados em pesquisa realizada por (BITTAR, 2011), (LIMA, GUZMAN, BENEDETTO, GALLIAN, 2014) “apontam para a ideia de que o processo

de humanização por meio da Literatura propicia a eclosão de ‘acontecimentos interpelativos’, ou seja, momentos de autorreflexão capazes de tocar o educando a ponto de que mudanças de visão e atitudes se incorporem naturalmente a seu dia a dia”

O caminho delineado pelo LabHum vem servindo como modelo e inspiração para outras iniciativas. Experiências com a Arte, Cinema, Fotografia e outras estão sendo desenvolvidas num esforço de compreender de que forma estas narrativas podem contribuir para a humanização em saúde.

Esta pesquisa é a primeira que, partindo dos mesmos referenciais teóricos e metodológicos do LabHum, procura investigar os efeitos de uma experiência estética e reflexiva da natureza numa atividade realizada a dez anos no Solo Sagrado de Guarapiranga, um roteiro turístico ambiental.

1.5 – Ao encontro do objeto de estudo.

Vivencio a história do Solo Sagrado de Guarapiranga desde 1974, quando o terreno de 327.500 metros quadrados foi adquirido pela Igreja Messiânica Mundial do Brasil. Particpei das primeiras caravanas de voluntários que se propuseram a ajudar recuperar o terreno, já que ele era utilizado como pasto de cavalos. No entanto, somente depois de quase trinta anos eu vim a trabalhar nele. Fui contratada em 2002 para trabalhar com as equipes de voluntários ligados ao setor de conservação. Minhas atribuições eram receber e desenvolver atividades para estes voluntários (milhares).

Nossas atividades estavam diretamente relacionadas a vários aspectos ambientais que logo começaram a me incomodar. Consumíamos muita água e gerávamos muitos resíduos. O Solo Sagrado foi concebido para ser um protótipo do paraíso, portanto, era um contrassenso atingir a própria criação. Desta forma comecei a buscar nos textos do fundador qual a razão da construção do Solo Sagrado. Foi uma grande descoberta: Mokiti Okada esclarece com profundidade a razão não somente da construção do Solo Sagrado, mas também a relação entre a natureza e o homem, sobre ao qual entrei em detalhes em momento oportuno. Com esta busca em compreender os textos de Mokiti Okada e vendo sua profunda relação entre o homem e a natureza, passei a pesquisar por conta própria as questões ambientais na busca de compreender melhor os textos do fundador e as relações com as questões ambientais. Isto me valeu significativamente anos depois quando vários pesquisadores e profissionais da área

passaram a procurar o Solo Sagrado para observar as tecnologias de sustentabilidade agregadas à construção e atividades. Na mesma época (2003), o setor de conservação passa a ser chamado de “meio ambiente” e foi decidido implantar um sistema de gestão ambiental. Eu trabalhava diretamente com o chefe do setor e, sendo assim, passei a estar na frente desta implantação. Não tinha nenhum conhecimento técnico do assunto. Assim sendo, ao mesmo tempo em que recebia milhares de voluntários, passei a receber também centenas de visitantes profissionais e pesquisadores da área ambiental, além de estar envolvida com a implantação de um sistema de gestão ambiental o qual não tinha conhecimento nenhum. Por todas estas razões voltei a estudar, mais de trinta anos depois de ter deixado os estudos. Prestei vestibular e passei, graduei como tecnóloga em gestão Ambiental.

A graduação me abriu uma grande porta em minha mente, comecei, através dela, compreender a natureza do Solo Sagrado e os textos do fundador. No entanto, se minha sede de conhecimento havia aumentado, minha alma não estava satisfeita. Fui fazer especialização: *Estudos da religião em interface com a educação*. O título da especialização me atraiu enormemente, pois que era justamente o que estava procurando: a relação da educação com a espiritualidade e, recém-saída da graduação em que a natureza, ou a criação era o enfoque, “isto caía como uma luva”.

Defendi a educação ambiental como abordagem de educação religiosa. Assim, respondendo à discussão sobre o estudo da educação religiosa em um país laico.

Procurei pesquisar a relação entre a religião e a ciência, a dessacralização da natureza e em consequência a dessacralização do próprio homem. Dentro destas pesquisas procurei compreender a relação emocional do homem com a natureza e pude observar que o afastamento do homem da natureza gerava nele um sentimento de solidão e de não pertencimento a nada, um sentimento de vazio.

Continuando minha caminhada, fui convidada a participar de um grupo de pesquisa na UNIFESP que pesquisava a humanização na saúde. Estudava a política nacional de humanização, a desumanização do ser humano e também o equívoco antropológico da perfectibilidade. Em suma, pesquisavam as causas da desumanização do homem a que eu vinha chamando, até então, de dessacralização, a consequência em sua saúde e também a formação do profissional da saúde que, envolvido neste complexo, estava obrigado a enfrentar este fenômeno estando da mesma forma, envolvido em sua causa.

Havia encontrado um lugar. Era isto! Estudavam o afastamento do homem da natureza conforme Mokiti Okada afirmava e, as consequências deste afastamento que era justamente o seu desequilíbrio, sua dessacralização, sua desumanização com reflexos em sua saúde.

O Solo Sagrado havia sido concebido para dar ao homem a oportunidade de encontrar consigo mesmo, ou com a sua própria humanidade e saúde.

Diante disso, vi na linha de pesquisa “Humanidades e Humanização em Saúde” coordenado pelo CeHFi: Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde e na linha de pesquisa “Avaliação, Currículo, Docência e Formação em Saúde” do Programa de Pós Graduação em Ensino em Ciências da Saúde, uma oportunidade de atender minhas inquietações e, de certa forma, continuar as pesquisas que havia iniciado na especialização. Através das pesquisas sobre as humanidades como caminho para a humanização eu pude ver respondida minha hipótese: o meio ambiente ou, a natureza é capaz de reconduzir o homem ao seu ser autêntico, humano, sagrado, sadio. E, através da linha de pesquisa Docência e Formação em Saúde, poderíamos, além de problematizar a formação atual propor uma abordagem também mais humanizada do profissional de saúde através das humanidades. Desta forma, interligando as duas linhas de pesquisa e tendo como objeto de pesquisa a experiência estética da natureza, poderíamos trazer uma resposta, não definitiva, mas, talvez, mais apropriada ou aproximada.

1.6 - Solo Sagrado de Guarapiranga: um breve histórico.

O Solo Sagrado de Guarapiranga possui uma área de 327.500m² e está localizado em uma Macrozona de proteção ambiental e, segundo o plano diretor da cidade de São Paulo, em uma ZPDS (Zona de Proteção e Desenvolvimento Sustentável) (SÃO PAULO, 2004). Desde sua inauguração em 1995, ele vem desenvolvendo atividades religiosas, culturais, educacionais, envolvendo cerca de 30 mil pessoas por mês.

Seu terreno foi adquirido em 1974 e trazia o solo degradado por heranças de agriculturas rudimentares e vegetação predominante de gramíneas pelo uso de pastagens. Em 1986, iniciaram as reuniões com arquitetos e engenheiros voluntários, para estudos dos anteprojetos e da filosofia de Mokiti Okada, buscando uma visão de

harmonia entre a criação de Deus e a criatividade humana. Segundo o acervo histórico do Solo Sagrado, em 1990 o primeiro levantamento de espécies arbóreas a ser plantado ficou concluído contendo 163 espécies que compuseram o primeiro trabalho de reflorestamento e recuperação de matas ciliares. Desde então já foram plantadas cerca de 70 mil árvores. Em seguida as obras de composição paisagística iniciaram. Hoje, o paisagismo conta com um viveiro que produz 70 mil mudas de flores/mês sem nenhum tipo de aditivo químico evitando desta forma a contaminação da represa por agrotóxicos.

Após a recuperação da flora, começaram a construção dos prédios e alamedas. Todas as construções seguiram critérios de conservação ambiental: janelas panorâmicas, tetos solares, clarabóias, além de implantação (em alguns prédios), de energia alternativa (solar e eólica). Foram implantados sistemas de captação de águas pluviais; todo efluente é captado e bombeado até a rede de tratamento da Sabesp; a pavimentação das alamedas foram feitas com pisos semipermeáveis e um sistema de coleta seletiva de resíduos é responsável pelo destino adequado de cerca de 84% do montante gerado, em média 50 toneladas/mês. Foi implantado um sistema de gestão ambiental baseado nas normas da ISO 14001/2004 que foi certificado em 15 de junho 2011.

O Solo Sagrado é considerado um modelo de preservação ambiental e o maior espaço de contemplação da natureza do Brasil (IGREJA MESSIANICA MUNDIAL DO BRASIL, 2016). Desde o início dos projetos a preocupação com os aspectos ambientais se fizeram presentes, mesmo porque, ele está situado em uma estratégica e importante área de manancial da cidade de São Paulo, responsável pelo abastecimento de cerca de 4 milhões de pessoas, e também o mais ameaçado.

Sua configuração paisagística foi baseada nas obras de Okata Korin, um dos expoentes máximos da arte nipônica e, indiretamente, um dos influenciadores do impressionismo europeu o qual era muito apreciado por Mokiti Okada.

Kioshu-Sama (2010), atual líder religioso da Igreja Messiânica Mundial, reitera que a construção dos Solos Sagrados tem como objetivo principal fazer com que o homem lembre sua verdadeira origem desperte para quem ele é e recupere sua espiritualidade. Segundo ele, o homem possui uma partícula divina, que ao contato com a natureza exuberante destes solos sagrados é ativada, acordada o que faz com que haja uma expansão de sua alma refletindo-se desta forma numa harmonização da vida física e emocional.

Através das atividades desenvolvidas, é possível verificar que acontece de fato uma emoção, um espanto, uma comoção proporcionada pelo contato com este espaço, que talvez pudesse ser chamado de uma legítima experiência estética, porém não com a literatura e sim com a natureza.

1.7 - Roteiro Ambiental: uma experiência estética com a natureza?

O roteiro ambiental do Solo Sagrado teve início no ano 2003, como meio de atender a demanda de profissionais e pesquisadores da área ambiental. No entanto, mesmo em se tratando de uma visita técnica para o conhecimento das tecnologias de sustentabilidade aplicadas às construções e atividades do Solo Sagrado, as pessoas encantadas com sua natureza exuberante passaram a voltar muitas vezes. Desta forma, um percurso e discurso desenvolvido para atender especialistas começaram a ser adaptados para atender outras expectativas.

Com a sanção da Política Nacional de Educação Ambiental, grupos de diversas escolas começaram a buscar este estilo de turismo voltado ao meio ambiente e, acontece com eles o mesmo encantamento ocorrido com os especialistas. A princípio, caravanas de escolas contavam apenas com uma ou duas classes, cerca de 40 a 80 alunos, porém, mais tarde, passaram a ser composta por toda a escola em todos os níveis de formação do maternal ao superior, chegando ao número de 1000 a 2000 alunos por escola. Este fenômeno começou a chamar a atenção e, observando de forma mais atenta, é possível perceber que durante o percurso acontece uma emoção, um espanto, uma comoção. O que estaria acontecendo? Porque estas pessoas estavam voltando e trazendo ainda mais pessoas?

Um percurso turístico ambiental desenvolvido para especialistas que em 2003 atendeu cerca de 150 pessoas fecha a estatística em 2012 com o atendimento de mais de 10.000. O que estaria provocando este fenômeno? Estaria o contato com a natureza despertando algum sentido talvez adormecido no íntimo destas pessoas? De que forma esta experiência estaria relacionada com a dinâmica desumanização/humanização que estávamos descrevendo anteriormente?

1.8 - LabHum e Roteiro Ambiental: duas experiências comuns?

Em 2011, recém-saída da especialização, participei da experiência com o Laboratório de Humanidades e, observando as sensações provocadas por ele,

experiência muitas vezes difíceis de serem expostas em palavras, percebi que eram semelhantes às acontecidas no Roteiro Ambiental. A experiência do percurso, compartilhamento das sensações e impressões provoca um afeto que leva as pessoas à reflexão e faz com que elas não saiam de lá da mesma forma. Percebe-se que elas passam a estar “comprometidas”, “contaminadas”, de alguma forma, com a própria vida.

Diante disto começamos a pensar na possibilidade de se adaptar a experiência do Laboratório de Humanidades para esta realidade que vivenciávamos no Solo Sagrado. Enfim, começamos a nos perguntar se seria possível, inspirados no modelo do LabHum, propor a humanização a partir da experiência estética e reflexiva com a natureza?

Segundo Marin e Oliveira (2005), quem vive a experiência estética não é um sujeito que capta e conceitua objetos distantes de si, mas é ser que se mistura às coisas e, da experiência delas, faz traduções que se compõem de algo além do conceito. Não seria este um movimento de humanização?

1.9 - A experiência estética na natureza.

Com base na minha experiência profissional no Solo Sagrado de Guarapiranga, Sede da Igreja Messiânica Mundial do Brasil, pude perceber que a natureza tem a capacidade de despertar o interesse pela vida e levar a pessoa a uma busca do reencantamento do mundo. Segundo Eliade (1999), para a maioria das pessoas a Natureza apresenta um encanto, um mistério, uma majestade. Eliade ainda afirma não haver homem moderno que não seja sensível aos encantos da Natureza.

Wilson (2008) afirma que os seres humanos têm uma ligação emocional inata com outros organismos vivos e com a natureza, a chamada biofilia que, significa literalmente, amor à vida. Sua teoria pode levar o homem a uma reflexão emotiva capaz de levá-lo a uma percepção profunda de seu papel, neste complexo meio.

O autor comenta que quando se conhece o mundo se sente dono dele, mas quando o conhece bem, passa a amá-lo e se sentir responsável por ele, sem esta postura é certo que, estaremos arriscados a perder o que resta da biosfera e, assim, perderemos o significado de pertencer à raça humana. Como diria Cornell (2008) na medida em que ficamos mais próximos da natureza, descobrimos que o tema de nosso estudo não é realmente a natureza, mas a vida e a nossa própria natureza.

Watanabe (1996), Presidente Mundial da Igreja Messiânica Mundial, na compilação dos textos de Mokiti Okada, fundador desta religião, desenvolveu sua filosofia, a qual afirma que o homem veio se afastando cada vez mais das Leis da Natureza e é necessário reconduzi-lo a ela.

Para Eliade (1999), aqueles que tiveram uma experiência espiritual sentem que toda a natureza nunca é exclusivamente natural, ela está sempre carregada de um valor espiritual. A natureza exprime algo que a transcende. A simples contemplação da abóboda celeste é suficiente para desencadear uma experiência espiritual. O céu revela-se infinito, transcendente. A categoria do supraterebre, do infinito, revela-se ao homem como todo, tanto à sua inteligência como à sua alma. É uma tomada de consciência total; em fase do céu, o homem descobre ao mesmo tempo a incomensurabilidade divina e sua própria situação no mundo.

Conforme nos mostra Eliade (1999) os Mitos ameríndios apontam um tempo antigo em que a terra (considerada mãe) produzia os homens da mesma forma que produz hoje, os arbustos.

Em várias línguas o homem é designado como aquele que nasceu da terra [...] até entre os europeus de nossos dias sobrevive o sentimento obscuro de uma solidariedade mística com a terra natal [...] E este sentimento de estrutura cósmica ultrapassa em muito a solidariedade familiar ancestral [...] O rito da deposição na terra implica a ideia de uma identidade substancial entre a raça e o solo. (ELIADE, 1999. pp.117-118).

Wilson, neste sentido explica:

[...] existimos como um milagre orgânico ligado a outros [...]. Um sentido de unidade genética, de parentesco, de vida comum, nos une a outras espécies que habitam a Terra [...] (Wilson, 2002. pp. 60-153).

A natureza apresenta um encanto, um mistério, onde podemos perceber os traços dos antigos valores religiosos. O cosmos vive e fala. A própria vida do cosmos é uma prova de sua santidade, pois ele foi criado pelos deuses. Para o homem religioso o cosmos é totalmente organizado, e graças a sua contemplação, como por exemplo, a

contemplação das fases da lua, ele toma consciência de seu próprio modo de ser no cosmos e de suas possibilidades de sobrevivência. (ELIADE, 1999).

Desta forma este homem se concebe como um microcosmos. Ele faz parte da criação dos deuses, ou seja, ele reencontra em si mesmo a santidade que reconhece no cosmos. É evidente que, assim, sua vida possui uma dimensão a mais, não é apenas humana, é ao mesmo tempo cósmica, visto que tem uma estrutura trans-humana. O homem religioso nunca está sozinho, pois, ele é uma parte do mundo, ele se conhece conhecendo o mundo.

Schiller (1991 abud MOSÉ 2013) acreditava que o homem era determinado pelas forças da natureza e, quase sempre, perde para ela.

O homem veio lutando contra a natureza e fragmentando-a, no afã de tentar conhecer ou dominar o mundo, desta foram ele vem perdendo para ela. Porém, através do senso estético, conforme acredita Mosé (2013), ele pode não mais lutar contra o mundo, o que significa em não o fragmentar, mas se ver como parte dele. É a consciência de si como provisório, que faz o homem sofrer. No entanto, este homem se sentindo parte do todo, seu sofrimento, sua solidão particular perde importância e ele, então, vence a natureza, não pela força, mas, pelo puro exercício da liberdade moral que fortalece, amplia, alarga a alma. (MOSÉ, 2013).

Segundo Mosé (2013) a dimensão estética é o lugar por excelência do sentir. O sentir estético diz respeito a como nos sentimos em relação ao mundo, não diz respeito ao mundo, por isto se dá no domínio da liberdade e não da necessidade.

Nossa capacidade estética é uma das três dimensões essenciais da razão pura, que, para exercer o seu domínio, como razão teórica, prática ou estética, precisam da integração destas três faculdades: sensibilidade, imaginação e entendimento. A cultura deve, por isso, cuidar para que a razão se institua pelo desdobramento integrado dos diferentes domínios que a compõe, o que exige uma mobilização integral das potencialidades do humano. Um caráter pleno é aquele no qual a saúde da cabeça, do pensamento, e a pureza da vontade, do corpo, formam um todo. (MOSÉ, 2013 p. 70).

Mosé (2013), observa que Schiller percebia fragmentados a totalidade dos diferentes domínios do humano, os quais estavam perfeitamente integrados na cultura grega arcaica. No entanto, para encontrar conhecimento, esta cultura separou-se da sensação e da intuição, por um lado ela ganhou, por outro, o homem perdeu e tornou-se vítima dela.

A unidade interior da natureza humana se rompeu produzindo uma luta sem fim do homem consigo mesmo: o que nele é natureza, seus instintos, seu corpo, luta com o que nele é cultura, seus valores morais, seu pensamento.

Fragmentado pela razão que a tudo separa, o homem torna-se cada vez mais escravo, já que, para encontrar a liberdade, diz Schiller, ele precisa encontrar a totalidade de seu caráter.

A mais urgente necessidade de nossa época parece ser o enobrecimento dos sentimentos e a purificação ética da vontade. Somente a cultura estética é capaz de cuidar da purificação dos sentimentos: a arte elabora os afetos, desdobra-os e refina-os.

Para Schiller (1991 abud MOSÉ 2013), as artes do belo e do sublime, vivificam, exercitam, refinam a faculdade de sentir, levando-nos a gostos cada vez mais elaborados, até sermos capazes de atingir a pura contemplação das formas, em que se dá o exercício pleno da liberdade.

Schiller (1991 abud MOSÉ 2013) afirma que “se queremos contar com a conduta moral do homem como um sucesso natural, esta conduta deve ser da natureza do homem para que os próprios impulsos o levem a uma espécie de comportamento que em si seria consequência do caráter moral”. Mosé (2013, p. 71), esclarece que desenvolver o sentido estético significa apostar nas qualidades superiores do homem, em sua razão, sua sensibilidade, sua ação, sua liberdade. Não é conhecer nem querer o fundamento da vida, mas sentir. Conhecer e querer diz respeito à necessidade; somente o sentir é enfim, livre. Somente o sentir pode ser pleno e livre, e este sentir se dá no estado estético. O senso estético, o elemento que nos falta em nossa cultura teórica, é fundamental para fazer a ponte entre os instintos e a moral, ele é o mais eficaz instrumento da formação do caráter, porque é capaz de, por meio do desenvolvimento da sensibilidade, vencer a ênfase no intelectualismo. A formação das forças individuais não deve sacrificar a totalidade, por isso a educação do sentimento é a necessidade mais urgente de nosso tempo. (MOSÉ 2013 p. 71).

Mosé (2013) afirma, a partir da compreensão das obras de Schiller que, somente pelo desenvolvimento do senso estético a humanidade pode alcançar seu pleno desenvolvimento. O homem só é plenamente homem quando dá vazão ao impulso lúdico, fonte do equilíbrio entre o racional e o sensível. O homem verdadeiramente culto, não nega a sua natureza sensível, quer dizer, o triunfo moral não deve ser alcançado pela supressão dos impulsos, ao contrário, é somente afirmando os instintos, por meio da arte, que a moral pode efetivamente se dar. Não como imposição legal ou

religiosa, não como coação, mas por meio da adoção orgânica e consentida de limites, que não existiriam para diminuir o homem, mas para potencializá-lo. Gerando desta forma o que estamos chamando e, que Coelho afirma, como *ampliação da esfera da presença do ser*, elemento fundamental para desencadear uma efetiva humanização.

1.10 – Objetivos Gerais

Investigar o potencial humanizador da Experiência Estética da Natureza no Solo Sagrado nos profissionais da área da Saúde.

1.11 – Objetivos específicos

Explicitar a experiência estética e seu potencial humanizador.

Estruturar e aplicar uma atividade educativa para profissionais da saúde inspirada no modelo do Laboratório de Humanidades partindo de uma experiência estética e reflexiva de contemplação da natureza no Solo Sagrado.

Gerar um registro de memórias através das narrativas da experiência dos participantes do projeto.

Identificar a natureza como possibilidade de humanização na formação dos profissionais da saúde.

II - METODOLOGIA

2.1 - Metodologia da experiência de campo

Este estudo foi submetido e aprovado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo e todos os colaboradores da pesquisa concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2). É importante ressaltar que todos os participantes, apesar de no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido estar informando que suas identidades seriam protegidas, manifestaram o desejo de se manterem identificados, inclusive nas imagens apresentadas. Para que tal se procedesse foi desenvolvido e assinado um documento dando plena autorização para a revelação da identidade e uso da imagem (Anexo 4).

Nos dias 11 e 12 de janeiro; 08 e 09 de fevereiro e 08 e 09 de março, iniciamos com 13 profissionais da área da saúde a pesquisa sobre os afetos provocados pelo

contato com os jardins do Solo Sagrado. Dez colaboradores participaram dos três encontros e três apenas de um, tal e qual planejado pela pesquisa. Eles chegaram pela manhã e hospedados pernoveram no Solo Sagrado. O grupo definido para participar deveria estar envolvido de alguma forma com a área da saúde. A intenção era de que, parte do grupo já o conhecesse e parte não. Desta forma a equipe foi composta da seguinte forma: seis enfermeiros; três agentes de saúde; dois docentes; uma farmacêutica e uma médica. Destes, sete participantes estavam no Solo Sagrado pela primeira vez; uma já era voluntária do espaço há cerca de 20 anos; dois estavam na segunda visita e três já haviam visitado várias vezes.

NOME	PROFISSÃO	PRESEÇA NO SOLO SAGRADO
Luziete	Farmacêutica	1ª vez
Stefânia	Médica	1ª vez
Felipe	Enfermeiro	1ª vez
Lindinalva	Enfermeira	1ª vez
Alice	Docente	1ª vez
Aline	Enfermeira	1ª vez
Ligia	Enfermeira	1ª vez
Nara	Enfermeira	2ª vez
Odete	Enfermeira	2ª vez
Leandro	Agente de Saúde	Várias
Joana	Agente de Saúde	Várias
Helcio	Docente	Várias
Roseli	Agente de Saúde	Voluntária à 20 anos

A pesquisa deveria seguir uma programação pré-determinada quanto ao itinerário a ser percorrido e o que deveria ser comentado durante ele, tendo em vista o objetivo de seguir a metodologia do LabHum. Seguindo esta metodologia, o primeiro encontro deveria ser o de *história de leitura*, desta forma eles deveriam ficar o mais à

vontade possível para que, por si só, percebessem o espaço, sem interferências. O segundo encontro seria o *itinerário de discussão* baseado no que fora falado no encontro anterior e o terceiro e último seria o de “*história de convivência*”, onde os participantes descreveriam o que foi a experiência para eles e a convivência entre os participantes. Conforme o planejado no nosso primeiro encontro, fizemos uma breve apresentação sobre a pesquisa e os participantes se apresentaram e expressaram suas expectativas para com ela.

A programação pré-estabelecida foi a que se segue:

Dia 11 de janeiro:

- ✚ 8:30 – Chegada – estacionar na plataforma 9,10 e 11
- ✚ 8:45 – Recepção de caravanas – Apresentação dos participantes, breve apresentação da pesquisa;
- ✚ 9:00– Início da caminhada pelo Caminho do Paraíso;
- ✚ 9:15 – Dinâmica de percepção da água no Espelho D’água;
- ✚ 10:00 - Templo;
- ✚ 10:30 - Lago das Carpas;
- ✚ 11:00 – Trilha “Caminho da Mata”, percurso inferior;
- ✚ 11:20 – Praça do Amor; primeira discussão;
- ✚ 12:20 – Subir com os carros até o alojamento;
- ✚ 12:30 – Almoço - Refeitório;
- ✚ 13:30 – Alojamento;
- ✚ 14:30 – Trilha Cega – Centro Cultural;
- ✚ 15:20 – Trilha “Caminho da mata”, percurso superior;
- ✚ 15:40 – Encontre a árvore – Praça do Amor;
- ✚ 16:30 – Praça do Amor; segunda discussão;
- ✚ 17:00 – Livre – preparação para o jantar;
- ✚ 18:30 – Jantar - Refeitório;
- ✚ 20:00 – Templo, contemplação da abóboda celeste;
- ✚ 20:30 – Templo; terceira discussão;
- ✚ 21:00 – Recolher-se ao alojamento.

Dia 12 de janeiro

- ✚ 7:30 – Café da manhã – Refeitório;

- ✚ 8:30 – Recepção de caravanas – História do Solo Sagrado; dinâmica de recepção;
- ✚ 9:00 – Caminho do Paraíso – Paisagismo, acessibilidade - Dinâmica no Caminho do Paraíso;
- ✚ 9:30 – Final do Caminho do Paraíso desenvolvimento da dinâmica Reflexão da água no Espelho D'Água;
- ✚ 9:45 – Escadas Arco Íris;
- ✚ 10:00 – Templo; No Templo, desenvolvimento da Reflexão no Templo, “contemplação da abóboda celeste”;
- ✚ 10:30 – Trilha cega – da Praça do Amor até a Praça da Felicidade;
- ✚ 11:00 – “Encontro Consigo no encontro com a árvore, na observação do entorno e no “silêncio”- Orla da Represa;
- ✚ 11:30 – Compartilhamento da experiência – Praça da Felicidade, parte superior;
- ✚ 11:45 - Relatório escrito da experiência – Pelo Jardins do Solo Sagrado;
- ✚ 13:00 – Almoço – Refeitório;
- ✚ 14:00 – Retorno aos lares.

Buscamos detalhar o mais possível a programação, a fim de conduzi-la da melhor maneira possível fazendo paradas e discussões em todos os espaços assinalados pelo itinerário.

Dentro do itinerário está o Caminho do Paraíso. Ele é uma estrada sinuosa ladeada por árvores e gramados, representa o elemento Terra e a própria vida com seus altos e baixos; sua sinuosidade. A sinuosidade do caminho e a densidade da vegetação torna o Caminho do Paraíso um espaço mais fechado como se mais pesado representando a própria materialidade. Ele encerra em uma cortina de água de cerca de 50 metros de comprimento composto de três quedas de água e três lagos. Neste espaço foi sugerido aos participantes que, com os olhos fechados, atentassem para o som da



água por cerca de três minutos, após isto deveriam entrar em silêncio e somente então discutiríamos sobre nossas sensações.

Seguimos, após a passagem pelo espelho d'água, rumo ao Templo, uma imponente construção com uma nave (espaço destinado aos cultos religiosos), a céu aberto para 25 mil pessoas, circundado apenas por colunas de concreto aparente, em que, nas palavras de seu idealizador, Revmo. Tetsuo Watanabe, presidente da entidade: *As paredes são a própria natureza e o teto é o céu infinito*, permitindo assim uma interação com o ambiente natural, em qualquer circunstância.

Neste espaço sugerimos que cada participante sentasse aos pés de uma das colunas e ali ficassem por alguns minutos, depois disto novamente foram instigados a falar sobre suas sensações



A partir do Templo a programação prevista começou a sofrer adaptações, não nos dirigimos de imediato ao Lago das Carpas, paramos antes no Caminho do Riacho e ali permanecemos por alguns minutos sentados às margens do Riacho, somente depois desta pausa fomos até o Lago das Carpas, ali, em duplas, nos sentamos um de costas para o outro a fim de nos sustentarmos no outro.



Em seguida desta atividade, nos dirigimos à área onde seria realizada a “Trilha Cega”.

A Trilha Cega é uma dinâmica em que os participantes ficam vendados guiados apenas por uma corda que é amarrada unindo várias árvores. Desta forma os participantes, tateando a corda chegam até as árvores percebendo sua textura e detalhes, da mesma forma é preciso concentrar-se na irregularidade do piso, que ora é plano ora acidentado fazendo com que o participante precise andar devagar e mais atenciosamente.



Os que veem na frente precisam ser mais atenciosos porque deverão orientar os que veem depois, mesmo estando de olhos fechados.

Em seguida atravessamos a Trilha da Mata: uma trilha fechada de cerca de 500 a 600 metros; encerrando-a na Praça do Amor onde desenvolvemos uma nova dinâmica. Esta dinâmica realizada na Praça do Amor foi chamada “Encontre a árvore”, trata-se de uma atividade em que os participantes a executam em duplas. Um, venda o outro e o leva até uma árvore à sua escolha, depois este, trazendo-o de volta ao local de origem, retira a venda e pede para que ele, agora, com os olhos abertos, encontre a árvore. Após esta primeira etapa as posições se invertem, o primeiro a ser vendado agora venda o segundo e procede da mesma forma.



Como última atividade, à noite, por volta das 20h00min nos reunimos novamente no Templo, onde deitados no piso observamos o céu estrelado.

Havíamos programado parar para discussões apenas três vezes. No entanto, acabamos parando a cada etapa e dinâmica executada, discutindo sobre as sensações provocadas por aquele espaço em específico e aquela atividade específica. Neste formato foram suscitadas muitas impressões e relatos que em grande parte compuseram o caderno de campo. No segundo dia de encontro, dia 12 de janeiro a programação pré-estabelecida se manteve sem alterações.

Nos encontros que se seguiram nos dias 08 e 09 de fevereiro e 08 e 09 de março mantivemos apenas uma parte do itinerário (a que mais afeto provocou), sendo: Caminho do Paraíso; Espelho D'Água; Templo; Caminho do Riacho e Lago das Carpas e as dinâmicas desenvolvidas nestes espaços.

2.2 - Metodologia da produção das fontes (caderno de campo, relato de experiências, história oral de vida).

Para coleta dos dados que seriam minha base de análise, usamos técnicas advindas tanto da antropologia, no caso a *observação participante* (GEERTZ, 2009) como da História Oral de Vida (MEIHY, HOLANDA, 2007). Usamos também relatos redigidos pelos participantes após o término de cada encontro. Combinando, observação participante, relatos da experiência e história oral de vida, foi possível uma visão mais ampla da experiência em três tempos, como tem sido comum nas pesquisas do grupo Humanidades, Narrativas e Humanização em Saúde. Esta dinâmica metodológica nos permitiu perceber o impacto da experiência no momento em que ela estava acontecendo, logo em seguida ao seu término e, seis meses depois, quando realizamos as entrevistas. Dessa forma foi possível analisar a influência da experiência, em um contexto mais amplo da vida como um todo.

Observação Participante

Não se apreende o exótico recuando das imediatidades do contato para as simetrias do pensamento [...] ele é apreendido quando o sujeito se deixa perder, ou deixa perder a alma, nessas imediatidades. (GEERTZ,2009. p. 103).

Malinowski (Apud GEERTZ,2009) orienta “*deixar de lado a máquina fotográfica, o caderno de notas e o lápis, e participar pessoalmente do que estiver acontecendo*”. Levando em consideração, inclusive, meu envolvimento pessoal com a pesquisa em se tratar de um trabalho já executado por esta pesquisadora, naturalmente não se deixou de atentar para o alerta de GEERTZ que coloca para o autor a responsabilidade diante dos relatos observados, é assumido, desta forma, um compromisso honesto do “Estar Lá” de participar como “testemunha ocular” numa história de relato deles sem tentar disfarçar ou omitir a subjetividade do autor. Assim, observamos o fenômeno em si, de forma que pudéssemos trazer a fala dos envolvidos como fonte primária de produção de sentido.

Nosso trabalho é reflexivo, assim sendo, buscamos entender o fenômeno de forma teórica, no entanto, queremos que essa teoria surja do fenômeno e não do observador.

Fizemos uso de um gravador para registrar todas as conversas que poderiam surgir tanto durante o percurso como durante as discussões, além de que também, para registro das entrevistas que ocorreriam posteriormente.

Além destes, seguindo uma metodologia utilizada no Laboratório de Humanidades, sugerimos aos participantes escreverem um relato com suas reflexões pessoais a partir do que foi vivenciado e discutido na experiência. Finalmente, após a conclusão das atividades, foram realizadas entrevistas segundo a abordagem da História Oral de Vida.

Rocha (2012) indica que, em uma pesquisa qualitativa, a escolha da metodologia deve ocorrer em conjunto com a caracterização do objeto para lhe oferecer, inclusive, uma ancoragem teórica. Nesta perspectiva, estas abordagens metodológicas completam-se com o método da História Oral de Vida.

História Oral de Vida.

Observamos, conforme esclarece Holanda e Meihy (2007)

A história oral se caracteriza por ter a fonte oral como principal ou única documentação, enquanto a história oral de vida, que partilha também deste princípio, pressupõe ainda, relatos abertos, onde o entrevistado relata sua trajetória de vida. (HOLANDA e MEIHY, 2007. In: BITTAR 2012).

Optamos pela História Oral de Vida (MEIHY, 2005), uma vez que, como o próprio nome indica, esse gênero permite uma maior intensificação das narrativas por levar em conta o conjunto de experiências de vida de uma determinada “Comunidade de Destino”,

A história oral pode ser compreendida como uma metodologia de pesquisa em que sujeitos comuns podem ser ouvidos, convencendo-os de que suas histórias são fundamentais para a compreensão de determinada realidade. Não se trata da busca por uma verdade única sobre determinado tema, ao contrário, o importante é “a forma, a maneira como os acontecimentos e marcos de ontem e de hoje estão sendo elaborados pela memória na construção de relatos e imagens significativas” (GALLIAN, 2008, p. 21). Para Meihy, História Oral é um recurso moderno usado para a elaboração de

documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma “história do tempo presente” e também reconhecida como “história viva”. (MEIHY, 2005, p.17).

A princípio, segundo o definido pela pesquisa, seriam apenas cinco entrevistas, porém, todos os participantes queriam ser entrevistados. No entanto, devido a limitação de tempo e distancia foram realizadas oito entrevistas. Estas entrevistas como já mencionado foram gravadas, posteriormente foram transcritas, textualizadas e transcriadas. A transcrição é o processo que se transcreve todo o material gravado integralmente. Posteriormente o material transcrito é textualizado, ou seja, na *textualização*, são feitas eventuais correções gramaticais, minimização de vícios de linguagem, rearranjos e as intervenções verbais do pesquisador são integradas ao texto em primeira pessoa com o objetivo de conferir fluidez à sua leitura, em seguida este texto é transcrito.

“A transcrição nos aproxima do sentido e da intenção original que o colaborador quer comunicar” (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 135). Nela, a entrevista passa a ser definitivamente somente a fala do colaborador. A entrevista se transforma em uma narrativa pessoal. É um “[...] ato de recriação para comunicar melhor o sentido e a intenção do que foi registrado” (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 136). Por serem as recriações feitas pelo pesquisador, elas são devolvidas aos colaboradores para que assim se garanta que eles as corrijam e se reconheçam em suas próprias falas.

O colaborador é quem confere e aprova o texto final. Após as conferências por parte dos colaboradores estarem concluídas, foram pedidas as assinaturas da documentação pertinente à parte ética da pesquisa.

2.3 – Análise de dados

A análise dos dados aconteceu à luz da *Imersão/Cristalização* proposta por Borkan (1999) e muito utilizada em pesquisas etnográficas. Requer que o pesquisador reflita profundamente sobre sua motivação para realizar a pesquisa. Em meu caso, a motivação vinha do fato de se tratar de uma atividade realizada por mim ao longo de dez anos, onde pude perceber resultados expressivos que, talvez, possam vir ao encontro das buscas por respostas que nos levem a uma formação verdadeiramente humanizada na área da saúde.

Reconhecida as razões que o levaram a desenvolver um projeto com determinado objeto, em um determinado contexto, o pesquisador lança mão de sua intuição, cognição e emoção para mergulhar, isto é, emergir nos dados obtidos.

São realizadas leituras, releituras e revisão dos dados obtidos, incluindo os registros do caderno de campo.

Neste processo, é comum o pesquisador sentir-se paralisado ao se deparar com a dificuldade de interpretar os dados na sua complexidade. É momento de vivenciar o que o autor chama “atenta desatenção”, ou seja, é necessário se afastar dos dados, compartilhar a experiência com outros pesquisadores, ou, conforme ele afirma, aproximar-se da literatura, das humanidades, para que desta forma emergja também a inspiração. Como um tempo necessário à espera da cristalização das categorias de análise emergentes. Elas surgem, da vivencia do pesquisador a partir do contato com o campo, com os colaboradores, com a bibliografia e com os dados obtidos.

Na pesquisa realizada, os dados obtidos foram, além dos relatos escritos, as falas gravadas durante o desenvolvimento da pesquisa, as que contribuíram com os registros do caderno de campo e, as oito entrevistas. Assim, buscamos ouvir as falas convergentes e alinhava-las com a literatura. Assim sendo, na *Imersão/Cristalização* as categorias emergentes responderam as inquietações motivadoras da realização da pesquisa.

III – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procuramos realizar as entrevistas seis meses depois da experiência. Por meio do processo de análise de dados proposto pela *Imersão/Cristalização*, encontramos um precioso universo de significados. Conforme já mencionamos 13 pessoas participaram da pesquisa dez participaram dos três encontros e três apenas de um. Pouco consegui gravar em função do Solo Sagrado ser um imenso jardim e o som se dissipar. No entanto, o pouco que gravei das falas acontecidas no percurso e, os relatos apresentados, acredito, falam muito. Elas vêm falando de busca por equilíbrio, paz interior, medo. Estas falas foram mudando, conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, o percurso foi acontecendo, os dias foram passando.

O primeiro encontro é marcado por um misto de espanto e comoção com medo e desconfiança que aos poucos vão moldando as falas dos participantes, como se eles começassem a caminhada meio travados, desconfiados:

Quando cheguei aqui meu primeiro pensamento foi: que lugar é este? O que vim fazer aqui? Que pessoas são estas? Não sabia o que exatamente iria acontecer. (Colaboradora Aline no Relato da experiência).

Fui trazida para cá meio sem saber o que ia acontecer, com o intuito de participar de uma pesquisa científica.....Tudo muito racional a princípio. (Colaboradora Stefânia no Relato da experiência).

É possível observar nestas falas certo sentimento de desconfiança e autodefesa, como se estivessem armadas colocando-se na defensiva de algo que talvez acontecesse. Elas falam de *um não sabia o que iria acontecer*, como se quisessem com o conhecimento do acontecimento se proteger. No entanto, a beleza envolvente do espaço por si só aparentemente as desarmou, despiu-as de uma proteção imaginária criada, de uma *courosa espessa* conforme mencionado por uma das colaboradoras:

Porém, aqui chegando entrei em contato com um novo mundo em que se passa por diversas “esferas” estratificadas aonde vamos entrando e nos despindo de couraças espessas pelo o que a resiliência chama de “ser forte”. (Colaboradora Stefânia no Relato da experiência).

É possível perceber também uma fala que se repete quanto à menção de *um mundo lá fora*. Ao entrarem no Solo Sagrado, aparentemente os participantes sentiram-se como que entrando em um mundo paralelo, em outra dimensão; desta forma expressam-se como se houvessem dois mundos: o mundo da vida onde se é obrigado a viver e para isto a necessidade de se criar artimanhas e defesas e, um mundo onde se gostaria de viver (que também é real), no entanto onde se pode e deve viver livre, de forma verdadeira, autêntica e sem artimanhas e defesas.

Uma terceira imagem que chama a atenção neste sentido e que começa a surgir a partir da metade do percurso é a da sensação de acontecer uma limpeza durante a caminhada.

É como se eu fosse o rio Tiete que nasce limpo e no decorrer de sua caminhada adentrando São Paulo fosse se sujando e, continuando sua trajetória para o interior, **voltasse a se limpar** [...] O contato com a natureza gera um sentimento de **limpeza**

interior. (Colaboradores Helcio no Caderno de campo e Felipe no Relato da experiência).

Estas três falas que emergem dos relatos e do material gravado durante o percurso: *mundo lá fora*; *sensação de limpeza* e *despindo couraças espessas*, me levam a acreditar que as pessoas a princípio se sentem sujas por alguma razão, criam em si couraças protetoras e precisam se retirar do mundo para livrar se delas e voltar ao seu ser original, limpo, verdadeiro, feliz e em paz. Como se este *mundo lá fora* fosse um mundo que obriga a viver de aparências e estas aparências sujam o sentimento fazendo a pessoa viver aquilo que não é e, neste mundo *aqui* (Solo Sagrado) elas podem ser elas mesmas, limpas, verdadeiras.

A partir destas características, emergidas nos relatos e gravações, pretendemos refletir:

✚ Mundo lá fora!

...esses dois dias de intenso contato com a natureza, certamente irão refletir em minhas atitudes no mundo lá fora. (Colaborador Felipe no Relato da experiência).

✚ Sensação de limpeza;

... o contato permanente com a natureza gera um sentimento de limpeza interior. (Colaborador Felipe no Relato da Experiência).

✚ Despindo couraças espessas;

...estou surpreendida com o que esse local é capaz de fazer dentro da gente [...]. Meus sentimentos foram muito confusos ao longo do dia. Porém, agora, neste momento estou saindo livre e em paz. (Colaboradora Nara no Relato da experiência).

✚ O encontro com a paz interior e o equilíbrio.

Ao passar pelo caminho do paraíso e ao chegar no templo surgiu um sentimento de paz, uma sensação de bem com o mundo. (Colaboradora Aline no Relato da experiência).

Com relação às entrevistas, outras características emergem:

✚ O sentir e o tempo

Com o tempo a sensação não se perde. Não para mim. Toda vez que eu me lembro de lá eu sinto uma emoção muito grande. (Colaborador Leandro na Entrevista).

✚ Despertar do sentir através da beleza da natureza

Eu me senti assim..., emocionada lá, tocada por algo. Sabe? Tem coisa assim... que não dá para explicar, só dá para sentir. (Colaboradora Joana na Entrevista).

Observando as imagens que emergem das falas, pode-se perceber a caracterização de três grandes temas: a emoção, o impacto do primeiro momento, do primeiro contato com o Solo Sagrado (o que nos leva a comparar com o primeiro afeto provocado pela leitura dos clássicos no LabHum, como evidenciado por Gianonni (2013); a reflexão que este impacto provoca e que leva a um *despertar de si mesmos* e também a uma nova consciência do outro (o que, novamente, nos leva para o que se pode encontrar nos estudos sobre o Laboratório de Humanidades); e, finalmente, num terceiro nível, a mudança na maneira de *ver o mundo lá fora*. Neste sentido, elencamos estes três temas: O impacto do primeiro momento; A reflexão causada pelo contato com a natureza e a mudança de visão de mundo.

Pudemos perceber que algumas das características anteriormente mencionadas acontecem distintamente em um destes três momentos da pesquisa e outras, em todos. Por exemplo, as falas de “*Mundo lá fora*” se repetem tanto no caderno de campo como nos relatos e também nas entrevistas, refletindo-se nos três temas elencados. Ao que nos parece que esta sensação de “*dois mundos*” é algo que se mantem ao longo do tempo. A sensação de limpeza, no entanto, somente aparece no primeiro estágio, no impacto do primeiro momento e se reflete apenas nos relatos e caderno de campo, o que nos leva a crer que, a pessoa para poder entrar em um estágio de reflexão, à princípio, precisa estar livre de *sujeiras*. O encontro com a paz e equilíbrio também são sentimentos que não se perdem com o tempo. Neste sentido aparentemente o que mais afeta fica e é lembrado, sedimentado no tempo.

3.1 - O Impacto da experiência: o encontro consigo mesmo.

O primeiro contato com o Solo Sagrado, conforme refletido nos relatos dos colaboradores e no caderno de campo, apontam uma emoção mista de medo, tristeza, alegria, desconfiança, que ao final vão se transformando em paz, tranquilidade e equilíbrio.

Meu Deus!!! É assim que quero começar meu relato. Estou surpreendida com o que esse local é capaz de fazer dentro da gente. Meus sentimentos foram confusos, misto de tristeza, alegria, dúvida, fé, não sei o que há, senti como se estivesse dentro de um liquidificador. Porém, agora, neste instante, estou saindo livre, em paz. (Colaboradora Nara. Relato da experiência)

Ao que nos parece, os sentimentos vão surgindo desorganizados e intensos como se tivessem sido represados por muito tempo. É possível aqui identificar aquilo que Carvalho (2011) aponta como manifestação da “crise dos sentidos” que, ocorre pelo *silêncio olfativo*, pela *hipertrofia da visão* e também pelo *atrofiamento da sensibilidade tátil*. De certa forma, também nos leva a pensar nos primeiros afetos provocados pela leitura dos clássicos literários no LabHum, os quais, surgem também confusos e intensos, conforme nos aponta Gianonni (2013):

O primeiro encontro foi muito impactante, alguns participantes relataram suas histórias de vida, houve comoção geral, as pessoas se emocionaram e alguns choraram [...] é nítido o quanto as emoções destes profissionais estão represadas, o que no dia a dia pode ser um dificultador para que estes profissionais possam lidar com os pacientes [...]. (GIANONNI, 2013)

De acordo com estas sensações pudemos elencar cinco subgrupos:

3.1.1– O Mundo lá Fora!

A gente se desligou totalmente da realidade.
(Colaboradora Stefânia na entrevista).

Conforme pode-se observar, a colaboradora se exprime como se o mundo vivenciado no Solo Sagrado não fosse real e a realidade fosse apenas a vivida fora deste espaço. Nesta visão, segundo PEREIRA (2006), na resenha do livro de Jean Marc Besse

“*VER A TERRA: SEIS ENSAIOS SOBRE A PAISAGEM E A GEOGRAFIA*”, a paisagem representa a desorientação radical e a perda de referência, o que significa que, a paisagem, ao contrário do espaço, está ligada a existência de um horizonte, ela pressupõe a coexistência do aqui e do além, do visível e do oculto, de duas realidades. A paisagem se opõe tanto ao espaço geográfico, cartográfico, da representação, quanto ao espaço “vivido”, o espaço uso. A paisagem descentra, desloca-nos do centro que ocupamos no espaço, porque na paisagem não se sabe propriamente onde se situar, não se sabe onde se colocar, não se sabe onde está. Para ele a paisagem é simplesmente e essencialmente invisível, o não objetivável, não pode ser conhecida nem habitada. A paisagem nos devolve, nessa concepção, um mundo perdido para e pela Modernidade. A paisagem permite manter uma relação viva entre o homem e a natureza que o envolve imediatamente. A paisagem recupera o “mundo da vida”.

Esses dois dias de intenso contato com a natureza, certamente irão refletir em minhas atitudes no mundo lá fora, fazendo com que a paz e a harmonia sejam praticadas com as pessoas do meu redor. (Colaborador Felipe no Relato da experiência).

Nossos narradores relatam, quase unanimemente, que ao entrar no Solo Sagrado, a pessoa sente como se estivesse fora do mundo, ou em um mundo paralelo, ou no paraíso, como vão mencionar alguns.

De acordo com o esclarecido por Eliade (1999, p. 25), há um espaço sagrado e, por consequência, forte, significativo, e, há espaços não sagrados e, por consequência sem estrutura nem consistência. Segundo ele, essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre espaço sagrado, o único que é real, que existe realmente, e todo o resto que o cerca. Talvez seja esta a razão para a sensação da existência de dois mundos, um sagrado e outro não sagrado.

A experiência da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a “fundação do mundo”. Quando o sagrado se manifesta, há uma rotura do espaço e também uma revelação de uma realidade absoluta, que se opõe a não realidade da imensa extensão envolvente.

De acordo com nossos colaboradores, a pessoa *esquece-se da vida e nem se lembra que existe um mundo lá fora*. É como *se existisse uma barreira que impede de lembrar que existe um mundo lá fora* (Colaborador Helcio no Relato da experiência).

Okada (2002, p. 91) neste sentido nos esclarece que, “encantada com a atmosfera tão diferente do mundo a que está acostumada, qualquer pessoa, ao entrar no Solo Sagrado, esquece-se de tudo e até pensa estar em cima das nuvens”.

3.1.2- O encontro com o divino interior na experiência estética.

Eu me senti assim... emocionada lá, tocada por “algo”. Sabe? Tem coisa assim... que não dá para explicar só dá para sentir. A natureza, o céu, a água, o vento a terra, são energias boas que se juntam e, quanto mais você tem e compartilha mais o universo fica cheio desta energia que eu acho que é o amor. (Colaboradora Joana na Entrevista)

Ao mencionar que havia sido tocada por “algo”, é como se a colaboradora estivesse mencionando “algo” superior, transcendental, Para Pereira (2006) Goethe entendia que, a paisagem é vista como passível de reconciliar interior e exterior, visível e invisível; imagem idílica, evocação nostálgica e revelação de eternidade. A paisagem está ao lado do sentir (fenomenológica). A paisagem, antes de nos atrair, já estamos nela. As *palavras* das paisagens são emitidas pelo vento ou pelo ar. Sua beleza pode despertar emoções inexplicáveis, as cores e os relevos do cenário dinâmico, em tempo real, faz de nós o que não conseguimos ser sempre, mesmo que queiramos. Torna-nos "exteriores" a nós próprios e confronta-nos com o que somos. Neste sentido, conforme uma de nossas colaboradoras: *Adentrar no Solo Sagrado vai mexendo com as estruturas do ser, nos obriga a olhar para dentro de nós e para tudo a nossa volta.*

Observamos que, para Schiller (2015), a experiência estética faz confluír emoção e razão, reações culturalmente ricas, que agrupam os instrumentos dos quais nos servimos para aprender o mundo que nos rodeia. O homem deve sentir por ser consciente e ser consciente por sentir

Ao chegar no Solo tive uma surpresa, um paraíso com uma energia sem igual que impressiona no primeiro contato. As alturas, os caminhos, era como se fosse uma escalada rumo a algo mais divino lá dentro. Descobri algo muito sagrado: uma luz dentro de mim que se destina a “aquecer o ninho”. (Colaboradora Stefania no Relato da experiência).

Para Schiller (2015) o homem traz em sua pessoa a disposição para a divindade. O caminho para a divindade lhe é assinalado nos sentimentos. Sua

personalidade, considerada em si mesma, e independentemente de toda matéria sensível, é apenas disposição para uma possível exteriorização infinita; enquanto não intui e não sente, ele nada mais é do que forma e capacidade vazia. De acordo com Eliade (1999), o mundo apresenta-se de tal maneira que, ao contempla-lo, o homem descobre os múltiplos modos do sagrado. Eliade (1999), ainda esclarece que, o “muito alto” é uma dimensão inacessível ao homem como tal; pertence aos Seres sobre-humanos. Para ele, aquele que se eleva subindo a escadaria de um santuário ou a escada ritual que conduz ao céu, deixa de ser homem e de uma forma ou outra passa a fazer parte da condição divina. Não se trata de uma operação racional. A categoria transcendental da “altura”, do infinito revela-se ao homem como um todo, tanto à sua inteligência como à sua alma.

3.1.3 - O encontro com a paz e o equilíbrio

Ela envolve muita paz interior né? Gera um equilíbrio mesmo, só de lembrar e até de você contar. O negócio é intenso mesmo! Quem falar que não influencia a pessoa, que não deixa mais humana, melhor. Tá mentindo! Porque deixa! (Colaborador Felipe na Entrevista).

Conforme nos esclarece Wilson (2008), um símbolo de riqueza pessoal é a casa de campo, tipicamente localizada em um ambiente natural. Ela serve como refúgio para quem deseja encontrar paz de espírito e como ponto de retorno a algo que foi perdido, mas não esquecido. A simples visão de um ambiente natural faz diminuir sentimentos de raiva e medo e provoca uma sensação geral de tranquilidade.

A primeira coisa que percebi foi que havia abandonado meus problemas, deixado minha vida de lado e entrado em meu interior. Me senti cada vez mais relaxada, mais equilibrada. Senti-me ligada a cada pessoa do grupo, senti uma harmonia diante de todo o grupo. Senti que a natureza propicia a paz e a tranquilidade.

A tranquilidade somente surge depois de, inconscientemente, a pessoa reorganizar seus pensamentos. De acordo com Cornell (2008), quando uma pessoa se sintoniza harmoniosamente com o mundo, seus sentimentos de harmonia com outras pessoas também se intensificam. Ao observarmos a natureza descobrimos dentro de nós uma afinidade com tudo o que vemos: plantas, animais, pedras, terra, céu. Os índios norte-americanos sabiam que os homens podem sentir que todas as coisas são

expressões de uma única Vida e que nós, os humanos, também somos filhos daquela Vida.

Acho que é impossível ter um sentimento ruim num local como este. Pude durante esses dias vivenciar momentos de medo, paz, confiança, fé, amor, perceber minha pequenez e ao mesmo tempo uma grandiosidade. Ao passar pelo caminho do paraíso e ao chegar no templo surgiu um sentimento de paz, uma sensação de bem com o mundo.

Wilson vem nos dizendo que quanto mais estudamos a natureza, mais percebemos como ela é complexa e bela. Conhece-la é como beber de um poço mágico: quanto mais tiramos, mais ele nos oferece. A terra é nosso lar, nossa fonte de vida, nos dá nosso sustento físico e boa parte do sustento espiritual. Charles Darwin em 1832, em viagem feita ao Brasil diz ter visto ali, a mão manifesta de Deus e escreveu em seu caderno de notas: “Não é possível dar uma ideia adequada dos sentimentos superiores de deslumbramento, admiração e devoção que inundam e elevam a mente”. (DARWIN: In Wilson 2006 – p. 15).

3.1.4 - A sensação de limpeza: o surgimento do eu verdadeiro.

A hostilidade contra a psicanálise será sempre uma hostilidade contra a admissão de que o homem vive à custa de mentir para si mesmo, sobre si e sobre o mundo e de que o caráter é uma mentira vital. O homem é caracterizado por dois grandes temores, o temor da vida e o temor da morte. O homem reluta em enfrentar o peso esmagador de seu mundo (BECKER, 1973).

Conforme Becker (1973), o homem teve que inventar e criar a partir de si mesmo, as limitações da percepção e a equanimidade para viver neste planeta. Retrai-se para não se perder nos devastadores apetites dos outros, para não cair sem controle nas garras de homens, animais e máquinas. Becker (1973), vem nos dizer que o estilo de vida de uma pessoa é uma mentira vital; ela é uma desonestidade necessária e básica acerca da própria pessoa e de sua situação. As defesas que formam o caráter do homem sustentam uma grande ilusão. Ele se deixa levar para longe de si mesmo, do autoconhecimento, da autorreflexão. Deixa-se atrair para coisas que sustentem a mentira de seu caráter. A couraça do caráter é vital, para nós,

deixa-la cair, significa correr o risco da morte e da loucura. Se o caráter é uma defesa neurótica contra o desespero e você abandona essa defesa, você admite o encontro total com o desespero, a plena percepção da verdadeira condição humana.

Perls, de acordo com Becker (1973), concebeu a estrutura neurótica como um edifício de quatro camadas. As duas primeiras são as do cotidiano, o uso das palavras para obter a aprovação e acalmar os outros; são as camadas da conversa loquaz e vazia, dos chavões e do comportamento estereotipado. A terceira é mais dura e difícil de ser penetrada: é o impasse que cobre a nossa sensação de sermos vazios e estarmos perdidos, sensação que tentamos banir ao construir nosso caráter. A quarta é a camada do medo da morte. Somente quando rompemos estas camadas é que chegamos ao nosso verdadeiro “eu autêntico”.

Tentar negar a própria natureza, negar o fato de termos duas forças debatendo-se dentro de nós (razão e sentimento), criar uma armadura protetora, talvez seja a causa de a pessoa sentir-se suja, pesada, pois que, no seu mais profundo íntimo ela sabe que o seu caráter nada mais é que um meio que encontrou para suportar o mundo em que vive e sua verdadeira condição nele.

O contato com o Solo Sagrado, aparentemente, e imperceptivelmente, leva às pessoas a se livrarem de suas defesas, limpando-as e reconectando-as com sua paz interior. Ao que podemos observar no relato dos colaboradores:

Aqui chegando entrei em contato com um novo mundo em que se passa por diversas “esferas” estratificadas aonde vamos entrando e nos despindo de couraças espessas pelo o que a resiliências chama de “ser forte”. (Stefânia no Relato da experiência)

Cheguei pesada, preocupada. E quando passei pelo espelho d’água...você sente...foi como se tivesse tirando aquilo de mim, e conforme fui caminhando foi como se tivesse me descarregando. (Odete no Relato da experiência)

O contato permanente com a natureza gera um sentimento de limpeza interior, com paz, harmonia, além da ligação direta do meu interior com Deus. (Felipe no Relato da experiência).

Como pode-se perceber, não é uma sensação que acontece de imediato. Ela vai acontecendo conforme a pessoa vai adentrando o Solo Sagrado, como se este percurso fosse necessário para a mente e o espírito. De certa forma podemos comparar este efeito com o acontecido no LabHum, no qual o primeiro contato com a obra literária é

desconcertante, um deparar com nossa própria defesa (armadura) e, com o desenvolvimento de sua metodologia, no itinerário de discussão pudéssemos como, utilizando a frase da colaboradora, *passar por diversas esferas estratificadas nos despindo de couraças espessas*. E desta forma, poderemos nos ver verdadeiramente.

O despertar de sentimentos, de afetos, de ideias e situações provocadas pela leitura do romance, parece lançar, inevitavelmente, o leitor para o universo de suas próprias vivências, memórias, situações, sentimentos, gerando assim um movimento reflexivo, de mergulho dentro de si. (GIANONNI, 2013).

Okada, idealizador do Solo Sagrado, nos esclarece que ele foi criado para purificar as almas dos homens, maculada pelas impurezas do mundo (OKADA, 2002. p. 90). Diariamente, através dos vários noticiários, tomamos conhecimento de que a sociedade está repleta de males. Corrupção de funcionários públicos, roubos, assassinatos, fraudes, doenças, suicídios enfim, são poucas as boas notícias. Não é difícil imaginar quanto o homem se sente perdido; por um lado, como nos afirma Becker (1973), seu caráter é uma mentira vital, uma artimanha, por outro, ele tem motivos de sobra para se retrair ante os perigos do mundo. Num mundo caótico como este é natural que o homem se sinta exausto. O Solo Sagrado foi criado para que, nas palavras de Okada, “as pessoas exaustas deste mundo, nele possam descansar serenamente” (OKADA,2002, p.93) [...] Qualquer pessoa que visite esse local purificará seu espírito maculado pelas condições do mundo, e sua alma, completamente árida, será regada na própria fonte. Assim revigorada, seu trabalho renderá mais e, naturalmente seu caráter também se elevará [...] (OKADA,2002).

Nesse final de semana saiu de mim algo ruim que há muito tempo estava preso e me deu esperanças e humildade para perceber que nada sabemos. (Colaboradora Nara no Relato da experiência)

3.1.5- O sentimento que fica: a dor que some, a emoção que fica.

...você não acredita que este lugar existe. Realmente eu lembro de tudo que a gente vivenciou lá. E não foi muito tempo juntos assim, foi só um final de semana. Mas parece que foi ontem. Então? Papo sério assim. Até hoje, eu posso estar aqui, estar em casa, que vem à mente as imagens os acontecimentos que passei lá. Então, eu acho que todo mundo deveria ter esta experiência de um dia passar por lá. A pessoa deve passar por lá, para sentir. Porque é uma coisa que mexe, que reflete na sua vida. Em momentos rápidos, poucos. Um final de semana não é nada na vida da gente. Porém, não é nada em questão de tempo, mas, em questão de significado. Valeu muito! (Colaborador Felipe na Entrevista).

Conforme já pudemos ver em Berdiaiev, Becker, Simmel, o homem perdeu o encantamento pela vida, está perdido sem rumo e vazio. A natureza nos oferece felicidade através de lugares magníficos, é preciso apenas parar e olhar.

De acordo com Schiller (2015), o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração. Portanto a formação da sensibilidade é a necessidade mais importante desta época. Toda melhoria deve partir do enobrecimento do caráter. A humanidade perdeu sua dignidade, mas a arte pode salva-la. O homem foi desviado de seu destino pela rudeza, esmorecimento e perversão, ele pode ser recuperado pela beleza. O sentimento educado para a beleza refina os costumes.

Assim... para mim é..., um lugar mágico...Sei lá!.. Mágico lá... não sei o que acontece, é um lugar que você... você vai...se você chega triste, você sai contente, parece que a tristeza... você tá subindo ali...SOME!!! É engraçado...muito engraçado. Toda vez que lembro de lá eu sinto uma emoção muito grande. Falar do Solo é como se estivesse vendo um filme de novo, um filme que se quer ver muitas vezes, que você quer ver sempre. (Leandro na Entrevista).

O Solo Sagrado de Guarapiranga é um local que promove a elevação dos sentimentos, num ambiente artístico ideal, que une a beleza natural com a beleza criada pelo homem. De acordo com o observado nos relatos, entrevistas e caderno de campo, a experiência vivida no Solo Sagrado não é esquecida, ao contrário, ela é rememorada sempre que provocada, como observado por nosso colaborador: *falar do Solo é como se estivesse vendo um filme de novo, um filme que se quer ver muitas vezes, que você quer ver sempre.*

Conforme Schiller nos esclarece, a natureza do homem é mista, dotada de razão e sentimento. Vivemos num mundo onde a razão predomina, porém somente a emoção

pode levar o homem a ter atitudes de mudanças que são tão necessárias no presente. Sendo assim, é inútil querermos elevar o homem somente moralmente sem ao mesmo tempo elevarmos sua sensibilidade. Schiller acredita que contemplando o belo ele poderá desenvolver-se plenamente, tanto suas capacidades intelectuais como sensíveis.

[...] quando cheguei aqui está coisa que fala na nossa alma, não é o silêncio, é algo que fala. Mas a linguagem também é incompreendida [...] (Colaboradora Luziete no Relato da experiência).

A experiência estética da natureza é mediada pela percepção do belo, compreendido como plenitude e perfeição do sensível e, por meio do qual, a natureza nos fala. “A natureza não nos traz somente sua presença, ela nos ensina que estamos presentes nessa presença”. Ela nos dá uma lição de estar no mundo (DUFRENNE 2008, In: REIS, 2011) podendo trazer uma vivência da totalidade que nos conforma com a sensação de que, apesar do individualismo generalizado, não estamos sós, mas somos parte de um todo maior, onde todos os homens e seres estão interligados.

[...] eu me sentia desamparada, eu me sentia sem pai nem mãe nem ninguém [...] eu precisava me sentir gente, sentir afeto, eu precisava de alguma coisa a mais, que eu não conseguia, mesmo sendo religiosa eu não conseguia, eu precisava, eu queria falar e mais que isto, eu precisava sentir alguma coisa a mais [...] Aí eu vim para cá, eu me senti voltando ao braço do criador, ele me adotou...complicado.... (Nesta hora ela chora muito!) [...] Eu senti a natureza, eu senti o criador e a criatura juntos, senti a terra que tinha na minha infância [...] eu fui amparada novamente [...] quando eu estava subindo a estrada, lá em baixo, já senti que alguma coisa mudou. É uma energia indescritível [...] Quando eu vi estas árvores, estas copas imensas, este céu azul, esta energia que invade a gente, a alma da gente [...] você tem que estar aqui para saber e sentir. (Colaboradora Luziete na Entrevista).

Para Reis (2011) Dufrenne esclarece que a natureza possui um significado ontológico, entendendo que como abertura para o ser, ela possibilita a co-vivência com a alteridade e promove um acréscimo de ser vivenciado como transcendência:

...a experiência estética...se situa na origem, naquele ponto em que o homem, confundido inteiramente com as coisas, experimenta sua familiaridade com o mundo; a natureza se desvenda para ele, e ele pode ler as grandes imagens que ela lhe oferece (DUFRENNE 2008, In: REIS, 2011).

Na experiência estética da natureza, a transcendência significa ir além, descobrir outras possibilidades antes não imaginadas e que se revelam à percepção estética, esse olhar pelo qual o sujeito pode redescobrir o mundo não como determinação, mas como criação, ampliando seu horizonte existencial. E, conforme pode se perceber, não é algo que se dilui com o tempo, ao contrário, se consolida.

3.2 – Reflexão: quando tudo parece mais claro.

Conforme já pudemos observar em Eliade, a simples contemplação da abóboda celeste leva o homem a uma tomada de consciência dele mesmo.

Seniciato e Cavassan (2009) nos esclarece que, para Dufrenne as primeiras significações que o sentimento pode ler na natureza são o grandioso e o profundo. Isso porque, em o espírito se reconhecendo nas coisas, em sendo provocado por elas, restitui-se a si mesmo.

O que mudou foi me ouvir, me perceber. Só de eu ter tido este tempo comigo, mudou tudo, né?

De acordo com Bellotto (2013) “Ao entrar em contato com a natureza, o homem interage consigo mesmo. Essa proximidade resgata o ritmo orgânico que perdemos na velocidade da vida urbana”.

Saber ouvir é uma arte que desenvolvemos com muita aplicação, empenho e cuidado. Saber ouvir é um ato de amor, de entrega, de carinho e cuidado com os sentimentos. O frenesi da vida cotidiana, a competitividade, o isolamento do homem nas cidades, são condicionantes diretamente relacionados à produção das ditas doenças modernas.

Estamos continuamente atarefados e assim não temos tempo para ouvir, nem aos outros e muito menos a nós mesmos. Na oração do Angelus de 17 de julho de 2016 o Papa Francisco (2016) pede para que todos aprendam a ouvir. Na capacidade de ouvir está a raiz da paz, afirma ele.

A minha experiência nestes dois dias de intensa profundidade na natureza me fez perceber que a resposta a muitas dúvidas se encontra no meu interior e, na maioria das vezes, no cotidiano da rotina na cidade, distanciamos cada vez mais desta percepção. (Colaborador Helcio no Relato da experiência).

A percepção da verdade, da resposta, está dentro de nós, conforme observa nosso colaborador. Habitamos a culpar as pessoas pelos nossos infortúnios. O governo é corrupto, meu patrão me persegue, meus filhos são desobedientes, meu marido não me dá atenção, e assim por diante. No entanto, conforme Okada (2007, p.23), “o problema encontra-se infalivelmente dentro de cada um”. Porém, estamos sempre olhando para fora e, assim, nos distanciando cada vez mais das respostas e de nós mesmos. Okada (2002, p. 376) nos orienta que para conhecermos a verdade é preciso observar a natureza e que ela é o silencioso ensinamento de Deus no qual podemos encontrar nossa própria essência, nossa própria resposta

3.2.1- A valorização da natureza, do eu e do outro.

Depois de lá, parece que você, quando fala de natureza, quando você, né? De repente...até mesmo nas suas práticas diárias de quando fala assim: ---Ahh!!! Tá faltando água. A gente começa a valorizar mais a natureza, valorizar mais a..., a humanidade mesmo. Você acaba valorizando mais o outro. (Felipe na Entrevista).

Ao que nos parece e pode-se perceber na fala deste colaborador, a experiência desencadeia uma valorização do que compõe a própria vida e que se desenvolve nas práticas diárias, como se fosse um despertar para aquilo que sempre esteve à sua volta. A valorização de si mesmo passa pelo reconhecimento e valorização do outro. Aprender a conviver implica em ter percepção da interdependência e da aceitação mútua. Em nossa relação com o mundo, com os outros seres, buscamos respostas aos desafios da vida, educamo-nos em comunhão, ensinamos e aprendemos ao mesmo tempo. É nessa comunhão que aprendemos a respeitar e a valorizar os outros.

Conforme nos esclarece Schiller (2015, p. 114), ao desconhecer sua própria dignidade o homem está longe de reconhecê-la nos outros e, sabendo de sua própria selvageria teme-a em outras pessoas. Nunca vê os outros em si, somente a si nos outros.

Okada (2002, p. 376) nos esclarece que, para conhecermos a verdade é preciso observar a natureza, no sentido de que, também conforme afirma Eliade (1999), a

natureza é uma obra exemplar. A beleza da Grande Natureza representa o sagrado e silencioso ensinamento de Deus.

De acordo com Okada a arte é a representação do belo; o magnífico cenário da natureza, formado por montanhas, rios e plantas, constitui a arte de Deus e, portanto, a de mais alto nível. Enobrecer os sentimentos dos homens é o sentido e a missão da arte, quando a alma se eleva a inteligência da percepção verdadeira é polida e o cérebro se torna claro. Isto acontece porque a cabeça da pessoa se aproxima da arte, por isso o resultado será o polimento da sua alma. (OKADA 2002 - pp. 376, 445, 447). Assim sendo é, portanto, natural que ao contato com a beleza do Solo Sagrado as pessoas sintam como se algo ruim estivesse saído delas e isto tivesse clareado suas mentes a ponto de conseguirem reconhecer o outro. O que podemos observar no relato dos nossos colaboradores:

Lá nós conseguimos enxergar o próximo. Você vê o companheiro chorar, se emociona com a história de vida dele. (Colaborador Leandro na Entrevista)

Nosso tempo é marcado por duas características: a indiferença e o individualismo. Ambos já permeiam até mesmo o convívio familiar. A superficialidade está pautando os relacionamentos. Fica um vazio que nada preenche, simplesmente porque nada pode preencher o lugar do amor. As cidades estão cheias de pessoas vazias por sua própria conta, enquanto outras se encontram esvaziadas de amor. A compaixão é que torna o coração verdadeiramente humano. Ela é uma virtude Só um espírito bom pode ser compassivo. Quem se compadece dos outros, de si próprio se lembra. A compaixão se manifesta por atos e nela é essencial a bondade. A compaixão é a misericórdia que se inclina sobre a miséria e mostra a grandeza da alma.

Aparentemente um dos resultados da experiência no Solo Sagrado foi o despertar da compaixão. A boa ação parte do amor, da compaixão ou da justiça social.

É muito bom você ser melhor como pessoa, com o relacionamento com as pessoas. Eu acho que as pessoas daqui melhoraram muito mais, só de passear por lá. (Colaboradora Joana na Entrevista)

Cornell (2008), nos esclarece que quando uma pessoa se sintoniza harmoniosamente com o mundo, seus sentimentos de harmonia com outras pessoas

se intensificam. Ao observarmos a natureza, descobrimos que existe dentro de nós uma afinidade com tudo que vemos. Tanto acima como abaixo. Tanto dentro como fora. À medida que ficamos próximos da natureza descobrimos que o tema de nossos estudos não é a natureza e sim, a natureza de nós mesmos.

De acordo com Schiller (2015. p. 119), quando surge luz no homem, deixa de haver noite fora dele; quando se faz silêncio nele, a tempestade amaina no mundo, e as forças conflituosas da natureza encontram repouso em limites duradouros.

3.2.2- O desacelerar e o despertar

...o que achei muito interessante em cada momento que vivenciamos foi a reflexão a respeito delas, onde cada um deveria falar o que sentiu. Em nossas vidas nunca paramos para avaliar o que sentimos diante de cada momento. Não paramos para perceber o que sentimos e como nos sentimos. Assim, repetimos sempre nossos atos automaticamente sem perceber. (Colaboradora Nara na Entrevista).

Foram tão rápidas as mudanças dos últimos anos que, mesmo com as facilidades da tecnologia, ficamos com informações e possibilidades demais. Veio a correria sem fim e a desconexão com as pessoas, os lugares, nós mesmos. Um estado mental de desaceleração possibilita uma análise objetiva e acurada dos desafios que se apresentam ao longo da nossa história de vida. Isto não significa passividade, inércia, cautela excessiva ou lentidão, mas sim um estado de equilíbrio. Em meio às pressões diárias e as facilidades tecnológicas, é importante não se deixar acelerar a ponto de provocar estresse, fadiga, exaustão. Um estado mental desacelerado amplia a nossa percepção.

Este ambiente me ajudou muito. Porque você, escutando aquela “calmaria” parece que os pensamentos vão fluindo, a ideia vem fluindo e você vê o quanto que você é importante não só para sua própria vida mais também para a vida das muitas pessoas. (Colaborador Felipe no Relato da experiência).

A mente funciona com “voracidade” e por isso está sempre querendo mais. De acordo com Tolle (2010), a calma é nossa natureza essencial. Ela é o espaço interior ou a consciência onde as palavras são assimiladas e se transformam em pensamentos. Sem essa consciência, não haveria percepção, não haveria pensamentos nem mundo.

Quando a pessoa perde contato com sua calma interior, perde contato consigo mesmo. Quando perde esse contato, fica perdido no mundo.

Refleti muito este fim de semana, pensamento na minha família no tão importante eles são para mim, coisa que na correria do dia a dia esquecemos. Eu realmente estava perdido, queria descansar e aqui eu consegui descansar. (Colaborador Leandro no Relato da experiência).

Quando os seres humanos conquistam a calma, eles vão além do pensamento. Na calma e no silêncio há uma dimensão adicional de conhecimento e de percepção que fica além do pensamento. A natureza pode levar a pessoa a esta calma interior. Quando se sente a calma da natureza e participa dela, essa calma fica permeada e enriquecida pela nossa atenção.

É como se tivesse despertado algo bom que estava dentro de cada um e que estava escondido dentro de tantas coisas ruins que acontecem. Tive como reflexão do dia de ontem que, tenho que parar, refletir, encontrar equilíbrio, não me deixar dominar pelos primeiros sentimentos que surgem, que sinto.

Conforme afirmado por Isabel Rios, o homem tem potencial tanto para o bem como para o mal. Há autores que afirmarão que a natureza do homem é má outros que é boa. Entretanto, conforme podemos perceber na experiência vivida e relatada por nossos colaboradores ela tem potencial para despertar o bem. Okada (2002, p.122) nos afirma que a Beleza é o agente transformador da consciência do ser humano, o Bem é o pensamento gerado pela verdade e o Belo é a forma criada pelo Bem. O Solo Sagrado é considerado como protótipo do Paraíso ou, o Mundo do Belo na concepção de Okada (2002).

3.3 - A mudança de visão de mundo: a mudança que parte de dentro de nós para o outro.

[...] eu me emocionei muito lá. Acho que é uma coisa que você estar ali com seus amigos e, ...você vê também a emoção deles, né? Deles é que é emocionante [...] e você percebe o quanto a gente tem pessoas amorosas ao nosso lado. São coisas que você não consegue reparar no dia a dia. E lá nós conseguimos enxergar o próximo. (Colaborador Leandro na Entrevista)

Valeu muito para mim, de enxergar melhor as coisas. (Colaborador Felipe na Entrevista).

Através do contato com a natureza, em especial desta experiência em que vivenciamos, pudemos observar que a natureza provoca estes três momentos distintos: o primeiro impacto, a reflexão e, após estes dois momentos, a mudança de visão de mundo, quando então conforme nossos colaboradores *conseguimos enxergar melhor as coisas, conseguimos enxergar o próximo.*

Quando nossos colaboradores mencionam o fato de terem conseguido “enxergar melhor” e conseguido “enxergar o próximo” é como se eles estivessem dizendo que, antes, não estavam conseguindo enxergar ou, estavam cegos. Praxedes (2008) comentando o livro *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, esclarece que ele (Saramago) tenta explicar como as pessoas vão se tornando cegas no mundo contemporâneo. Para Saramago, de acordo com Praxedes (2008) “a cegueira pode ser provocada pelo distanciamento existente entre os indivíduos nas sociedades modernas. Um distanciamento que leva cada um a observar apenas os seus próprios interesses [...]. A cegueira é também a insensibilidade e a indiferença diante do infortúnio do outro.

A partir dos relatos, podemos perceber que a experiência provocou um despertar de uma condição até então nem sequer percebida, a incapacidade de ver o outro. A insensibilidade e indiferença, sintomas desta cegueira, deve-se à perda do afeto e do interesse do homem pelo próprio homem. A experiência detonou uma emoção capaz de fazer o participante perceber sua própria dificuldade de percepção do outro. Perceber o outro é fundamental para a atenção a saúde. É fundamental para a humanização na saúde. Conforme Rios (2009) “O grande nó ainda não desatado talvez tenha a ver com a necessidade de desenvolver nos profissionais o interesse legítimo pelo paciente”. Além do despertar desta condição de cegueira humana, a experiência aponta para uma outra causa da desumanização, a ilusão do controle.

O que mais me chamou a atenção lá dentro foi assim...coisas que aconteceram que não tinha nada a ver com o assunto né? Que me remeteram por exemplo a...um, é..., um bem-estar. A imagem de que a vida segue seu curso, que você tem que

aprender ter jogo de cintura e que você pode escolher seu caminho

“*A vida segue seu curso*”, o homem levado pelo advento da Modernidade acreditou que poderia de alguma forma controlar a vida e a natureza. No entanto, a vida segue seu curso sem a nossa interferência. Acreditar na capacidade de controle da vida e da natureza, conforme já pudemos observar nos autores que por aqui passaram, foi uma das causas para a desumanização. A experiência, de maneira agradável, evidenciou sua capacidade de despertar o participante deste engano.

A experiência com as *humanidades*, no nosso caso, estética e reflexiva no contato com a natureza no Solo Sagrado de Guarapiranga pode ser um facilitador da “experiência do difuso e do indeterminado” ou, do não controle e da “ampliação da esfera de presença do ser” que se identifica com a humanização.

De acordo com Gallian; Pondé; Ruiz (2012):

Inovar, renovar, ampliar a esfera sensual, afetiva, intelectual e mesmo volitiva do ser. Interagindo e envolvendo este ser não apenas enquanto *ser pensante*, mas enquanto *ser afetivo, volitivo, ser difuso e indeterminado*, as humanidades – a *experiência da cultura* através das artes, da literatura, da filosofia – possibilitam não só um novo e mais amplo olhar – conhecimento – sobre a realidade, como desencadeiam um processo de profunda transformação no próprio sujeito que olha, que conhece. Em suma, as humanidades apresentam-se como meio privilegiado de *humanização* do ser, na medida em que amplia as esferas da sua presença, da sua experiência, da sua consciência. As humanidades ajudam-nos a sermos mais humanos. (GALLIAN, PONDÉ, RUIZ, 2012).

...você sai de lá mais humano[...] E isto tem que estar dentro de você. Acho que isto parte de dentro de nós para o outro. (Colaborador Felipe na Entrevista)

De acordo com Schiller, se queremos contar com uma conduta ética do homem, este comportamento deve vir de sua própria natureza e o homem deve ser levado por seus próprios impulsos a um comportamento que somente poderá vir de seu caráter ético ou, conforme nosso colaborador, *isto tem que estar dentro da pessoa*. A experiência mostra sua capacidade de tornar as pessoas mais humanas.

Humanizar significa “*tornar humano*”, “*Atribuir caráter humano*” . Já humano, pode significar “*bondoso, humanitário*”. Portanto, humanizar é definida como “*tornar benévolo*”. Já, humanitário significa “aquele que busca promover o bem-estar

dos indivíduos, da humanidade” . A Humanização na saúde foi fundada no respeito à vulnerabilidade humana e na crença de que a relação do profissional e paciente está sempre sujeita a emoções que devem ser guiadas pelo sentimento de compromisso e compaixão que é indispensável no cuidar do outro. Humanizar a assistência é conceito e atitude! O Programa Nacional de Humanização Hospitalar, criado em 2000, assumiu o desafio de “ofertar atendimento de qualidade, articulando os avanços tecnológicos com acolhimento, melhoria dos cuidados e das condições de trabalho dos profissionais”. Este conceito depende da mudança de atitude em direção a cultura da excelência e da gestão dos processos de trabalho.

Porque a gente é totalmente...a gente...nós influenciemos as pessoas que a gente cuida. Então a gente tem que ter a atitude de amor, então isto contamina o outro positivamente. (Colaborador Felipe na Entrevista)

O profissional de saúde tende a ser, por sua própria natureza, e desde tempos remotos, além de um profissional de saúde, um confidente, um amigo (o médico da família) e devido a isto ganhando a confiança do paciente influencia-o.

De acordo com Reginato et al (2014), é teoria aceita pelos historiadores que a origem da vocação médica está baseada nas características da personalidade. Uma personalidade que sustenta a atitude humanitária, própria de quem cuida com dedicação do sofrimento alheio. Quem é cuidado responde com confiança, atitude de quem se sente seguro, tem firme esperança naquilo que aguarda acontecer. O médico anterior à revolução científica era sempre o profissional vinculado à esperança que alimentava o desejo da vida ou que auxiliava na preparação para a partida definitiva.

[...]. Eu acho que hoje eu sou uma pessoa mais equilibrada. Você cria um respeito maior pelas pessoas em si. Às vezes a gente tá trabalhando e qualquer situação...que você vai agir, você dá uma acalmada, respira, você começa a valorizar sua paz interior [...] acho que isto impacta totalmente no cuidado ao paciente, né? Porque se você sai mais humano, valorizando a natureza, você acaba valorizando mais o outro, né? (Colaborador Felipe na Entrevista).

O ser humano tem a capacidade para emocionar-se, envolver-se, afetar e sentir-se afetado. Tudo começa no sentimento. De acordo com Boff (1999) “é o sentimento que nos faz sensíveis ao que está a nossa volta, é o sentimento que nos une as coisas e nos envolve com as pessoas, é o sentimento que produz encantamento ao

contemplarmos a grandeza da natureza”. É com o coração que se vê corretamente. É o sentimento que torna coisas, situações e pessoas importantes para nós. A este sentimento profundo, Boff (1999) vai chamar “Cuidado”. Somente aquilo que provoca uma emoção, evoca um sentimento profundo e provoca o “Cuidado”, deixa marcas permanentes e definitivas. De acordo com o que podemos ouvir de nossos colaboradores a experiência vivida no Solo Sagrado deixou estas marcas definitivas que são rememoradas e praticadas no cotidiano.

A Humanização se fundamenta no respeito e valorização da pessoa humana conforme Rios (2009) nos esclarece e, é justamente um dos valores que emergem como resultado da experiência.

A responsabilidade e atitude solidária também são valores que caracterizam esse modo humanizado de fazer saúde que resulta, ao final, em mais qualidade na atenção. No entanto, sem a capacidade de sentir é impossível ter a capacidade de cuidar. Boff (1999) observa que “perdemos de vista e nos despreocupamos do ser humano [...] é preciso voltar humildemente ao simples cuidado [...]. Para isso é preciso desenvolver uma dimensão que está em nós, a capacidade de sentir o outro, de ter compaixão, de obedecer mais a lógica do coração. Neste sentido é possível retornarmos em Schiller (2015) quando afirma que o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração. Portanto a formação da sensibilidade é a necessidade mais importante desta época e fundamental para o desenvolvimento de uma formação humanizadora.

...eu fiquei mais atenta a mais aberta para sentir o que o paciente tem para trazer. Serviu para eu me harmonizar e quando eu quero eu tento colocar este paraíso aqui, nesta sala por exemplo. Atendo em locais que eu me sinta bem, sabendo que as pessoas que entram aqui estão em sofrimento. Tento me harmonizar com elas. Então, eu me sinto mais a vontade de lidar com o paciente, falar coisas que é preciso falar para acalma-lo. Não pego mais e falo, toma aqui este remédio. Então resolvi o caso sem pegar na receita. (Stefania na Entrevista).

A partir do que a colaboradora nos diz sobre ter ficado mais atenta, mais aberta para sentir o que o paciente tem, nos leva a crer que o impacto estético, reflexivo da experiência leva a uma mudança de visão e de atitude. Inconscientemente, o paciente busca nos profissionais de saúde mais que o conhecimento sobre sua doença, o suporte para os acontecimentos psíquicos devidos a esse adoecimento. Rios (2009) afirma que sobre o profissional da Saúde recai tudo o que o paciente não sabe de si mesmo e espera

que o cuidador saiba. Espera-se que seja piedoso e solidário, um missionário que dedique sua vida ao cuidado do próximo, um cientista que descubra a origem e o fim dos males, um profundo conhecedor do corpo humano e das técnicas e tecnologias capazes de manter seu perfeito funcionamento, beleza e vitalidade.

Ver, conhecer, refletir sobre si mesmo, os outros e as situações que nos envolvem em contexto particular e coletivo é o princípio da ética e da humanização. Não há acontecimento no corpo que não evoque lembranças, sentimentos, culpas, desejos e, cuidar de um paciente como um todo significa ter sensibilidade para tudo isso.

Para se resgatar o verdadeiro sentido do cuidado, faz-se necessário que o homem tenha, principalmente, a consciência do que ele é, das suas capacidades e fragilidades, o homem precisa fazer o exercício da autoconsciência / autoanálise e autocrítica dando significado ao viver. Precisa cuidar-se.

O cuidado inclui a atitude de solicitude e de atenção com o outro, além da preocupação, da inquietação e responsabilidade, porque a pessoa que tem cuidado se sente envolvida e ligada ao outro. No entanto, para que possa cuidar do outro e preciso saber cuidar de si mesmo à princípio.

Sobre o cuidado de si, como uma busca essencial pela auto ética, Amorim (2013) vai nos indicar que é necessário introduzirmos nesse contexto as reflexões sobre estética. Os gregos usavam o termo *aesthesis* (estética) para indicar a percepção sensível da realidade, indispensável na busca do exercício da sensibilidade, da criatividade e da beleza no cuidado de si e do outro. Dessa forma, de acordo com Amorim (2013) se concebermos a ética como a estética da vida (ou seja, a percepção sensível e responsável da vida), logo, a auto ética seria a estética de si (percepção sensível e responsável de si), ambas necessárias para quem se propõe a cuidar do outro. Em suma, o cuidado de si, então, necessita de uma estética de si.

Para Amorim (2013), conceber a auto ética no plano da estética no processo de cuidar-se e cuidar do outro significa criar valores que sejam capazes de sustentar a vida com graça, leveza e beleza, o que requer muita sensibilidade. A sensibilidade está relacionada com o potencial criador e com afetividade dos indivíduos. “A sensibilidade e criatividade, então, não se restringem ao espaço da arte. Criar é algo interligado ao viver humano” (AMORIM, 2013). O grande desafio para quem necessita de sensibilidade estética para cuidar-se, é reprimir o individualismo exacerbado, o egoísmo e a conseqüente negação do outro e, estimular o altruísmo e a alteridade, na busca da

transformação do homem solitário em um homem solidário. Para que haja esse autocuidado Amorim (2013) orienta um necessário movimento em prol de uma religação. Religação com o outro, religação com a comunidade, religação com a sociedade e, naturalmente, religação com a espécie humana e, uma urgente e necessária religação com a nossa essência, com o nosso interior. Essa busca em religarmos-nos com o outro irá nos obrigar a refletir sobre o significado e sentido que damos à vida e ao viver, e, provavelmente, resultará na necessidade de ressignificá-los, ou seja, atribuir novos significados, mediante a mudança da visão de mundo.

A pessoa que se olha e nesse ato é capaz de transformar vivência em experiência, pode aprofundar o conhecimento de si e do mundo – conhecimento que vai movimentar a engrenagem da vida na direção do aparecimento de uma nova pessoa, capaz de se enxergar, aspecto fundamental no processo de cuidar de si mesmo.

Amorim (2013), afirma que será no campo e no exercício da responsabilidade que a necessária religação do eu com o outro se efetivará. O cuidado de si leva-nos ao cultivo da espiritualidade, em estimular a solidariedade, a bondade, a generosidade e a compaixão pelos demais, por si mesmo, por todos os seres vivos e pela natureza, tornando-nos responsáveis socialmente e explorando novos caminhos por meio da criatividade e sensibilidade.

Para que isto se processe é necessário uma educação para o cuidado, em todos os níveis, áreas e disciplinas, que oriente o homem a se voltar para o seu interior e promover a difícil tarefa de se enxergar e buscar melhorar-se intimamente. A reforma íntima de cada um poderá repercutir em uma transformação do meio externo, contribuindo para um mundo melhor. Amorim (2013) alerta que é preciso ter uma educação que nos ensine a conviver solidariamente, principalmente, quando nos propomos a cuidar.

[...] o entendimento do cuidado de si, como uma estética de si, ambas entendidas como auto ética, é muito valioso e importante para quem trabalha com a docência e com o cuidado na área da saúde, pois o seu ensino e prática deverão ser capazes de possibilitar a transformação interior permanente do homem, em prol de um ser humano cada vez melhor, em consonância consigo e com o coletivo. Ou seja, um ser humano crítico, criativo e cuidante. No entanto, ressaltamos: cuidante de si e do outro. (AMORIM, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando no pensamento de Schiller e Dufrenne, podemos acreditar que a experiência estética da natureza pode ser uma grande oportunidade de uma formação verdadeiramente humanizadora, já que ela humaniza as pessoas no sentido de que não anula a percepção da dualidade de sua própria natureza, ao contrário ela afirma esta dualidade permitindo ao homem não mais lutar entre suas duas naturezas.

Através dos resultados obtidos em nossa pesquisa podemos confirmar que, tanto no Laboratório de Humanidades desenvolvida no Cehfi que utiliza clássicos da literatura, considerada arte de alto nível, quanto a experiência estética da natureza realizada no Solo Sagrado; são experiências potencialmente humanizadoras. Experiências que, acredito, podem responder às buscas por uma formação humanizada na saúde, conforme objetiva a Política Nacional de Humanização.

Pudemos perceber claramente que a experiência causa um afeto profundo e transformador, típico de uma “ampliação da esfera do ser”, conforme veio nos falando Coelho. Não significa um caminho simples e fácil, pois que, o transbordar de nossas emoções que a Modernidade tentou reprimir nos mostrará quem somos. E talvez, quem somos nos assuste. E quanto mais sabemos quem somos, talvez mais poderemos nos admirar, nos orgulhar, nos temer (por que não) e, também nos responsabilizar pelo desenvolvimento de uma sociedade mais justa, mais plena, mais incluyente, mais *humana*.

Pudemos através desta experiência perceber a tomada de consciência dos participantes, principalmente no que diz respeito à suas próprias vidas:

Nestes dias de intensa profundidade na natureza me fez perceber que a resposta a muitas dúvidas se encontra no meu interior e, na maioria das vezes no cotidiano da rotina na cidade distanciamos cada vez mais desta percepção. (Colaborador Helcio no Relato da Experiência).

A partir do momento em que se toma consciência de que a resposta está dentro de nós é possível perceber, conforme nos traz nossa colaboradora, “*o quanto nos afastamos da fé em nós mesmos*”. Este afastamento, conforme refletido nos dados levantados, causou uma perda do sentido da vida, confirmando desta forma, as palavras de Simmel, quando nos afirma que a Modernidade gerou uma perda generalizada de sentido. Foi possível perceber que a experiência no contato com o Solo Sagrado

baseando-nos na metodologia do LabHum pode resgatar a humanidade dos participantes à partir do momento que a beleza da paisagem os toca de maneira irresistível, impedindo-os de reprimir seus próprios sentimentos, fazendo com que possam olhar verdadeiramente para dentro deles mesmos descobrindo quem ,ou, o que são e, desta forma, como nos diz nossa colaboradora, *reencontrar a vida; a vida mineral, a vida vegetal, a vida animal, a “vida humana” e a vida espiritual, por isso é impossível algo não ocorrer em nós.*

Conforme refletido nos resultados, a partir do momento que a pessoa, consegue se encontrar ou, *reencontrar*, consegue estar em paz e equilíbrio, consegue, de acordo com nosso colaborador, *enxergar que para ser feliz não precisa de muito, que tudo para que a gente possa ser feliz está na nossa volta, está bem perto da gente, apenas precisamos estar de bem com a gente mesmo.*

Somente estando bem consigo mesmo *transmitimos o bem ao nosso próximo* e é possível olhar e cuidar de outras pessoas, o que para a área da saúde é fundamental.

O contato com a natureza toca (abre) os nossos sentidos. A serenidade se faz presente, a paz interior se manifesta e a conexão com Deus acontece. É como reaprender a sentir, a perceber as coisas a nossa volta. O contato com a natureza nos ensina a respeitar o tempo do outro, o tempo de Deus, o tempo de semear e de colher, o tempo de nós mesmos. O mundo contemporâneo nos tornou seres humanos desumanos, precisamos fazer o caminho de volta para a reconexão com a natureza com o universo. Despertar dentro de cada ser os sentimentos mais sutis, pois estes sentimentos nos permitem trocas positivas no encontro com o outro. Voltar para a casa é voltar para dentro de si mesmo. Perceber-se melhor para perceber melhor o outro. (Colaboradora Lindinalva no Relato da Experiência).

Talvez, conforme também nossa colaboradora acredita, algumas pessoas necessitam de muitas doses de Solo Sagrado e outras não, mas todos sempre precisam entrar em contato com a natureza.

Todo mundo deve ter minutos por dia para apreciar o mar, o céu, a mudança das marés, as flores. Aprendemos muito com a natureza. Precisamos olhar para ela.

Na verdade, o que eu queria é que as pessoas pensassem de forma simples.

Que percebessem que o verdadeiro aprendizado está em observar as pequenas coisas, os detalhes delicados e sutis.

Nisso consiste a verdadeira sabedoria humana.

Sempre penso que a grama cresce todos os dias em direção ao sol.

A árvore balança ao vento.

O nó fortalece o bambu.

A nuvem passa e vai embora.

Se a grama cresce cada dia um pouquinho, porque não nos preocupamos em crescer também?

Se a árvore balança ao vento, deixando-o passar, porque nos mantemos inflexíveis em nossos pontos de vista?

Se o nó fortalece o bambu, porque os nós de nossas vidas nos entristecem tanto?

Se a nuvem sempre passa, nossos problemas não passaram também?

Quando não souber o que fazer abra a janela da sua sala ou da sua vida.

A natureza é a mais sábia dos mestres.

Tetsuo Watanabe (2009)

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMORIM, Karla Patrícia Cardoso. **O cuidado de si para o cuidado do outro. Revista Bioethikos.** Centro Universitário São Camilo – 2013. Disponível em:<<http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/155557/a09.pdf>>. Acessado em 09/out/2016.

BECKER, Ernest. O Psicanalista Kierkegaard. **A Negação da Morte.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1973. Cap. V, p. 86.

BELLOTTO, Marcelo. IN: MELLO, Raphaela de Campos. **O poder de contemplar a natureza.** Disponível em:<<http://casa.abril.com.br/materia/o-poder-de-contemplar-a-natureza>>. Acessado em 17/set/2016.

BERDIAEV, Nicolas. El fin del Renacimiento. **Una Nueva Idad Media.** Ediciones Carlos Lohlé. Buenos Aires, Argentina 1973. Cap. I, pp. 7, 11.

BITTAR Yuri. **UM LABORATÓRIO PARA A HUMANIZAÇÃO EM SAÚDE - O LABORATÓRIO DE HUMANIDADES E A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE HUMANIZAÇÃO.** Disponível em:<http://www.unifesp.br/centros/cehfi/labhum/dissertacao_yb_dez_2011.pdf>. Acessado em 23/jan/2015.

BITTAR, Yuri; SOUSA, Maria Sharmila Alina de; GALLIAN, Marcello Claramonte. **A experiência estética da literatura como meio de humanização em saúde: o Laboratório de Humanidades da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo*** . Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/icse/v17n44/a14v17n44.pdf>>. Acessado em 14/dez/2015.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BORKAN, J. **Immersion/Crystallization**. In: CRABTREE, B. L; MILLER, W. L. (orgs.). *Doing Qualitative Research*. Sage Publications Inc.: Califórnia, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Assistência à Saúde Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar / Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CAPRA, Fritjof. O modelo Biomédico. **Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Denis Barros de. **A CRISE DOS SENTIDOS: MODERNIDADE LÍQUIDA E O Esvaziamento da Experiência Sensorial**.

Cadernos do PET Filosofia – Volume 2, Nº 3, 2011. Disponível em <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/pet/article/view/611/537>>. Acessado em 17/set/2012.

COELHO, Teixeira. “A Cultura como Experiência”, in RIBEIRO, Renato Janine (org.)

Humanidades; um novo curso na USP. São Paulo, Edusp, 2001.

CORNELL, Joseph. **Vivências com a Natureza**. Título original: *Sharing Nature With Children* by Dawn Publications. Tradução : Arianne Brianezi, Claudia Pedroso Nardi, Júlia Dojas, Rita Mendonça. – 3ª ed. – São Paulo : Editora Aquariana, 2008.

DARWIN, Charles. A Criação. In: WILSON, Edward Osborne. **A Criação, como salvar a vida na Terra** ; tradução Isa Mara Lando. Revisão técnica Roberto Fanganiello.- São Paulo: Companhia das Letras, 2008.cap I.

ELIADE, Mircea. Existência humana e vida santificada. In: ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Cap. III, pp. 117, 118.

ELIADE, Mircea. A sacralidade da Natureza e a Religião Cósmica. In: ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Cap. IV, pp. 145, 171.

ELIADE, Mircea. O Espaço Sagrado e a Sacralização do Mundo. In: ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Cap. I, p. 25.

FILHO, Homero Santos Souza. **A natureza nos devaneios de Rousseau: refúgio e felicidade.** Pergaminho. Patos de Minas: UNIPAM, (2): 16-24, nov. 2011.

GALLIAN, D. M. C. **75x75: EPM/Unifesp, uma História, 75 vidas.** São Paulo: Unifesp, 2008.

GALLIAN, Dante Marcelo Claramonte; PONDÉ, Luiz Felipe; RUIZ, Rafael. **Humanização, Humanismos e Humanidades : problematizando conceitos e práticas no contexto da saúde no Brasil.** REVISTA INTERNACIONAL DE HUMANIDADES MÉDICAS. NÚMERO 1, 2012.

GEERTZ, Clifford. **OBRAS E VIDAS.** O antropólogo como autor; tradução Vera Ribeiro. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p.103

GIANNONI, Stefania Lins. **O LABORATÓRIO DE HUMANIDADES COMO EXPERIÊNCIA DE HUMANIZAÇÃO – Caso Prático em Ambiente Hospitalar.** Disponível em :< http://www2.unifesp.br/centros/cehfi/documentos/dissert_stefania.pdf>. Acessado em 09/jan/2016.

HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe. **História Oral: como fazer, como pensar.** Contexto, São Paulo, 2007.

IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL. **Guarapiranga-Brasil.** Disponível em:< <http://www.messianica.org.br/solos-sagrados/guarapiranga-brasil>>. Acessado em 17/set/2016.

IGREJA MESSIANICA MUNDIAL DO BRASIL. **Nossa Doutrina.** Disponível em: <http://www.messianica.org.br/quem-somos/nossa-doutrina>. Acessado em 10/jan. /2017.

Instituto Socioambiental. ISA. **Almanaque Brasil Socioambiental.** SP: ISA, 2007.

KIOSHU-SAMA. **Salvar é conscientizar as pessoas sobre a eternidade da vida.** Revista IZUNOME. UM NOVO PARADIGMA PARA A CIVILIZAÇÃO ATUAL. Ano II – nº 33. P. 6-7. Ed. Abril. São Paulo, 2010.

LIMA, Carina Camilo; GUZMAN, Soemis Martinez; BENEDETTO, Maria Auxiliadora Craice de; GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. **Humanidades e humanização em saúde: a literatura como elemento humanizador para graduandos da área da saúde.** Disponível em:<
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832014000100139&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em 26/ set/2016.

MARIN, Andréia Aparecida; OLIVEIRA, Luiz Cláudio Batista de. **A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA EM DUFRENNE E QUINTÁS E A PERCEPÇÃO DE NATUREZA: PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM BASES FENOMENOLÓGICAS.** Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, Volume 15, julho a dezembro de 2005 . Disponível em <http://www.seer.furg.br/remea/article/view/2935/1660>. Acessado em 10/out/2012.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MOSE, Viviane. Schiller e a educação estética. **O Homem que sabe. Do Homo Sapiens à crise da razão.** Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro 2013. pp. 69, 70.

OKADA, Mokiti. A Providencia da Natureza. **O Pão Nosso de cada dia: O ALIMENTO ESPIRITUAL DO COTIDIANO.** Fundação Mokiti Okada. São Paulo, Brasil. 2002. p. 376.

OKADA, Mokiti. Arte. **O Pão Nosso de cada dia: O ALIMENTO ESPIRITUAL DO COTIDIANO.** Fundação Mokiti Okada. São Paulo, Brasil. 2002. pp. 445, 447.

OKADA, Mokiti. O Solo Sagrado. **O Pão Nosso de cada dia: O ALIMENTO ESPIRITUAL DO COTIDIANO.** Fundação Mokiti Okada. São Paulo, Brasil. 2002. pp. 90, 91, 93.

OKADA, Mokiti. Formação do Mundo Novo. **ALICERCE DO PARAÍSO**. Fundação Mokiti Okada. São Paulo, Brasil. 1999, p. 20.

OKADA, Mokiti. Religião Ativa. **ALICERCE DO PARAÍSO**. Fundação Mokiti Okada. São Paulo, Brasil. 1999, p. 19.

OKADA, Mokiti. Verdade, Bem e Belo. **O Pão Nosso de cada dia: O ALIMENTO ESPIRITUAL DO COTIDIANO**. Fundação Mokiti Okada. São Paulo, Brasil. 2002. P. 122

OKADA, Mokiti. Ser amado por Deus. **ALICERCE DO PARAÍSO**. Fundação Mokiti Okada. São Paulo, Brasil. 2007, p. 23.

PAPA FRANCISCO. **ANGELUS**. Praça São Pedro, Domingo, 17 de julho de 2016. Disponível em:<https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160717.html>. Acessado em 03/out2016.

PEREIRA, Edir Augusto Dias. **VER A TERRA: SEIS ENSAIOS SOBRE A PAISAGEM E A GEOGRAFIA**. Disponível em:<<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/195/187>>. Acessado em 12/mar/2016.

PRAXEDES, Walter. **Ensaio sobre a cegueira: a cegueira como metáfora no livro de José Saramago**. Revista Espaço Acadêmico nº 88, Setembro/2008. Disponível em:<<http://www.espacoacademico.com.br/088/88praxedes.htm>>. Acessado em 03/out/2016.

REIS, Alice Casanova. **A experiência estética sob um olhar fenomenológico**. Disponível em:<<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/693/493>>. Acessado em 22/ jul. /2016.

REGINATO, Valdir; BENEDETTO, Maria Auxiliadora Craice De; BLASCO, Pablo González; GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. **Humanismo: pré-requisito ou**

aprendizado para ser médico? Revista Brasileira de Medicina, 2014. Disponível em: <<http://www.sobramfa.com.br/pagina.php?p=artigos&a=106>>. **Acessado em 29/mar/2016.**

RIOS, Isabel Cristina. **Caminhos da Humanização na Saúde: Prática e Reflexão.** São Paulo: Áurea Editora, 2009.

ROCHA, S. P. **A Acupuntura no Sistema Único de Saúde do Município de São Paulo: História Oral e Memória,** 2013. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva Universidade Federal de São Paulo. 2013.

SÃO PAULO (Município). Secretaria de Planejamento Urbano – **Planos Regionais Estratégicos.** SP: Secretaria do Planejamento Urbano, 2004. (Série documentos)

SCHILLER, Friedrich. **A Educação Estética do Homem: numa série de cartas/** Friedrich Schiller; tradução Roberto Schwarz e Márcio Suzuki; introdução e notas Márcio Suzuki. São Paulo, Brasil: Editora Iluminuras, 2015.

SENICIATO, Tatiana; CAVASSAN Osmar. **O ensino de ecologia e a experiência estética no ambiente natural: considerações preliminares.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132009000200010>. Acessado em 13/jul/2016.

SIMMEL, George. **Religião, ensaios.** São Paulo: Olho d'Água, 2010. v. 2

TOLLE, Eckhart. **O PODER DO SILÊNCIO.** Tradução de Ana Quintana, Regina da Veiga Pereira. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

WATANABE, Tetsuo. **ORIGEM DO TEXTO DA FILOSOFIA DE MOKITI OKADA**

RELATO DO REV. TETSUO WATANABE. Disponível em: <<http://vontadeepensamento.blogspot.com.br/p/origem-do-texto-da-filosofia-de-mokiti.html>>. Acessado em 04/out/2016.

WILSON, Edward Osborne. Ascendendo rumo à Natureza. In: WILSON, Edward Osborne. **A Criação, como salvar a vida na Terra** ; tradução Isa Mara Lando. Revisão técnica Roberto Fanganiello.- São Paulo: Companhia das Letras, 2008.Cap I (pp. 18, 20).

WILSON, Edward Osborne. O gargalo. In: WILSON, Edward Osborne. **O Futuro da Vida: um estudo da biosfera para a proteção de todas as espécies, inclusive a humana** ; tradução Ronaldo segio de Biasi..- Rio de Janeiro: Editora Campos, 2002.Cap II, p. 60.

WILSON, Edward Osborne. Por Amor à Vida. In: WILSON, Edward Osborne. **O Futuro da Vida: um estudo da biosfera para a proteção de todas as espécies, inclusive a humana** ; tradução Ronaldo segio de Biasi..- Rio de Janeiro: Editora Campos, 2002.Cap VI, p. 153

WILLMANN, Laerte. **Ecologia interior. A natureza que cura de diversas formas.**
Disponível em:<http://amazonianutri.com.br/blog/a-cura-pela-ecologia-interior/>.
Acessado em 17/jan/2017.

ANEXOS:

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **Encontrando o Humano na Natureza: experiência estética e humanização de profissionais da saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga.**

Tal pesquisa está sob a responsabilidade da pesquisadora Miriam Rodrigues Xavier a qual objetiva estruturar e aplicar uma atividade educativa para profissionais da saúde inspirada no modelo do Laboratório de Humanidades realizado no CeHfi (Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde) da Unifesp. Partindo de uma experiência estética e reflexiva de contemplação da natureza no Solo Sagrado de Guarapiranga, a pesquisa pretende investigar o seu potencial humanizador nos profissionais da área da saúde e avaliar o resultado na vida prática destes profissionais no que diz respeito à sua humanização e apresentar tais resultados como uma proposta alternativa que se alinha no esforço de humanização tal como proposto pela Política Nacional de Humanização do SUS.

Sua participação é voluntária e se dará por meio da presença nos três encontros que serão realizados no segundo final de semana dos três meses em que a pesquisa se desenvolverá; o Sr. (a) deverá ficar alojado no solo sagrado nestes finais de semana. Ela compreende uma trajetória pelos jardins do solo sagrado acompanhada pela pesquisadora principal que coordenará a reflexão e discussão a cerca dos afetos suscitados, obedecendo-se a sistemática aplicada no Laboratório de Humanidades, ou seja, a livre manifestação oral dos participantes a respeito dos sentimentos, percepções, reflexões e repercussões que a experiência possa gerar em âmbito pessoal e nas suas atividades profissionais. Estas falas serão gravadas e submetidas a transcrição para leitura e análise.

Posteriormente, você poderá ser solicitado para que, livremente, nos conceda uma entrevista pessoal, onde mediante questões abertas (de acordo com a metodologia da

História Oral de Vida), procuraremos compreender melhor o impacto desta experiência no Solo Sagrado em sua vida pessoal e profissional. Tal entrevista será gravada, transcrita e entregue para sua revisão e aprovação, a fim de que ela possa ser utilizada em nossa pesquisa.

Podem haver riscos mínimos. Os que podem acontecer em caminhadas no campo. Não há benefícios para os participantes.

Se depois de consentir em sua participação o Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão

analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Este TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO será redigido em duas vias originais sendo que, uma ficará com o participante e outra com a pesquisadora. Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Rua Botucatu, 740 - Vila Clementino - São Paulo/SP - Tel.:(011) 5970-1005. Se você tiver alguma dúvida sobre a situação ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@epm.br

Acredito ter sido suficientemente informada (o) a respeito das informações que li descrevendo o estudo: **Encontrando o Humano na Natureza: experiência estética e humanização de profissionais da saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga.**

Eu discuti com **Miriam Rodrigues Xavier**, que irá coletar os dados, sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Nome do participante: _____

Assinatura: _____

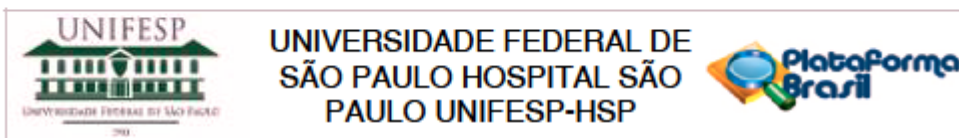
Data: / /2015.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pelo estudo

Data: / /2015.

ANEXO II



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Encontrando o Humano na Natureza, experiência estética e humanização de profissionais da saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga.

Pesquisador: Miriam Rodrigues Xavier

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 48419915.3.0000.5505

Instituição Proponente: UNIFESP/EPM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.293.792

Apresentação do Projeto:

Trata-se de resposta de pendência apontada no parecer 1.232.281 de 17/9/2015

Projeto CEP/UNIFESP n: 1037/2015

Este trabalho pretende, em articulação com o projeto "As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: Investigação e Experimentação", coordenado pelo Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Medicina Preventiva da EPM-UNIFESP, investigar o efeito do contato com a natureza como meio de humanização no âmbito da saúde. Partindo da vivência da pesquisadora na análise de uma experiência educativa concreta, desenvolvida no Solo Sagrado de Guarapiranga, a realização de um roteiro turístico ambiental, pretende-se observar o resultado em seus participantes e analisar em que medida ela tem um efeito humanizador.

Objetivo da Pesquisa:

-Objetivo Primário: Investigar o potencial humanizador da Experiência Estética da Natureza nos profissionais da área da Saúde.

-Objetivo Secundário: 1 - Estruturar e aplicar uma atividade educativa para profissionais da saúde

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
Bairro: VILA CLEMENTINO CEP: 04.023-081
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1082 Fax: (11)5539-7182 E-mail: secretaria.cepunifesp@gmail.com

APÊNDICES

APÊNDICE A - OFÍCIO DE ACEITE



IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL
SOLO SAGRADO DE GUARAPIRANGA



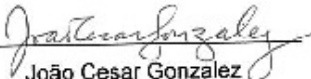
São Paulo, 23 de outubro de 2013.

Autorizamos a pesquisadora Miriam Rodrigues Xavier a realizar sua pesquisa sob o título: **"Encontrando o Humano na Natureza: experiência estética e humanização de profissionais da saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga"**, nas dependências do Solo Sagrado de Guarapiranga situado à Avenida Prof. Hermann Von Ihering (antiga Estrada do Jaceguai), 6567, Casa Grande, Parelheiros, SP.

Salientamos que estamos cientes de que a pesquisa ocorrerá no prazo de três meses, nos segundos finais de semana de cada mês, quando os colaboradores deverão ficar hospedados em nossos alojamentos. Salientamos também que estamos cientes que serão doze colaboradores e que tal pesquisa se encontra engajada no projeto "As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: Investigação e Experimentação", coordenado pelo Prof. Dr. Dante Marcello Claramonte Gallian, do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, do Departamento de Medicina Preventiva da EPM-UNIFESP.

Sem mais,

Atenciosamente,


João Cesar Gonzalez
Vice Diretor


Walter Grazi
Diretor

APÊNDICE B

AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGENS E IDENTIFICAÇÃO DOS COLABORADORES

Em função da viabilização de uma participação mais autêntica, a que desejo, autorizo a divulgação de minha identidade e utilização e minha imagem.

Nome _____ do _____ participante:

Assinatura: _____

Data: / /2015.

APÊNDICE C

Encontrando o Humano na Natureza: experiência estética e humanização de profissionais da saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga.

CADERNO DE NARRATIVAS

2017

Entrevista com Roseli Françaço.

Roseli Françaço é voluntária do Solo Sagrado há cerca de 20 anos e foi a pessoa que acabou trazendo um maior número de participantes para a pesquisa já que ela trabalha em uma UBS. Ela é agente comunitária de saúde.

A sua entrevista foi um desafio. Nós tivemos que gravar duas vezes. Da primeira vez, ela estava cumprindo atividades voluntárias e isto acabou sendo uma oportunidade privilegiada. Estávamos em um final de semana tranquilo sem muitas atividades. Marcamos um horário que achamos ideal, por volta das duas da tarde. Escolhemos também um local adequado. Como se tratava de um sábado, todo o Solo Sagrado é ocupado com visitantes, mesmo sendo em um final de semana tranquilo. Precisava levar em consideração isto porque deveria evitar interrupções na entrevista. Caminhamos juntas pelo Solo até encontrar um lugar. Escolhemos juntas.

Um lugar paradisíaco, atrás e acima do Templo. Neste local nenhum visitante tem permissão de entrar, somente funcionários da manutenção. Como no final de semana os funcionários da manutenção não trabalham, seria perfeito. Por este local ser bastante alto podíamos ver o Templo e a nave por cima, cerca de 20 metros de altura, a impressão que se tinha era de estarmos no céu. Todos os protocolos realizados, explicação e objetivo da entrevista, perguntas que gostaria que ela me respondesse, enfim, começamos a conversa. Foi ótimo, emocionante, talvez o local tivesse conspirado para isto. No entanto...., quando fui ouvir a entrevista para transcreve-la.....Não havia nem sequer uma palavra gravada, era possível ouvir os sons da mata (vento, pássaros) mas nossas vozes, NADA!!!!!! Se me pedirem para explicar NÃO SEI!!!!!!

Tentamos novamente, cerca de dois meses depois. Desta vez, ela estava novamente no Solo Sagrado para suas atividades voluntárias. Marcamos desta vez à noite. Diferente do outro final de semana este estava muito movimentado, todos estavam envolvidos em suas atividades. Combinamos nos encontrarmos no quarto do alojamento que ela estava hospedada. Um quarto muito agradável pintado com cores claras e mobília muito bem colocadas de cor marfim e um pequeno quadro na parede. Muito agradável. Ela estava neste dia particularmente feliz, era aniversário de uma amiga e estavam preparando uma festa surpresa. O quarto que ela estava hospedada é um tipo de apartamento com sala e copa, então a equipe de voluntários decidiu fazer os preparativos lá. Estava tudo muito alegre. Apesar do movimento e risadas na sala e copa a entrevista não foi prejudicada. Nós ficamos no quarto, todos sabiam e não entraram até ela acabar.

Entrevista

Roseli França

[...] como participante, a gente entra correndo, não para, para perceber [...] a gente acaba despercebendo o paraíso que está a nossa volta [...] porque tudo tem horário. Eu sei que tem horário e tal... mas acho que as pessoas poderiam entrar de forma diferente. Porque as pessoas...muitas né? Só tem esta oportunidade. Então que neste dia elas pudessem fazer esta mesma leitura, entrar com esta mesma dinâmica. Com calma, observando, eu sei que é difícil, mas fica a dica, porque eu acho que iria fazer uma grande diferença, como fez para mim.

Então assim..., eu sou voluntária há 20 anos. E o que aconteceu?... Eu me senti no primeiro encontro, orgulhosa. Porque orgulhosa? É um orgulho do bem, assim é... de saber que eu faço parte de um lugar deste e eu tenho a oportunidade de estar aqui, eu tenho a oportunidade de aprender, eu tenho a oportunidade de conviver com todas as coisas paradisíacas que acontecem no Solo Sagrado. Então... assim... Quando eu trouxe as pessoas junto comigo eu tinha vontade que eles tivessem o mesmo sentimento que eu tinha, é ...de estar feliz, de estar num lugar lindo de pessoas lindas, tudo maravilhoso e eu queria que eles sentissem esta mesma energia que eu sentia. E este orgulho que eu... Às vezes não sei se estou sendo bem clara, mas é um orgulho de saber que entre milhões de pessoas eu sou uma das que podem estar aqui, eu sei que o Solo Sagrado **É** para todo mundo. Mas não é para todo mundo ao mesmo tempo.

Então o que eu sentia.... Sempre me sentia renovada. Eu queria que eles participassem de tudo, eu queria que eles comessem no Solo, que pisassem no Solo, que eles sentissem o que é o Solo Sagrado, o que eu sinto..., Sempre... as vezes eu... até assim. Achava que estava vindo meio no automático, né? Quando a gente vem como participante no dia do culto, a gente entra correndo, sobe as escadas correndo, a gente não para, para perceber, e isto é uma coisa que fica assim.... meio que... né? A gente acaba despercebendo o paraíso que está a volta da gente, por que a gente vem com todo

mundo de uma certa maneira né? Assisti o culto..., desce as escadas correndo, porque tudo tem horário e agente não consegue de verdade sentir o que é o Solo Sagrado.

Então, nestes dias, que eu pude estar não como voluntária, mas, como uma pessoa comum como todo mundo. Estar participando de uma pesquisa, consegui enxergar o Solo da mesma maneira que as pessoas, maravilhada com tudo.

Porque eu não estava ali sendo voluntária e... assim, fazendo o que a gente faz no dia a dia dentro do Solo Sagrado, **eu estava vivendo o Solo Sagrado como eles**. Então, assim pra mim, foi uma experiência fantástica porque a gente redescobre novamente o Solo de uma maneira diferente.

Então, a gente tem vontade de falar para as pessoas, da árvore, do solo e... que desce a água e... sabe? Põe a mão no espelho d'água como todas as pessoas. Porque a gente não faz isto quando vem prestar o trabalho voluntário, nem dá tempo. A gente passa pelo espelho d'água que as gotinhas ficam lá atrás. E na pesquisa não, eu pude entrar no Solo novamente, né? Com espírito de quem estivesse entrando novamente pela primeira vez e novamente me sentindo maravilhada. E sentindo este orgulho, isto não dá para não dizer. Este orgulho de saber que aqui no Solo Sagrado eu faço parte de tudo isto. Então pra mim foi fantástico.

E o que mudou? Eu tive mais confiança. Porque **eu acho que eu nasci....** Eu tenho facilidade, talvez assim, de estar com pessoas, de trazer pessoas junto comigo. Então, eu acho que o Solo, quando se forma um passeio, eu acho que a humanidade deveria conhecer primeiro o Solo Sagrado. Eu sei que existem outros locais. Então, eu adquiri mais força mais confiança, maior entendimento e hoje eu consigo assim..., tudo que eu faço é trazer as pessoas para dentro do Solo Sagrado, pelo menos para ela ter este contato com o que é verdadeiro com o que é belo.

Que elas chegam aqui, que elas possam sentir que tudo que há de bom, que nada de ruim vai vir para ela. Por exemplo: a gente vai num parque qualquer, tudo pode acontecer, né? E no Solo Sagrado não, nada pode acontecer de ruim. **NADA!!!** Nenhuma queda, nenhum desentendimento, muito pelo contrário. Então é este sentimento de renovação de força. Como os meus amigos que vieram junto comigo e isto me deixou mais confiante de que realmente é preciso trazer as pessoas para que elas possam viver um dia no Solo Sagrado. Como eu trouxe aquela família, estes dias atrás; foi marcante para a vida deles, o Carlos a Sheila, as crianças, que ajudaram a desenvolver a dança circular, aquilo para mim foi maravilhoso. Até hoje eles falam muito disso.

Então me fortaleceu de uma maneira que talvez eu não tivesse tido esta força. Por quê? A gente vem sempre, mas vem sempre no automático e a pesquisa fez com que eu voltasse novamente e readquirisse toda aquela chama de novo.

Então eu...não é por mal..., mas é pelo...é pela condição que a gente vem que eu acho que a gente precisava mudar. Os participantes precisavam mudar isto, né? Eu sei que dia de culto, tem horário tal... mas acho que a gente deveria estender, mudar. Para que as pessoas pudessem entrar de forma diferente. Porque as pessoas...muitas né?, só tem esta oportunidade de vir somente no dia do culto né? Então que neste dia elas pudessem fazer esta mesma leitura, entrasse com esta mesma dinâmica. Com calma, observando, eu sei que é difícil, mas fica a dica, porque eu acho que iria fazer uma grande diferença, como fez para mim.

Entrevista com Nara

Nara é a enfermeira coordenadora da UBS, muito jovem e determinada. A primeira vez que fui à UBS ela estava de férias. Quando voltei para fazer as entrevistas que estavam faltando a UBS estava bastante movimentada e ela, a todo o momento, precisava interromper a entrevista para atender alguém que entrava ou o telefone. A entrevista com ela foi um pouco mais difícil, mas não deixou de ser divertida. Nós ficávamos conversando e esperando o próximo entrar e quando isto acontecia ríamos muito.

O que mudou foi me ouvir...me perceber

É... bom... Deixa eu lembrar... Lembrar não né? Pensar como que eu vou arrumar a história para contar.

Desde criança eu sempre gostei desta coisa de ajudar as pessoas e aí eu... meu pai é que fala muito isto.. quando eu era criança e assistia um filme que tinha a África eu dizia que iria para África ajudar as pessoas. E meu pai dizia: ___você não precisa ir tão longe né?

E aí eu achei que poderia ajudar as pessoas sendo médica. Então estudei até o terceiro colegial MUUUUUUITO!!!! Pra conseguir ser médica. Mas daí em não consegui passar na faculdade, passava em outras, mas não passava em medicina. Daí eu entrei no cursinho. Minha família era muito humilde.. Não tinha dinheiro, e tal. Aí eles. Então meu pai falou:___ ou este ano você passa ou você começa a trabalhar por que... não dá para ficar te sustentando todo o ano. E ele falou:___ porque você não tenta enfermagem? AH!... enfermagem? Aí eu fui...e... descobri o que era ser enfermeira e tal. Fui para enfermagem e percebi que eu ajudaria muito mais, sendo enfermeira do que sendo medica. Era aquilo que eu gostaria. E eu amei NOOOSSA! Foi ótima minha faculdade, foi ótimo tudo. Vim parar na saúde publica.

E... é isto. Assim eu cheguei na área da saúde. Como cheguei foi assim, querendo ajudar as pessoas.

COMO EU CHEGUEI NO CAIUBA? Aqui no Caiuba?, Com certeza ele me puxou...é incrível assim....e... eu tava e...eu entrei na UBS Domitila, fiquei sete anos lá, aí eles me colocaram para ser gerente LÁ! Né? Por um tempo e... hum... aí eu ralei muito, fiquei seis meses ralando muito porque queria ficar LÁ! Na verdade. Então eu falei, vou dar tudo de mim para eles verem que eu sou boa e vão me deixar ficar aqui. E... Só que daí chegou este prazo que eles me falaram. E disseram, NÃO. Você vai para outro lugar, aqui você não fica. NOSSA, fiquei MAL, CHOREI. NOSSA!!!! **Poxa Deus. Você não viu tudo que fiz nè?** Aquele sacrifício. Porque eu trabalhei dia e noite, fim de semana. E aí?... mas olha.. depois Ele me deu este presente que é o Caiuba. né?

E então eu vim para cá. Daí vim pra cá, e... surgiu a vaga, todas as gerentes foram promovidas e eu fui enviada para cá e eu **amei, nossa**. No primeiro dia já me arrependi do dia que reclamei **me arrependi tanto, DE VERDADE**. Falei, nossa. Como pude duvidar de que as coisas podem dar certo. Duvidar. A gente acha que sabe o que é bom pra gente, mas a gente não sabe.

E quanto à experiência, o que eu passei no solo. AH!... Nossa!!!! A experiência foi maravilhosa. Mudou tudo. Mudou tudo na minha vida. Eu acho que.... O lugar em si já é maravilhoso. É... Você voltar a olhar para você. A suas percepções, são coisas que você não faz no dia a dia. Você pode até estar num lugar bom, bonito mas... você nunca para, para analisar, olhar o que você esta sentindo, como que você esta se sentindo, o que as outras coisas te influenciam, o ver o belo, ver as coisas bonitas, ver as flores. Oque que isto te influencia. Você nunca para pra pensar. Às vezes você pega um final

de semana, você vai num jardim né? Vai num parque. Mas só ir lá te muda? Não. O que mudou foi me ouvir... me perceber.

Então lá, toda dinâmica que fazíamos ou cada lugar que eu ia eu parava para olhar... para perceber como estava me sentindo.... o que que eu fiz o que isto me trouxe, e só de eu ter tido este tempo comigo, mudou tudo, né? Então a experiência para mim foi 100% maravilhosa. E... trossentas mudanças aconteceram na minha vida pessoal e profissional lá, né? Pessoal é... namoro que terminei é... nem sei o que, sei lá, mudança de comportamento de atitude com a família, enfim.

As mudanças profissionais foram as ideias e as novas coisas que nós trouxemos para cá depois disto. Então, a unidade mudou, a gente se fortaleceu, a gente criou novas...novos...por exemplo o SUSDANCE, com certeza é fruto da vivencia que tivemos lá. Onde hoje nós estamos trabalhando com 15 escolas, a gente vai fazer um baita dum trabalho. Em torno de sete mil pessoas só em um projeto, isto pensando baixo. Em se pensar que cada escola tem 1000 alunos e a gente não vai pegar todos. Mas então acho que mudou,,,foi maravilhoso... foi 100%.

Eu acho que principalmente e... assim quando eu lembro, quando eu penso no Solo, quando eu lembro daquela vivência é o “sentimento” principalmente. Então assim é... não agir mais como eu agia antes. Antes era mais agitada queria tudo na hora, quer fazer as coisas, tem que acontecer, é... sei lá, ansiedade, nervosismo, tudo isto assim. Hoje não, hoje reflito bem mais, acho que nestas coisas assim, me ajudou muito no sentimento mesmo. Foi tudo maravilhoso, faria de novo.

Entrevista com Odete

Odete é uma enfermeira bastante jovem, como os outros da UBS, tem um temperamento firme o que se percebe até no olhar. No início da pesquisa ela se mostrava muito nervosa, intranquila. Ela havia sofrido um acidente e estava com o rosto muito machucado. Eu admirei sua naturalidade. Acredito que se este acidente tivesse acontecido antes ela teria dificuldades de se apresentar com o rosto seriamente marcado.

Eu acho que deveria ter mais. Deveria ter mais doses de Solo Sagrado é um tratamento imenso para nós foi um grande presente para nós e que acaba refletindo no serviço e na vida pessoal. Então se conseguir levar o profissional que seja uma vez por ano e isto se refletir na vida pessoal dele então isto é um grande ganho para a saúde do país pra saúde do bairro. Você estando bem,

consegue tratar melhor, não somente o paciente, mas os amigos a família, todos.

Fui adotada aos cinco anos de idade. Então minha história começa aí. Porque até aí eu não tenho...eu não sou nenhuma...

Aí eu fui morar em Minas Gerais e morei até meus dezenove anos e, aos dezenove anos eu voltei para São Paulo para fazer faculdade. Fui adotada por uma família maravilhosa. Mãe e pai tremendos e avós também maravilhosos que me criaram.

Ai é... no ensino médio tinha um jogo que nós jogávamos e tinha poucas jogadas, chamava RPG. Eu conheci a enfermagem lá. Porque eu gostava de, no jogo, fazer um papel... uma personagem que curava, tinha poderes de cura. Daí eu conheci a enfermagem e passei a querer fazer algo assim, algo neste ato de curar. Eu conheci o nome enfermagem que até então nunca... Porque só tinha medico e ponto. Prestei vestibular, decidi ser enfermeira. Busquei o que assimilava a profissão com o que eu queria fazer e escolhi enfermagem. Vim para São Paulo, comecei a trabalhar. Depois do ensino médio eu fiz técnico.

Vim pra São Paulo trabalhei um ano e no final deste ano passei na faculdade. Então desde 2004 estou aqui, a dez anos que estou aqui.

Aí conheci uma pessoa que é meu marido hoje, também em 2004, dez anos juntos, um ano casados. Estamos aprendendo a conviver, aprendendo a viver.

Quanto à pesquisa? Fez um ano????? NOSSA ! Mais parece que fez apenas alguns meses! NOSSA ! Que coisa incrível!

Acho que ficou sim, que ficou alguma coisa para mim, acho que ficou alguma coisa sim. Acho que todo dia, no trabalho mudou principalmente. Mas não só no trabalho, muita coisa pessoal também mudou.

Profissionalmente é... Aprender a não levar tanto a dureza assim da parte...., porque aqui a gente lida com muito protocolo tem que ser muito ASSIM! E pronto.

A rotina tem que ser muito adequada, e lá eu aprendi que, com o paciente você tem que acabar... avaliar o jeito dele. Tem momento que não é para dar consulta, que não é para estar aqui porque está fechado. Tentar avaliar a necessidade dele né? e compensar ..e saber que, se naquele dia, você não olhar para ele porque esta fechado ou não é dia de dar consulta, nunca mais ele vai vir te procurar e você perdeu o vínculo e você perdeu a oportunidade de tratar alguma coisa dele que pode ser séria. E antes eu tinha...acho que por ser nova e por ter pouco tempo, eu fazia tudo muito protocoladinho.

Então, a experiência me ensinou a dar uma aliviada e tentar dar um jeitinho a mais pro paciente, isto mudou e ficou.

É certo que às vezes a gente tem que dizer não e pronto, mas nisto mudou muito. E acho que também mudou muito em casa.

Eu fui criada só com mãe, então nunca tive papel de pai, então minha mãe me ensinou a ser independente. E isto com o marido eu tive muita dificuldade. Não! Eu sou mulher independente, eu quero isto eu faço aquilo, tem que ser do meu jeito. Aprendi a acalmar isto também.

Então a pesquisa afetou e refletiu na sua vida?

Com certeza, com certeza, no meu trabalho e também na minha vida pessoal.

E como foi seus dias no Solo Sagrado o que você lembra o que você sentiu?

Eu lembro que chegava muito tensa muito carregava, turbilhada, e saia calma tranquila. Saia, sei lá... com o pensamento no momento. E eu chegava pensando no que ia fazer hoje o que vou cozinhar, cheguei bem turbilhada.

Você chegou lá, mais com o pensamento em outro lugar ?

É isto mesmo, cheguei pesada pensando em outras coisas, preocupada. Pensando tantas coisas ao mesmo tempo. E quando passei no espelho d'água..., você sente... foi como se tivesse tirando aquilo de mim, e conforme fui caminhando foi como se tivesse me descarregando e conseguindo me ligar somente no que estava acontecendo lá, naquele momento.

E hoje eu consigo me manter no momento presente, se estou aqui, eu estou aqui. Eu consigo me desligar. Se acontece alguma coisa ruim aqui quando chego em casa não lembro mais o que aconteceu. Só lembro que tenho marido às quatro horas da tarde.

Eu acho que deveria ter mais. Deveria ter mais doses de Solo Sagrado, é um tratamento imenso para nós, foi um grande presente para nós e que acaba refletindo no serviço e na vida pessoal. Então se conseguir levar o profissional, que seja uma vez por ano e, isto se refletir na vida pessoal dele. Então isto é um grande ganho para a saúde do país, pra saúde do bairro. Você estando bem, consegue tratar melhor, não somente o paciente, mas os amigos a família, todos.

A gente vê que nem todo mundo aqui da UBS teve a oportunidade de participar, mas observando os que foram, tanto para participar da pesquisa quanto depois, o quanto deu uma grande mudada no trabalho. Nós sabemos o quanto nossa gerente tem um pensamento incomum, que ela ajuda muito... mas... precisava dos profissionais, e eles também mudaram muito e acho que isto ajudou a melhorar.

Mudou, melhorou muito depois da participação na pesquisa e depois dos outros funcionários também terem ido. É como se tivesse despertado algo bom que estava dentro de cada um e que estava escondido dentro de tantas coisas ruins que acontecem. Nós precisamos disso, deveria ter mais vezes a gente precisa desta carga.

Entrevista com Leandro

Leandro é uma pessoa simples, jovem, além de Agente de Saúde é dançarino. Ele pratica dança de salão e até já foi campeão de concursos de danças. Como a UBS estava cheia, decidimos fazer a entrevista no lado de fora, nos fundos dela (péssima ideia!). Fugimos do barulho de dentro da UBS e, estava o maior barulhão na casa ao lado. Crianças chorando pessoas falando. Não sei o que era aquela casa, escola, creche, sei lá! Só sei que eram muitas crianças chorando e pessoas falando. Incrível! Apesar de a UBS estar cheia e até meio barulhenta, o barulho não estava incomodando, era normal; de crianças correndo e brincando, pessoas falando, não percebi descontentamento. Porém, esta casa ao lado, este barulho, era algo muito aflitivo, triste, muito ruim. Fiquei pensando o que estaria acontecendo para aquelas crianças estarem chorando tanto, foi difícil me concentrar na entrevista. Ela até contribuiu para me descontraír e focar nas perguntas e gravações. Como nas outras entrevistas, fiz as três perguntas de uma só vez:

- O que levou o Leandro para a área da saúde;
- O que foi a pesquisa para ele;
- O que da experiência havia ficado para ele. Se havia mudado a sua vida. Se havia melhorado seu relacionamento familiar profissional. E se o tempo apagava a experiência.

Entrevista de Leandro.

...eu parei para pensar em tudo, minha vida como ela estava, se estava meia bagunçada ou não. Este ambiente me ajudou muito. Porque você, escutando aquela calma parece que os pensamentos vão fluindo, a

ideia vem fluindo e você vê o quanto que você é importante não só para sua própria vida mais também para a vida das muitas pessoas...

Sou uma pessoa amiga, companheira, sincera, estou sempre disposto a ajudar as pessoas e... sou muito família, amo a filha que tenho. Hummm... deixa eu ver o que mais.... Só isto.

Como eu vim parar na área da saúde? A área da saúde foi assim. Eu era vendedor já fazia 11 anos e queria sair da área, não aguentava mais aquela vida de vendedor. Passei por um poste e pela primeira vez li um cartaz (nunca faço isto!), estava escrito lá: ----*“precisa-se de Agente de Saúde, Posto de Saúde Recanto dos Humildes, inscrição tal dia”*. Aí, chegou o dia, eu tinha esquecido. Quando vi já estava em cima da hora, fui para lá de regata, bermuda e chinelo. Chegou lá. Lembro até hoje. A senhora que estava atendendo falou assim para mim: ----Como você, vem fazer uma ficha de emprego de bermuda, chinelo e regata mostrando todas as suas tatuagens? E ainda numa área de saúde? -----Ah, eu estava em cima da hora e acabei vindo assim mesmo.

Então fui e arrisquei, fiz a prova, passei! Não esperava, eram 98 inscritos e tinham três vagas. Passei em todas as etapas, graças a Deus, e... consegui a vaga. Aí eu me encantei coma área. Eu já gostava de ajudar as pessoas e fui aprendendo.

O Agente de Saúde passa de casa em casa e vê muitas dificuldades das pessoas mais próximas e a gente não sabe. Apesar da gente conhecer estas pessoas, não sabemos o quanto eles passam dificuldades. Então, assim, eu já era uma pessoa que gostava de ajudar e comecei a querer ajudar mais ainda, é algo que... toca o coração. Você chega na casa de alguém e vê que a pessoa precisa mais que você. E você? Às vezes, reclama de coisas banais que não precisa reclamar às vezes as pessoas tem pouco e consegue ser feliz com o pouco que tem.

Quanto à participação da experiência no Solo Sagrado. Já o conhecia antes, a Rose já tinha me levado algumas vezes, já tinha ido com minha filha duas vezes, e eu sempre gostei. Ali, naquela parte da água, no espelho d'água, ali para mim é a parte melhor, eu paro ali e escuto a água, parece que estou em outro mundo. E a experiência para mim foi única. Foi uma coisa diferente, porque é diferente você ir visitar e ir passar lá um final de semana, vivenciar tudo. Conhecer o que não conhecia antes, lugares que você não podia entrar, conhecer um pouco da história também. Por que a gente conhece, mas não a fundo e neste um mês a gente conheceu mais.

Assim... para mim é..., um lugar... Sei lá!... Mágico lá... Não sei o que acontece, é um lugar que você vai.... Se você chega triste você sai contente parece que a tristeza,... você tá subindo ali...SOME!!!! É engraçado, muito engraçado. Porque as pessoas sempre receptivas, é o carinho com você. Coisas que você as vezes no dia a dia você não tem, não tem este carinho este toque. Você vê o amor das pessoas que estão ali. Para mim foi uma experiência maravilhosa, quero fazer de novo se puder.

Antes eu..., eu me emocionei muito lá dentro. Acho que é uma coisa que você estar ali com os amigos e... fazendo a pesquisa e você vê também a emoção deles né? Deles é que é emocionante. Na hora que foi falar um pouquinho de cada um e... você vê o companheiro chorar, a gente se emociona com a história de vida deles e você percebe o quanto a gente tem pessoas amorosas ao nosso lado né? São coisas que você não consegue reparar no dia a dia. A gente está aqui trabalhando, é oi e tchau, é oi e tchau. Na família também é assim, muito rápido. E lá nós conseguimos enxergar o próximo. Enxergar mais quem está junto com a gente e isto é muito gratificante. Você vê que as pessoas estão aqui batalhando, vê a história de vida da pessoa, o quanto ela cresceu também, você começa enxergar ela, o antes e o depois, vê como ela chegou na unidade e como ela é hoje, isso é legal, ai você consegue captar esta mensagem, saber direitinho o que aconteceu.

A experiência para mim foi esta. Eu já gostava de ajudar, passei a ajudar mais ainda e... ser uma pessoa mais calma, eu já sou calmo, mas ser mais calmo ainda. Tentar observar mais o que a gente faz, as palavras também, como a gente fala com as pessoas. Ser mais observador, observar mais as pessoas e a necessidade de cada um. E ver que muitas pessoas necessitam mais do que a gente né? Parar com este negócio né de ahhhh!! reclamar muito, a gente já tem tudo, uma família maravilhosa, um emprego fixo. Buscar algo a mais sem passar por cima de ninguém e fazer seu melhor e correr atrás.

Com o tempo a sensação não se perde. Não para mim, toda vez que eu me lembro de lá eu sinto uma emoção muito grande. Sabe você..., as vezes a gente esquece um pouco, mas, quando alguém fala a gente revive tudo o que passou lá, passa um filme na cabeça de tudo o que aconteceu lá, muito bom. Uma coisa legal que aconteceu lá foi na hora de dormir, porque aqui? Com este barulho? ... Não estava numa noite muito legal, estava namorando há um tempo e, estava revivendo um grande amor novamente. Eu pensei muito neste lado também, então, eu parei para pensar em tudo, minha vida como ela estava, se estava meia bagunçada ou não. Este ambiente me ajudou muito.

Porque você, escutando aquela calmaria parece que os pensamentos vão fluindo, a ideia vem fluindo e você vê o quanto que você é importante não só para sua própria vida mais também para a vida das muitas pessoas.

Então falar do Solo Sagrado é como se estivesse vendo um filme de novo, um filme que se quer ver muitas vezes, que você quer ver sempre. É mágico lá! E acabei falando para muitas pessoas do que vivi lá e você vê a emoção delas só de ouvir a gente falar.

A primeira vez que eu fui, eu até falei, como foi excursão não senti nada. Quer dizer, senti sim um pouco no espelho d'água, porque paramos, fechamos os olhos para pensar e então senti alguma coisa, nos outros lugares não. E com a pesquisa foi muito diferente, quando você falou para gente andar devagar em silêncio, e isto muda muito. As brincadeiras também a gente vê o quanto a gente precisa dos outros. Muito gratificante, nos faz uma pessoa melhor. A gente passa a ter uma outra visão da vida. Gostaria de agradecer porque o que passamos lá mudou a minha vida.

Entrevista com Felipe

A princípio comecei a testar o gravador por que se não funcionasse, eu estava longe, ficaria difícil voltar depois. Apesar de ter voltado várias vezes. Felipe é um rapaz muito jovem. No entanto, apesar da juventude é ele quem substitui a gerente em sua ausência. Era o caso naquele dia já que a gerente estava de férias. Ele pareceu contente em me ver. Estava na recepção da UBS conversando com um funcionário. Ao me ver, veio me receber na porta e conforme entrávamos me apresentava para todos de forma muito alegre.

A gente começa a valorizar mais a natureza, valorizar mais a... a humanidade mesmo. A gente sai de lá mais humano, de lá do Solo Sagrado. E acho que isto impacta totalmente no cuidado ao paciente né? Porque se você sai mais humano, valorizando a natureza, você acaba valorizando mais o outro né?

Bem, primeiro quem sou eu..., eu comecei..., eu sou da Vila Maria, zona norte de São Paulo. Moro com meus pais, eles estão juntos até hoje.

E... estudei em escola particular desde sempre, graças a Deus minha família sempre teve uma estrutura bacana.

Sempre quis trabalhar com gente, sabia que iria trabalhar com gente. Agora em que área? Não tinha certeza, como a maioria dos adolescentes.

Então, eu tinha dezessete anos, eu fiz uma prova pública para fisioterapia, outra para educação física e outra para enfermagem. Eu fiz pra três áreas que sabia que era da saúde e eu iria lidar com gente. No entanto, três cursos distintos. E... Então eu falei:___ bom, qual deles que eu vou poder... lidar melhor com as pessoas, fazer realmente o que eu gosto que é realmente tratar de gente. Os três né?

Porém, é... o que você realmente cuida, o que você realmente interfere na vida, o que você pode agir de uma forma mais intensa, é a enfermagem. Mesmo assim eu fiz as três provas. Aprovei na faculdade Unesp que era lá em Rio Claro pra fazer educação física...olha aí para onde eu estava indo! E... não passei na Unicamp que seria para fazer fisioterapia. E acabei conseguindo uma bolsa de estudos pela São Camilo para fazer enfermagem.

E aí, entre morar em Rio Claro e fazer educação física e fazer enfermagem aqui pertinho de casa. E pelo que realmente gostava mesmo né? Que era lidar com gente, neste ponto de você poder realmente cuidar, de você poder realmente é... agir dentro da vida desta pessoa né? Então eu escolhi a enfermagem, eu escolhi a São Camilo, aproveitei a oportunidade da bolsa também e fiz a escolha certa.

A partir de lá eu comecei a fazer estágios estudos, trabalhei em centro cirúrgico um ano como estagio extracurricular.

E aí, no penúltimo ano quando eu fiz meu primeiro estagio prático, aquele que você chega na..., vida real mesmo da saúde, que você começa a atender.

Mesmo como estagiário ainda, eu tive certeza que eu... que eu queria ir para a saúde pública. Lidar com um povo que realmente não tem muitas condições financeiras, um povo mais assim, humilde né? Um povo que realmente reconhece o trabalho do profissional, ainda mais pela experiência que eu tive em centro cirúrgico.

Então, é... quando eu fiz aquele estagio eu faleié isto! É isto que eu quero. Saúde pública, atenção básica.

Foi numa unidade tipo esta aqui que tinha PSF também, ...tudo. A partir de lá comecei os estudos. Estudei, estudei, estudei.....para entrar em concurso. Aí, depois de um mês que me formei prestei a prova daqui.

Esta unidade estava inaugurando ainda, não sei comopassei.... porque eu não tinha experiência nenhuma. E a gente veio a formar esta equipe para inaugurar esta unidade aqui. Então a gente começou do zero aqui, há cinco anos.

E assim, é..., falando um pouco mais de quem sou eu. Eu sempre tive essa...essa...esse...,esta certa vontade de querer lidar com gente, então sempre gostei de esportes coletivos que nem futebol que jogo até hoje. Na época da faculdade a gente tinha time, jogava também e..., joguei em alguns clubes antes.

Então, assimsempre gostei de lidar com pessoas e você tende a ser do tipo de gostar de estar em grupos trabalhar em equipe, que realmente é o que a gente faz aqui hoje. Então acho que..., a escolha foi certa.

E a gente esta aqui hoje e não é por acaso. Por que assim,,Eu tinha vááárias provas que eu fiz, eu tinha vááários lugares que eu poderia ter ido e só tinha experiência de estágio em saúde publica e consegui entrar para uma unidade que iria inaugurar . Então, eu dei muita sorte. Não adiante falar que foi só estudo não. Tive muita sorte também. E acredito que estas coisas não acontecem por acaso. Eu tinha mesmo que estar aqui.

Agora, a segunda pergunta que você... Falou... era a....O que a pesquisa foi para mim. O que eu senti com ela e qual foi a repercussão que ela teve para mim.

Bem, a pesquisa assim, de um modo geral, ela envolve muita paz interior né? Tanto que, quando a gente vai comentar sobre o Solo para alguém já vem àquela sensação. Você já começa a lembrar daquele ambiente de paz e equilíbrio. Acho que vem muita paz e equilíbrio.

Toda vez que eu preciso agir eu preciso me colocar no eixo, equilibrado. Então, a lembrança daquele ambiente já gera uma paz interior, um equilíbrio, uma vontade de desligar um pouco daqui e de sentir aqueles sons, ver aquelas imagens.

Quando você passa pelo Solo você olha as pessoas, as pessoas estão assim todas bobas. Ainda mais quem vai a primeira vez. Eu imagino a minha cara quando fui a primeira vez.

Nós fomos com a unidade depois e deu para ver a cara de quem estava lá pela primeira vez. Acho que, o que se passa lá é isso. É uma sensação de paz interior, de prazer e isto impacta totalmente, eu acho, no seu dia a dia. Depois de lá, parece que você, quando fala de natureza, quando você, né? De repente,,,até mesmo nas suas praticas diárias de quando a gente fala assim:___AHHH tá faltando água. A gente

começa a valorizar mais a natureza, valorizar mais a... a humanidade mesmo. A gente sai de lá mais humano, de lá do Solo.

E acho que isto impacta totalmente no cuidado ao paciente né? Porque se você sai mais humano, valorizando a natureza, você acaba valorizando mais o outro. E isto tem que tá dentro de você. Acho que isto parte de dentro de nós para o outro. Porque a gente é totalmente..... a gentenós influenciemos as pessoas que a gente cuida. Então, a gente tem atitude de amor, e isto contamina o outro de forma positiva. Então, para mim as duas vezes que eu fui foi muito bom, muito bom mesmo. Eu acho que hoje eu sou uma pessoa mais equilibrada. Gera um equilíbrio mesmo, só de lembrar e até de você contar.

Estava ali fora falando com uma pessoa: ____“vai lá você precisa conhecer...olha o site...olha as fotos”. Você fala com propriedade, você não fala só por falar, não é assim. Você quer mesmo que a pessoa conheça. Não é vai lá e dá uma olhada se dá. Não é assim, a natureza lá é assim é assado. ____“Vai lá! É dentro de São Paulo, você não acredita que aquele lugar existe”. Praticamente você vende o Solo e você não precisaria, mais, você quer, porque você está envolvido. É uma coisa que deixa seu lado humano transparecer.

Valeu muito para mim, de enxergar melhor as coisas, valorizar mais a natureza, valorizar mais as pessoas até, né? Você cria um respeito maior pela natureza e pelas pessoas em si. Tanto que quando a gente recebe você aqui, hoje, a gente começa a lembrar de todas as coisas. De como foi, das brincadeiras, de todas as atitudes e até das conversas sérias.

E estas coisas que faz muito tempo, quanto tempo faz?.....um ano?....e parece que foi ontem.

Realmente, eu lembro de tudo mesmo que a gente vivenciou lá. E não foi muito tempo juntos assim, foi só um final de semana. Mas parece que foi ontem.

Então? Papo sério assim. O negócio é intenso mesmo, quem falar que não influencia a pessoa, que não deixa a pessoa mais humana, melhor, tá mentindo! Porque deixa!

O tempo não apaga o que aconteceu lá. Você acaba lembrando em cada atitude. Por exemplo: às vezes a gente está trabalhando e qualquer situação que lembre a natureza... ou que você vai agir, você dá uma acalmada, respira, você começa a valorizar sua paz interior. Qualquer imagem que você veja, de animal, por exemplo, faz a imagem voltar, ela volta imediatamente.

Eu fiz um treinamento chamado líder três. Ele ensina você a ser líder, não só para o trabalho, mais também para sua família. Ensina você respeitar as pessoas, ensina você a lidar com as pessoas, respeitar as pessoas, valorizar. E às vezes quando vou tomar uma atitude com meus amigos, minha família eu lembro daquilo. E a relação com o Solo e a mesma. Você vai falar com as pessoas e você lembra e diz:--- *Meu! Você precisa manter este equilíbrio*. Esta UBS é um lugar com muita natureza e você olha a natureza de maneira mais respeitosa. Você não olha mais por olhar, você olha além daquilo tudo.

Acho que a mensagem que o Solo deixa no seu eu é valorizar, respeitar e manter seu equilíbrio. Você fica mais zen. Eu acho que eu fiquei uma pessoa mais zen, mais tranquila, menos impulsiva. Às vezes eu sou meio impulsivo de querer agir sem pensar no que pode acontecer, nas consequências. Então, eu acho que o Solo influencia mesmo e neste ponto também.

Gostaria de agradecer que pelo pouco que fiquei lá..... Eu sabia que o interesse era a pesquisamas não era só a pesquisa. Dava para perceber o desejo das pessoas no nosso bem, na nossa felicidade. Nossa convivência, o exemplo. É um lugar que você age como exemplo e isto é legal porque influencia bem as pessoas.

Acho que todo mundo deviacomo eu falo. Eu acho que pelo menos uma vez na vida as pessoas deveriam passar pelo Solo. Por mais que não queira, ou, não possa ir sempre... se a pessoa quer ou não quer ir. Porém, a pessoa deve passar por lá, para sentir. Por que é uma coisa que mexe, que reflete na sua vida.

Até hoje, eu posso estar aqui, estar em casa, que vem a mente as imagens os acontecimentos que passei lá. Então, acho que todo mundo deveria ter esta experiência de um dia passar por lá .

Em momentos rápidos, poucos. Um final de semana não é nada na vida da gente. Porém, não é nada em questão de tempo. Mas, em questão de significado. Valeu muito!

Entrevista com Joana

Fiquei um pouco aflita durante a entrevista com Dn^a. Joana. Esta colaboradora já tem uma certa idade, ela tremia muito. Fiquei preocupada acreditando que ela estava nervosa em dar a entrevista. Fiz todo esforço para que ela se sentisse tranquila. No entanto, ela estava tranquila, eu é que a julguei precipitadamente, ela tremia por ter a

doença de Parkinson. Fiquei envergonhada e pensando em mim. Como nós, ou eu, julgamos precipitadamente, como julgamos a aparência. Porém, me justificando, também fiquei preocupada em perguntar por que tremia e feri-la de alguma forma. Percebi em mim como não sei lidar com certas circunstâncias. Esta senhora me ensinou demais. Antes de ligar o gravador ela me disse que havia voltado ao Brasil (ela trabalhou por 20 anos no Japão) justamente por causa do Parkinson. Ela chegou ao Brasil se sentindo inútil, velha e, justamente quando conseguiu o trabalho como agente de saúde nesta UBS é que conseguiu recuperar sua autoestima, sua confiança. E eu, presunçosa, achando que ela estava nervosa por minha causa. Esta senhora e seu esposo foi quem me recebeu na estação de trem na segunda visita que fiz à UBS.

Iniciei a entrevista como sempre, fazendo as três perguntas de uma só vez e deixei que ela falasse na ordem que achasse mais adequada.

Dona Joana:

Então,... então, eu..... como você falou né? Que não sabe como arranjou o grupo para participar da experiência e que foi Deus. Eu também , eu vim de longe né? Cheguei aqui, pensei que não iria trabalhar mais, com 50 anos, pensei que não iria trabalhar. Aí, me falaram que tinha uma UBS precisando de funcionários e, no ultimo dia, eu consegui este emprego.

Então, quer dizer,...também não é por acaso, não é verdade? E... eu...eu conheci um outro lado da vida que eu não conhecia, um outro lado do ser humano. Que a gente só via assim na tv. Que você vê na tv..... assim você vê a favela... você vê as pessoas carentes ..e aí você fala NOSSA, coitado né? Mas você não entra na vida dele, não entra na casa dele.

Então eu conheci este lado de entrar na casa, na vida de outras pessoas. É..., e que são como nós. Só tem um diferencial... não tem... assim. Uns tem mais e outros tem menos, mas somos todos iguais! Eu acho que a gente não tem diferença nenhuma, porque você entra na casa de gente que tem bastante e você entra na casa de quem não tem nada às vezes né? Às vezes aquele que não tem nada te ensina muito mais, aquele que tem mais às vezes não dá valor. Então acho que pra mim né?.....principalmente na área da saúde. Assim.... Também não sei.

Pedi a Deus um trabalho e Ele me deu este. Na verdade, também...eu acho que se Ele me deu este é pra fazer com amor. Tudo que eu faço eu gosto de colocar o amor na frente.

De trabalhar com o ser humano eu também gosto. De falar com as pessoas, de conhecer as pessoas, para mim é uma experiência enorme. São cinco anos de uma experiência maravilhosa na minha vida.

O que eu posso fazer na minha área? Juntar as pessoas, trazer um bem-estar, oferecer aquilo que..., assim, porque eu sou um intercambio entre a comunidade e a UBS. Eu entro na comunidade eu ofereço o trabalho da UBS, e... eu gosto que quando meu paciente vem aqui ele também seja bem atendido, bem recebido, porque ele me atende bem. Eu sou bem recebida na casa deles. Eu fico triste se por acaso acontece de ele não ser bem atendido. Mas é como falo, às vezes aquele funcionário que não atendeu bem é porque ele não está bem, ele não está bem com ele mesmo, por isto não atendeu bem, mas graças a Deus a maioria das vezes os pacientes são bem atendidos. Então foi uma experiência enorme trabalhar aqui.

Quanto a ter sido chamada para participar da pesquisa? NOSSA! Para mim foi assim..., muito bom, muito bom. Porque juntou todos os tipos de profissionais. Tanto que eu... Eu sou o mais baixo escalão. Eu vou lá em baixo, eu vou na casa do paciente. Eu é que trago o paciente, não é verdade?

O Agente comunitário, o enfermeiro, o auxiliar de enfermagem e o médico. Você juntou, sua pesquisa juntou todos, então eu achei muito interessante.

Todos nós somos assim..., todos somos iguais, só que tem a diferença de ser enfermeiro, médico. E também de ser mais ou menos não importa muito, o que importa é a capacidade de amar um ao outro de..., de...como que vou falar, de...se sentir na pele do outro, ter compaixão, é você..., quando alguém vem falar daquela necessidade você olhar, olhar dentro daquela pessoa e se sentir ela naquele instante. Eu..., eu..., minha experiência com as pessoas é isto, é de atender a pessoa dentro daquilo que ela mais está precisando. Naquele momento que ela vem te procurar é saúde, não é verdade? Então se a gente pode fazer alguma coisa eu procuro atender.

E participar lá, no Solo Sagrado eu vi que.... Acho que... sua escolha foi divina mesmo porque todos que participaram compartilham de uma mesma ideia, todos têm, assim, um bom entendimento quanto ao ser humano, quanto a se relacionar com o ser humano de... atender bem o ser humano de... ficar na pele do outro de saber o que outro precisa e eu acho que na área da saúde isto é fundamental. A gente saber compartilhar naquele instante que a pessoa precisa, a gente precisa saber ouvir e acho que esta equipe que tem aqui NOSSA, é de tirar o chapéu. Porque se todos fossem assim já seria o paraíso. Mas eu acho que a gente pode melhorar.

Gostaria de agradecer todos que me deram a oportunidade de participar desta pesquisa, agradecer a Deus. Na área da saúde eu acho que... tem muito, tem condições de melhorar muito, cada vez mais. É..., o entendimento entre as pessoas, é o amor mesmo, compartilhar o amor.

As pessoas que participaram daqui melhoraram 100%. Sempre acho que é um galgar a mais do seu próprio eu, do ser humano mesmo de... melhorar como pessoa. Eu acho que...Eu? NOSSA, me senti assim.. que.. eu posso melhorar até mais, que a cada dia eu posso melhorar mais. Participando da experiência a gente vê que ..puxa vida! É muito bom você ser melhor como pessoa, com o relacionamento com as pessoas. Eu acho que as pessoas daqui melhoraram muito mais, só de passear por lá. Eu me senti assim... emocionada lá, tocada por algo. Sabe tem coisa assim..., que não dá para explicar, só dá para sentir. A natureza, o céu, a água, o vento a terra, são energias boas que se juntam e, quanto mais você tem e compartilha mais o universo fica cheio desta energia que eu acho que é o amor. O Solo Sagrado é um lugar desses que ensina a pessoa a amar: a natureza, as pessoas NOSSA! Tudo lá é bonito a gente se sente bem. Se as pessoas soubessem que quanto mais elas se doarem mais elas seriam felizes. No Solo Sagrado a gente aprende isto.

Entrevista com Stefânia

Já havia ido uma vez entrevistar a Dr^a Stefânia, mas ela estava de férias. No primeiro dia em que fui a UBS ela estava tranquila, quase não tinham pacientes nos corredores. Aproveitei para tirar algumas fotos e observar o público, me pareceu muito agradável, um ambiente acolhedor.

Na segunda vez que fui ela estava mais cheia. No entanto, não percebi nenhuma insatisfação nos pacientes. Eles sorriam pelos corredores apesar de estar (talvez, já que estavam em uma UBS) doentes ou com algum parente doente. Tinham várias crianças que corriam e brincavam. Faziam bastante barulho, mas isto não parecia perturbar o andamento das atividades.

Dr^a. Stefânia estava atendendo uma paciente (uma senhora idosa) e eu precisei esperar. Aproveitei para observar o ambiente. Achei até divertido. Logo Dr^a Stefânia terminou de atender e pudemos nos cumprimentar. Ela me abraçou fortemente (ela tem quase 1,90m e eu 1,50m) sumi nos braços dela. Pareceu estar muito feliz por me rever. Conversamos bastante sobre os dias em que ficamos no Solo Sagrado para o desenvolvimento da pesquisa. Cuspei a ligar o gravador para iniciar a pesquisa. Ela queria falar dos sons, das sensações, das flores, de tudo que viu e sentiu, e eu queria

gravar tudo aquilo. Mas fiquei com medo de inibi-la ao ligar o gravador, então, deixei-a falar. Fiz bem, porque foi o que aconteceu de fato. Dr. Stefânia é a médica generalista da UBS, é bem protocolar. Sabia que quando ligasse o gravador ela iria se comportar de forma “científica”, se é que podemos dizer assim.

Entender sem gritar, no solo ninguém grita. A imagem de que a vida segue seu curso, que você tem que aprender ter jogo de cintura e que você pode escolher seu caminho.

Bem, a 1ª pergunta, porque vim para a área da saúde. Bom, especificamente a medicina me atraiu por um sonho, um amor muito grande que eu tinha pelo ser humano. Por uma vontade de conhecer por dentro o funcionamento das emoções. Como que é que tem **sangue** vermelho e a pessoa é marrom é branca. Curiosidade de criança. Falava em ser cientista, falava de ser é...Nunca professora! risos. Ser uma pessoa para descobrir coisas. Eu achei que a medicina era que juntava a curiosidade e a ciência e, ao mesmo tempo o amor, o cuidar, a área de cuidado com o próximo.

Quanto à segunda pergunta. O que foi a pesquisa para mim.

Foi uma coisa totalmente inusitada. Primeiro porque foi uma emersão, a gente ficou mais que um dia uma noite e tudo. Então, a gente se desligou totalmente da realidade. Então, isto já faz com que a gente saia um pouquinho fora né? Eu lembro muito bem, as alturas, os caminhos, era como se fosse uma escalada rumo a algo mais divino lá dentro. Então, eu achei muito legal isto.

E o que mais me chamou atenção lá dentro foi assim...coisas que aconteceram que não tinha nada a ver com o assunto. Que me remeteram por exemplo a... um, é..., um bem-estar. Lógico né?

A imagem de que a vida segue seu curso, que você tem que aprender ter jogo de cintura e que você pode escolher seu caminho. E isto para a área da saúde é importante, porque a gente cansa de ensinar ou doutrinar os pacientes ou orienta-los a certos caminhos e, a gente sabe que não adianta, porque por mais que a gente fale são eles que vão seguir os caminhos deles e às vezes eles precisam pisar nas pedras de vez em quando para chacoalhar, para poder melhorar e entrar no caminho do paraíso né? Até lembrando do trajeto agora que é muito gostoso.

Tem a questão dos sentidos, de fechar os olhos, sentir as águas, escutar o barulho das águas, a temperatura que aumenta e diminui. Então, assim, o que chama a atenção é

o sentir, eu fiquei mais atenta e mais aberta para sentir o que o paciente tem para trazer. E uma coisa, que não sei se tem muito a ver, e que me chamou muito a minha atenção e que me deixou muito grilada, mas que no fim me deixou em paz, tranquila, foi sentir o espírito da minha avó ali dentro sabe? A minha avó já havia falecido a muito tempo. Eu nem sei se ela foi lá alguma vez. Ela viajava muito, morava sozinha, viúva a muito tempo, então eu nem via ela. Ela viajava todo final de semana. Ela morreu inclusive, indo para uma festa, morreu feliz. E eu senti. Teve uma fala sua que, não sei se você lembra. Você falou uma coisa que parecia que ela estava lá, não sei se você falou para mim, ou aquilo eu captei como para mim. Você falou que a gente estava ao lado de alguém que a gente amava muito e naquele momento fez todo sentido, porque eu estava sentindo alguém do meu lado, mas eu não sabia quem era... e quando você falou aquilo, quase no final, acho que no último dia, aí você falou: agora nós vamos fazer o último caminho. Foi aí que eu senti que ela estava ali do meu lado, presente...até me emociona.....e foi muito gostoso, e fiquei com aquela sensação o tempo todo, até o fim.

Na área da saúde a morte aparece como ponto final e aí a gente tem que lutar contra isto. E às vezes é uma coisa que a gente luta, luta, mais é uma coisa inexorável.

E só sei que foi muito bom. E deu para relembrar os ciclos né? Os ciclos da vida. Uma pessoa mais velha, assim como um dia minha avó um dia vou eu. Então eu relembrei isto, parece que a imagem dela fechou isto na minha cabeça. Parecia que ela estava bem próxima, uma pessoa que eu amava muito. Então foi uma sensação gostosa de sentir, ela presente e ao mesmo tempo percorrer os caminhos aparentemente com ela me ensinando: ___ olha, você como médica tem que entender de novo que tem início, meio e fim.

A gente também erra, a gente quer às vezes é... colocar coisas na cabeça da pessoa, a gente não muda as pessoas. Primeira coisa, a gente é que tem que mudar. Se o outro quiser, vem atrás, mas não que você vai muda-lo para que ele pense como você.

Então eu acho assim, que serviu para eu entender que se a gente quer que o outro mude temos que ser o exemplo desta mudança para que eles te sigam. Que você consiga falar a mesma língua de outras pessoas sem precisar gritar para ter um pouco mais de harmonia. Que eu senti foi isto, paz, harmonia e muito amor. Entender sem gritar, no Solo ninguém grita.

3ª pergunta, o que ficou para mim.

Acho que o principal que ficou foi, a harmonização. Que aí eu tento me harmonizar. Porque lá é um paraíso é um modelo que a gente acha que não existe aqui,

mas acho que aquilo serviu para eu me harmonizar e quando eu quero eu tento colocar este paraíso aqui, nesta sala por exemplo. Atendo em locais que eu me sinta bem, sabendo que as pessoas que entram aqui estão em sofrimento. Tento me harmonizar com elas. Estes dias entrou uma senhora de 80 anos e veio falar do marido de 83 que estava em casa, que estava com dores nas pernas. A única coisa que não falei para ela é que um dia ele irá morrer. Ela sabe, eu sei, ela não fala e eu não falei. Olha, a senhora vai ter que ter paciência, a gente já fez tudo que podia fazer ele precisa descansar um pouco.

Então, era só isto que ela queria ouvir de mim. Então assim, eu me conectei com ela. Às vezes você precisa ouvir para ela se apaziguar e se acalmar. Às vezes você não precisa fazer nada. Se eu fosse recém-formada eu iria sair correndo para ir lá, levar para o pronto socorro e com o que eu falei, não fazia sentido fazer isto. Ele tinha acabado de ter uma pneumonia estava se recuperando, então, assim, é o tempo.

Então, eu me sinto mais a vontade de lidar desta forma com o paciente, falar coisas que é preciso falar para acalmá-lo. Não pego mais e falo, toma aqui este remédio para dor para ver se ele melhora. Então resolvi o caso sem pegar na receita. Têm coisas, lógico a experiência vem, também conta. Mas ter experiência e não ter paciência não ter amor para falar com as pessoas não adianta nada.

Entrevista com Luziete

A colaboradora Luziete chegou ao Solo Sagrado por volta das 9:00h da manhã. Ela preferiu vir fazer a entrevista aqui, mesmo sendo longe de sua casa (cerca de 40km, por volta de quatro horas de viagem entre ida e volta). O dia estava ensolarado e por ser quarta feira, sem muitos visitantes, o que me interessava. Por ser o Solo Sagrado muito visitado eu poderia ficar sem um espaço adequado para o desenvolvimento da entrevista. Em se tratar de um jardim eu precisava escolher o melhor e menos visitado espaço possível para não haver interferências provocadas por transeuntes e, devido a isto, possíveis interrupções da entrevista e até prejuízo em sua fluidez. Com este raciocínio, escolhi um local isolado atrás de um dos auditórios. Trata-se de um caminho muito agradável onde há bancos entre árvores. Durante os dias de semana este local não tem acesso aos visitantes, o que para mim era perfeito, me daria um local aconchegante sem o risco de ser interrompida no meio da entrevista. No entanto, minha natureza controladora sempre se depara com o imprevisível.

Neste local pacato estávamos protegidas dos visitantes, porém, não dos funcionários e, justamente um deles, foi a causa de muitos risos, interrupções e recomeços.

Próximo do local onde estávamos há um sanitário. É um sanitário para deficientes, portanto, não deveria estar sendo utilizado por um funcionário, porém, como é um sanitário confortável acaba sendo preferido pela maioria. Aquele em específico por estar em uma área isolada foi a preferência daquela pessoa. No entanto, se tivesse sido utilizado sem maiores demoras não teria sido tão impactante. E assim, os sons provocados pela pessoa, entre tosses, escarros e outros mais, tiraram a nossa atenção e nos provocaram muitos risos. Ah! O que é a imaginação.

Contudo, esta situação acabou também provocando a fala da colaboradora que relatou sua aversão por estas coisas (sons e excrementos) e que acabou a afastando de uma área profissional, apesar de ter estudado para isto (ela é farmacêutica). Passado este constrangimento continuamos calmamente, por algum tempo.

Conversamos e gravamos por mais ou menos duas horas, ela me contou muitas coisas de sua vida desde a infância, cresceu, casou, estudou, teve filhos e perdeu o marido. Uma grande conversa, uma grande e comovente história, eu diria que foi, inclusive, um desabafo. Percebi o quanto ela tinha necessidade de falar, de contar para alguém o que tinha acontecido. Deixei-a falar, dei corda, não usei perguntas de corte. Não podia fazer isto.

Estas ditas “perguntas de corte”, para mim, parecem exatamente isto, uma pergunta que corta o que a pessoa quer e precisa falar. Claro que isto era um risco para mim, eu estava em dia útil de trabalho, não poderia estender por muito tempo a conversa, mas preferi correr o risco. Naturalmente passava pela minha mente o trabalho a fazer, talvez a insatisfação do meu chefe, mas também pensava nas dificuldades de relacionamento, inclusive comentada na entrevista, motivada pelo tempo e, inclusive o tempo dispensado ao paciente pelo médico. Pensava principalmente nas perguntas utilizadas pelos médicos justamente para “cortar” o assunto mais importante abordado pelo paciente, sua própria vida, mostrando que para ele a vida do paciente não interessa, e talvez, justamente aí esteja a chave para a solução da enfermidade.

A colaboradora estava especialmente comovida principalmente porque acabará de perder o marido. Ela precisava falar sobre isto, eu não podia interromper. O funcionário no banheiro acabou até sendo positivo porque quebrou a tensão e foi motivo de distração e relaxamento. Quando ela finalmente começa a responder minhas perguntas se emociona ainda mais e chora algumas vezes copiosamente. Num dos auges da emoção, outra situação inusitada. Começa a sobrevoar o Solo Sagrado, um helicóptero. O Solo Sagrado também é objeto de turismo aéreo, é raro acontecer destes helicópteros ficarem pairando sobre o espaço, geralmente eles passam baixo e rapidamente. No entanto, este pairou por infindáveis minutos, não dava para escutar nada, tivemos que parar novamente e desta vez ficamos as duas sem falar nada, não tínhamos como nos ouvir. Novamente, talvez, providencialmente, houve um corte pelo incontrolável que nos colocou de volta a uma emoção mais suave. Novamente rimos da situação e ao voltarmos para a entrevista e desta vez seguimos até o fim sem outros sustos, apesar de o helicóptero ter voltado mais uma vez, só que desta vez rapidamente.

Houve idas e vindas ao tema da entrevista, quando ela começava a responder minhas perguntas lembrava de algum fato de sua própria vida e falando sobre ele, justificava sua resposta

“quando cheguei aqui está coisa que fala na nossa alma, não é o silêncio, e algo que fala. Mas a linguagem também é incompreendida”.

Então tá, bom quem é a Luziete? Meu nome é Luziete. Até os 20 anos era só Maria da Silva. Depois dos vinte anos aumentou o “Dal Pogetto”. Meu nome virou uma procissão, Luziete Maria da Silva Del Pogetto. Nasci em 64. Dia 28 de maio de 1964. Lembranças da minha infância. Eu comecei a ter lembranças da minha infância aqui em São Paulo. Eu nasci em Pernambuco, só que minha mãe veio para cá eu tinha, eu acho que ia fazer três anos (minha mãe não sabe ao certo) vim com minha mãe e minha vó. Não conheci meu pai. Minha mãe disse que ele era uma espécie de caixeiro viajante. Passava em casa fazia um filho deixava algum dinheiro e sumia. Aí, depois de algum tempo, passava em casa fazia outro filho deixava mais algum dinheiro e sumia de novo. Até que um dia minha mãe cansou. No quinto filho foi que ela cansou. Passou a mão na minha vó. Ela já tinha dois irmãos em São Paulo que convidaram ela para morar aqui também com quatro filhos e um na barriga.

Chegando aqui fomos morar em Pirituba. Foi uma vida ...bem assim...alguns diriam que sofrida. Mas eu diria que foi muito boa. Porque nós fomos criados assim, juntos, unidos, todos os meus irmãos eu minha mãe, minha avó.

Minha avó passou para mim a ser minha mãe, aprendi muito com ela era muito carinhosa e... ela faleceu eu tinha 11 anos. Depois que chegamos descobrimos que ela tinha chagas e barriga d'água. A barriga D'Água é dada pelo caramujo e no Pernambuco tem muito açude. Ela vivia em açudes, lavando roupa, nadando, pescando e pegando camarão, pitu. E provavelmente ela foi contaminada num destes oásis de Pernambuco. Chegando aqui fomos morar numa casa muito legal. Posteriormente minha mãe conheceu uma pessoa e se casou. Meu padrasto era uma pessoa maravilhosa e eu gostava muito dele. Mas infelizmente ele era etilista. Bebia muito. O dia que ele não bebia era uma pessoa maravilhosa. E ...mas sempre nós ficamos com minha avó. Então eram duas casas no terreno. Costumo dizer que era a casa grande que ficava minha mãe padrasto e depois meu irmão mais novo e nós na senzala com minha avó.

Quando minha avó faleceu mudamos todos para a casa grande. Aí o inferno ficou completo. Porque, como eu falei, o dia que meu pai estava bem era maravilhoso o dia que ele bebia era o inferno. Até porque minha mãe não ficava quieta. Pernambucana, filha de Paraibano, então era uma coisa louca. E... ele nunca bateu nela mas ameaçava muito. Tinha até revolver e de vez em quando dizia que iria dar um tiro na boca. E isto me afligia muito. Tanto que por vezes ia para escola e quando saia e via os olhos dele vermelhos imaginava que ele iria enfrentar minha mãe e, ela a ele e, eles iriam se matar. Isto foi uma preocupação constante na minha vida até os quinze anos. Aí ele foi parando de beber e melhorou. E eu como uma criança muito preocupada ficava muito tensa quando eles brigavam. Minha mãe era do tipo que fazia tiro ao alvo. Quando brigava com um filho ela não ia com uma varinha e batia na perna. Ela tacava qualquer coisa que estava na mão. Ela deveria ser aquelas atiradoras de faca de circo e eu não gostava disto. Como fui criada com minha avó e ela quando chegava com uma varinha, a gente perna pra que te quero e depois resolvia.

Minha vó era uma pessoa maravilhosa. Minha mãe não, ela não sabia falar, então ela virava talher, pente, qualquer coisa ao alvo. Então eu passei uma fase interessante, quando eles brigavam, eu já imaginava minha mãe tacando algum talher nele. Então quando eu ia para a escola e via ele alcoolizado já imaginava, eles vão brigar. Então eu escondia os talheres debaixo do meu travesseiro. Isto eu fiz muitos anos.

Meu irmão é um palhaço. Considero-o como um pai. É meu irmão mais velho. Quando nós viemos eu tinha dois anos e ele uns seis. Ele cantava aquela música do Lindomar Castilho “você é doida demais”, por causa disto que eu fazia. Tirando o sarro da minha cara. Mais nunca me preocupei com isto. Porque eu acho que o legal é isto. Hoje as pessoas falam que sofrem bulling porque a maioria das crianças não tem irmãos. Porque quando se tem irmãos se passa bulling dentro de casa mesmo, desde que nasce. Então você se adapta tão bem a isto que quando você vai para a escola você tira de letra o que os amigos falam. Então meu irmão fazia isto, me acostumei das pessoas tirarem sarro das coisas que fazia.

Tivemos uma infância boa dentro das possibilidades que tivemos. Nossa casa parecia uma chácara, tinha todas as plantações, a gente vivia em pés de jabuticaba, goiaba. Árvore de natal nunca precisamos comprar, em volta de casa tinha muitos

pinheiros e meu pai cortava para fazer a árvore de natal. Então tivemos uma infância bucólica mesmo, muito gostosa.

Cresci trabalhando deste os treze anos. Meu primeiro emprego foi de tecelã, trabalhava de dia e estudava a noite. E... depois terminei o ginásio comecei o colegial, meu primeiro namorado eu tinha dezesseis anos, ele era bem mais velho que eu. Sempre namorei pessoas mais velhas. Outro dia conversando com uma amiga comentei sobre isto de eu gostar de pessoas mais velhas. Meu primeiro namorado era quinze anos mais velho, depois meu marido trinta anos mais velho. Meu filho ouvindo disse que ainda bem que parei no meu pai se não ele seria filho de Matusalém. Eu comecei a rir, eu poderia ir até mais. Mas eu nunca vi a idade. E... Meu marido quando casei tinha trinta e quatro anos de diferença. Então é uma coisa até que me assustou quando eu soube, porque era uma pessoa jovial, ele não aparentava e até faleceu sem aparentar, mesmo doente, a idade que tinha. E foi muito natural isto para nós, não ver esta diferença de idade. Então aos dezoito anos conheci meu marido e começamos a namorar. E..., não sabia a idade dele, depois que soube demos até um tempo porque eu me assustei, achei muita a diferença de idade. Mas a gente se dava muito bem e ele me mandou um telegrama que queria me encontrar porque não conseguia ficar sem mim. Eu também do outro lado não consegui me interessar por ninguém e decidimos enfrentar. Ele a família dele e eu a minha, ele era divorciado a seis anos tinha três filhos, dois moravam independentes e um morava com ele, tinha dezoito anos. Eu ele e o filho. O filho morou conosco um ano e se casou. Tivemos dois filhos e fui estudar quando meu 1º filho tinha quatro anos. Queria fazer biologia, mas, um professor me disse que eu acabaria dando aula porque não tinha campo para pesquisa. E sempre me interessou a pesquisa, eu não me via dando aulas. Tem coisas que nos são apontadas, mas a gente não segue e elas nos perseguem. E a gente dá um monte de voltas e ela nos encontra. Hoje adoro uma sala de aulas. E foi bem isto que aconteceu, fugi. Falei: eu? Não! Imagina eu dentro de uma sala de aula, não tenho capacidade para isto.

E aí ele falou porque você não faz farmácia? Eu achei que farmácia eu ia ter que fazer dissecação e ele disse que não, que eu só iria ver órgãos. Você não vai fazer dissecação. Então comecei a fazer farmácia. Gostei muito, mas não sabia onde o farmacêutico atuava não conhecia a profissão. Já no 2º ano de faculdade fui fazer estágio na prefeitura. Passei no concurso, e fui fazer estágio no servidor público municipal. Foi maravilhoso. Lá sim, foi realmente a minha faculdade. Lá eu me formei

na prática e na teoria. Porque na minha faculdade a teoria estava muito longe da prática e lá eu consegui colocar tudo em ordem, lá eu consegui intercalar os dois, inclusive a gente trabalhava com assistência farmacêutica já desde aquela época. Eu fui fazer faculdade em 1990.

1990 para 1991 comecei estágio no servidor público. Fomos convidados para trabalhar pela clínica de nefros. Assistência farmacêutica com hipertensos graves. Começamos a lidar com pacientes, **aprendi muito**. Ali é que acho começou minha história oral de vida, muito gostoso, escrevíamos muito. Pena que não temos o material. Fui ver se tinha o material da época. Os relacionamentos com os pacientes, mas quando a Erundina saiu o Maluf fez um rapa e acabou com todos os arquivos. Não temos mais nenhum.

Lá, fiz outro trabalho, o de dose unitária que estava começando no Brasil. Era o atendimento que o farmacêutico preparava os medicamentos e não mais as enfermeiras. **Apren di muito**. Era o começo das preocupações com super dose, sub dose. Tinha muitos pacientes utilizando medicamentos errados porque a enfermagem não foi feita para administrar medicamentos, para preparar medicamentos, ela foi feita para os cuidados com o paciente. Ela perde tempo em preparar os medicamentos. Então como não tinha tempo ela pegava o medicamento e colocava num copinho e pendurava na cama do paciente. Gotas era pior, elas pingavam de qualquer jeito, colocava nos copinhos e colocava numa bandeja para ser administrado sabe lá quando. Era um erro de medicamento brutal. Já, nos Estados Unidos tinha um trabalho sobre erros de, a gente chama atro farmacogenia, mas o Brasil não tem erro de medicação, o Brasil não erra, a saúde no Brasil é dez!. E nunca foi feito pesquisa para saber erro de medicamentos aqui, porque não tinha. E naquela época nós como estagiários fomos em todas as unidades do hospital catalogando todos os erros inclusive medicamentos vencidos nas unidades, porque enfermagem é igual formiguinha, ela vai guardando pro inverno, aquele inverno que nunca vem, e aí quando ela percebe a unidade está lotada de medicamentos vencidos. Era uma perda brutal e o hospital nunca se deu conta disto.

Fizemos um levantamento de tudo isto, sub dose, erros de medicamentos, prescrições erradas. E conseguimos colocar dentro do hospital do servidor público municipal a dose unitária. Iniciou lá. Depois nós conseguimos fazer a assistência farmacêutica na nefro, aprendemos muito. Ali nasceu a assistência farmacêutica.

Em seguida eu fiz um trabalho de dose e medida, porque na época nós tínhamos muitos medicamentos, mas eles não tinham copo medida, então o médico dizia: você toma uma colher de sopa, ou café ou chá. Mas que colher é de sopa, de café, enfim. Então, esta era uma das coisas que nos preocupou muito na assistência farmacêutica. Então eu comecei a levar para o ambulatório todas as colheres medidas que existiam no mercado, nós fizemos a medida da colher com pipeta e mediante a farmacopeia para ver o que era uma colher de sopa, café e chá. Levamos os talheres para o atendimento e perguntávamos ao paciente qual era a colher que ele tinha em sua casa e com isto descobrimos que a maioria dos pacientes estava tomando sub doses de medicamento porque ele não tinha em casa colheres de sopa por exemplo.

Aí, fizemos um trabalho que foi apresentado em congresso e ganhamos em primeiro lugar e a partir disto os laboratórios começaram a se preocupar em colocar copo medida e, nasce a seringa dosadora. Até então não tínhamos.

Então, um trabalho inédito que ganhou em primeiro lugar e em terceiro lugar a assistência farmacêutica. Então eu digo assim, no servidor público eu realmente me formei a verdadeira farmacêutica, não só técnica, como humana. Comecei a lidar com os conflitos que envolvia medicamento, paciente e tratamento.

Saí de lá e fui fazer especialização do HC (Hospital das Clínicas). Na área hospitalar não tinha na época, tinha farmácia, ou industrial ou de alimento ou clínica. Farmácia clínica não me interessava porque não tínhamos nem equipamentos para isto além de que, você tinha que pegar as excreções diluir e eu sempre fui muito nojenta, hoje aprendi bastante, melhorei muito até nisto. Nutrição também não interessava, então fiz industrial. Só que como eu tinha entrado no servidor público, eu me apaixonei pelo hospital porque era uma coisa que não era rotina. Todo dia a qualquer momento você tem que atuar ali e, você passa a ser um farmacêutico generalista. Você não é só um farmacêutico especialista, você tem que atuar em todas as áreas, laboratório, medicamento, compras, administrativo. Tudo você fazia, até porque, não tinha farmácia clínica em São Paulo, não se falava. Eu comecei a fazer a especialização na farmácia do HC eu fiz especialização em farmácia hospitalar. Só que o HC foi uma decepção para mim eu esperava assim, o máximo, eu achava que seria um lugar que eu aprenderia barbaridades. Ledo engano, tudo que apresentei no HC de monografia veio do servidor público. Todo trabalho que executei no servidor eu trouxe para o HC. Fiz o atendimento

de assistência de farmacêutica no Incor porque a gente passa três meses lá e, o restante, é um ano que a gente passa no HC, na parte da indústria. (está passando um helicóptero, o som está péssimo e a entrevistada quase tem que gritar para eu escutar e para talvez ficar gravado alguma coisa, ela acaba parando de falar para esperar o helicóptero passar) Passamos por todos os setores, armazenagem, administrativo, manipulação, tem tudo lá, mas te digo mais uma vez, tudo que aprendi, aprendi no servidor público municipal, o HC (pausa para o helicóptero)..... serviu para que eu colocasse dentro de um trabalho escrito o que eu havia aprendido no servidor.

Acabei a especialização. Quando estava fazendo a especialização fiquei grávida do Vitor meu filho caçula, ele vai fazer vinte anos agora em 20 de julho e aí eu parei por cinco meses de licença, depois voltei e terminei. E aí comecei a trabalhar como farmacêutica em vários hospitais. Fui para área privada, nunca fui para área pública, porque eu acho que me decepcionei com a área pública. Não pelo que você aprende e sim pelo que você não pode fazer. No servidor público tive abertura, no HC não. A coisa lá é muito fechada. Trabalhei em muitos hospitais aprendi muito.

Posteriormente (em 2004), meu marido ficou doente, diagnosticado com Alzheimer e eu não podia mais trabalhar em hospital. Porque quando eu entrava, me enterrava, simplesmente me esquecia. Porque como falei naquela época você administrava a farmácia, você não era só farmacêutica, você administrava RH, a compra, a armazenagem, distribuição, farmácia aberta, tudo era o farmacêutico que fazia. Farmácia clínica era em último lugar e estava somente começando a se falar nela. Então eu não posso. Meu marido ficou doente. Não só a doença, mas o desajuste financeiro na minha casa. Não podia contar com ele para olhar os meninos. Como ele tinha restaurante ele ficava um pouco no restaurante e um pouco em casa para olhar os meninos, ele tinha todo um tempo de janela para olhar os meninos.

Eu ficava no hospital, me enterrava no hospital e só voltava à noite. E assim, as vezes, até a noite eu ficava. Porque no hospital tudo que você vai mexer, você sempre aguarda a noite, porque os familiares vão embora. Antes não podia os familiares ficar com os pacientes, hoje pode, ainda bem. E aí, a noite, você arrastava moveis, implantava programas, fazia inventários. E quando eu precisava ficar, ligava para Rafael e ele ficava com as crianças e quando eu chegava as crianças estavam dormindo, ele era pai e mãe. Era um marido que eu contava com tudo. Quando ele ficou doente eu falei,

não posso mais contar com ele porque ele passa a ser meu filho, passa a depender de mim, precisar de mim especialmente, aí eu falei, não posso ficar no hospital, não posso dirigir uma equipe se não posso dirigir nem minha própria casa. Então não queria levar isto para eles, fora isto, eu sabia da possibilidade que eu tinha de faltar porque a prioridade agora era minha família. Então saí desta área de gerenciamento hospitalar e fui trabalhar em farmácias, em distribuidoras, fui fazer consultorias e assim caminhei, para ter também tempo de passar meio período em casa e cuidar dos meninos e do Rafa até conseguir um cuidador. Porque a doença vai avançando e conforme ela vai avançando você vai vendo o que precisa priorizar na vida. E eu priorizei o Rafael como ele priorizou a minha e de nossos filhos quando eu precisei. E fomos trabalhando e eu trabalhei meus filhos porque era uma coisa nova que estava chegando, nós não esperávamos isto. No hospital não se tem pessoas internadas com esta doença então, você não escuta falar sobre esta doença. Tanto que, quando a médica me falou eu não acreditei. Como que meu marido, um cara super aberto, ele ...ele.. ele...vamos dizer assim... caiu por terra todas as hipóteses, diagnósticos que até hoje levantaram para o desenvolvimento do Alzheimer. Com meu marido caiu por terra todas. Ele tinha restaurante era um cara super ativo; corria no Ibirapuera era um cara esportivo; ele fazia todos os cálculos de cabeça tinha um raciocínio fantástico, ele vivia com revistas das seleções fazendo palavras cruzadas. Tinha uma mãe de cem anos que nunca teve nada e era super lucida. Ela viveu até cento e um anos. Quer dizer não tinha casos na família. Então, onde está o Alzheimer? Então para mim é uma amnésia programada do espírito. Porque eu falo isto? Porque até hoje, para todas as pessoas que eu pergunto, que tem esta doença na família, elas me respondem que a pessoa doente teve uma perda significativa que ela não conseguiu lidar. E é algo que eu quero fazer um estudo mais tarde. Agora que ele faleceu eu pretendo caminhar neste estudo. Porque ele perdeu o restaurante e perdeu para uma pessoa da família, então foi uma rasteira muito grande que ele, acho, não conseguiu metabolizar. Como ele era uma pessoa muito pacata muito quieta não exteriorizava o que sentia. Eu acho que isto prejudica muito, não sei, mas é algo que eu quero trabalhar.

E até hoje, para as pessoas que tem Alzheimer e eu pergunto se tiveram alguma perda significativa, geralmente tiveram: um emprego de trinta anos que eles trabalharam, saíram e não tinham mais como se identificar; a perda de um filho que não conseguiram trabalhar, a perda de uma esposa.

Então, para Rafael, não tinha motivos, era uma pessoa dinâmica, uma pessoa com vida, e de repente me falarem que ele tinha demência. E como eu descobri? Eu descobro por acaso. Quando ele perdeu o restaurante ele foi para casa, eu dispensei a empregada e arrumei dois empregos para sustentar a casa porque ele perdeu o restaurante e a capacidade de sustentar a família. Aí eu fui trabalhar, quando diminuí o impacto financeiro, eu fiquei só com um emprego para auxiliar em casa. Um dia eu estava na cozinha e meu marido sabia cozinhar muito bem, tinha restaurante e adorava cozinhar. Tem comida que até hoje eu não sei fazer e ele era ótimo. Aí eu falei para ele fazer maionese em quanto eu ia à feira. Quando voltei perguntei da maionese. E ele falou tá aí. Quando olhei a panela estava no fogão com os legumes e a maionese jogada no meio da água. Foi assim que eu detectei. Eu perguntei: Rafa o que é isto? Ele me disse: Mas não é isto que você pediu? Eu falei: Rafa você está brincando comigo? E ele sério disse: Não, não é isto que você pediu? Eu vi que ele estava respondendo muito sério. Joguei tudo fora e fiz a maionese direito. Fiquei perplexa, mas, não achei que fosse demência, jamais. Passados alguns dias eu estava na pia da cozinha lavando louça quando ele passou e espirrou e pegou o pano de chão e limpou o nariz. Eu olhei e perguntei: Rafa o que é isto? Ele olhou para mim como se nada tivesse acontecido. Eu falei, alguma coisa está ocorrendo. Então eu comecei a correr atrás.

Como ele havia perdido o convênio com a perda do restaurante, ele tinha Classe Laboriosa que ele pagou até joia para ter este convênio. Só que quando perdeu o restaurante perdeu também o convênio e eu não sabia, ele não me falou nada. Eu só descobri que ele estava perdendo o restaurante porque quando eu saí do Hospital Santa Helena fui comprar um carro e não consegui o financiamento, me ligaram falando que... até então nunca tive o nome sujo, minha mãe falava sempre para ter o nome limpo, ser pobre, mas ser honesto. De repente o cara me liga e diz que meu marido tinha várias coisas para pagar na praça, cheque devolvido. Tinha um monte de problemas no restaurante. E ele não me falou e eu fui falar com ele e ele me disse que queria me poupar. Quando aquilo ocorreu eu falei: O que eu faço? O Rafa doente sem convênio, sem dinheiro. Aí eu consegui com uma amiga, um mini teste para detectar o Alzheimer. Isto é quase igual um psicotécnico que fazemos quando vamos tirar carta. Ele não sabia mais nada, nem o nome dos filhos, nem que tinha filhos e nem a quantidade de filhos ele não sabia mais nada. Eu fiquei pasma, pasma, pasma me perguntando onde eu estava que não vi que ele estava naquele estado. Aí eu me senti....onde eu estava?..... Oh

Luziete você estava trabalhando para sustentar a casa porque ele perdeu tudo. Aí eu queria cavar um buraco e por muita terra em cima e nunca mais sair de lá porque eu perdi tudo. Perdi meu marido, meu amigo, meu companheiro, meu irmão, pai dos meus filhos e nem condição financeira para passar por tudo isto eu tinha. Nossa! Não acredito nisso, tive que tirar forças da onde não sei. Aí eu pensei, tenho dois filhos, um de dezessete e outro de oito, tenho que continuar cuidando deles e agora acabo de receber um filho especial. De onde eu iria tirar forças e recursos? Não sei, mas você vai ter que se virar. Aí eu aprendi, aprendi o que era a vida, aprendi o que é viver sozinha. Acho que uma frase que Jesus sempre falava e eu nunca consegui entender ...É uma passagem quando Jesus está no Templo e foram falar para ele que sua mãe e irmão estavam procurando por ele e ele perguntou. Mas quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E esta frase, imagina eu sei quem é minha mãe e quem são meus irmãos. Imagine se Jesus não saberia. Quando Rafa fica doente eu consigo compreender isto, porque, em cada momento que tive na minha vida eu encontrei um irmão espiritual que Deus colocou para me ajudar e aquele sorriso que vem não se sabe de onde, mas que vem para você e te fortalece, aquele abraço de pessoas estranhas, então entendo que são minha família espiritual, descobri que tenho uma família espiritual que Deus colocou aqui para me dar suporte. Porque a família carnal tende a fugir, é assim, a dor e o sofrimento tende a afugentar as pessoas, eu ia fugir, queria me colocar num buraco com muita terra em cima. Mas eu não podia, então é assim, eu tive que ter forças para trabalhar tudo isto. Mas os outros puderam. Muitas vezes ligava para minha mãe e pedia para ela vir ver o Rafael e ela dizia que não conseguia ver Rafael desse jeito. Falava: Mãe você não gosta de ver e, seus netos e filha convivem com isto todos os dias. Parabéns, você não consegue e pode ficar longe de tudo isto. E é assim a covardia do homem. Desde a minha mãe até todos. A minha família e a família de Rafael. Porque eu venho de uma família de cinco irmãos e Rafael de uma família de cinco irmãos. E nós ficamos isolados.

Eu falo assim, se você quiser fazer um retiro espiritual não precisa ir para o Tibet, basta dizer que você tem em casa alguém com doença degenerativa. Ninguém toca sua campainha, ou seu telefone. E as desculpas são sempre as mesmas: eu não queria te atrapalhar; eu queria te ajudar, mas, não tenho tempo; eu não gosto de vê-lo sofrer. E eu dizia: Mãe, ele não está sofrendo, você está sofrendo, porque ele não te conhece, quando você chegar lá ele vai abrir um sorriso lindo. Ele pode não saber seu

nome, mas só de te dar este sorriso significa que ele estava lá te esperando e te conhece de algum lugar. Mas ninguém tinha coragem de vê-lo e foi assim que eu e meus filhos passamos sozinhos dez anos. E eu sempre falando com meus filhos porque nem psicólogo podia pagar para eles.

Teve uma época que fui no HC em abril e fiquei super feliz porque a menina falou ...olha eu queria passar na triagem da neurologia fui no HC falei que meu marido estava com suspeita de Alzheimer e ele tinha que fazer uma tomografia e ele precisava passar por um neurologista, isso era em abril, tipo dia 15 de abril, ela disse que dia 27 teria uma triagem. Ela disse, não traga ele, somente o laudo e você passa pela triagem e depois eles vão marcar para trazer ele.

Fiquei tão feliz e falei: Nossa! Falam tão mal do HC e olha só, hoje é dia 15 e já tem uma triagem dia 27, isto é maravilhoso. Aí ela disse: Não, é dia 27 de abril do ano que vem. Você está me falando que vou fazer uma triagem de uma pessoa que precisa de uma tomografia urgente porque está com suspeita de Alzheimer ou demência e é somente no ano que vem para depois marcar a consulta? Ele falou: É, sinto muito mais temos somente quatro neurologistas e somente trabalham quatro horas.

Juro para você, eu saí de lá com tanto **ÓDIO**, eu tinha ódio, ódio, ódio que tinha vontade de tirar todos os paciente e jogar uma bomba lá. Eu queria implodir aquela MERDA. Desculpe, mas esse era o ódio que saí de lá. Que MERDA, você trabalha, você vive numa cidade e quando você mais precisa de ajuda da saúde e eles não tem. E ainda uma pessoa fala que os médicos trabalham apenas quatro horas.. E é um hospital referência. Saí de lá muito decepcionada. Enfim depois consegui fazer um convênio para ele, mas mesmo assim somente depois de oito meses de carência é que poderia fazer.

Mas, Deus me ajudou tanto e as vezes naquele momento não sabemos porquê. Bem, ele foi visitar a mãe que morava perto e acabou caindo e batendo a cabeça. Formou um galo enorme e ele entrou pelo pronto socorro e, no pronto socorro ele teve que fazer a tomografia. Tem graças que trazem graças. Na tomografia também não detecta o Alzheimer, somente alguns sinais de trauma no cérebro. Levei para o médico, marquei, comecei o tratamento. No entanto somente controle para diminuir o nível de ansiedade que eles ficam. Em 2000 comecei a trabalhar com um grupo de crianças no centro espírita Caiubi. Em 2006 senti uma necessidade imensa de fazer pedagogia para

entender estas crianças e até também porque eu tinha uma criança em casa e como sempre os estudos fizeram com que tivesse gás.

Uma das coisas muito importante para mim era sentir que estou aprendendo alguma coisa. Fui fazer pedagogia espírita mesmo com Rafael doente. Em 2006 fiz uma monografia e desta monografia neste curso, acabei aprendendo um pouquinho sobre os filósofos, a antropologia a sociologia, e comecei pela pedagogia que eu não sabia até então porque na farmácia é muito técnico. Somente uma pincelada na parte de deonto quando então ouvi falar de Foucault. Mas eles focam apenas oque você foi estudar que é a administração, então é ferramentas de administração. Na pedagogia não, entrei num conhecimento amplo agregando todas as partes AMEI!!!! Aí fiz uma monografia, muito pedacinho colcha de retalhos, não tinha conhecimento. Fui atrás de um mestrado na UNIFESP.

O que significou a pesquisa para você?

Quando te conheci e você me convidou para eu vir aqui foi uma época que eu estava deteriorada. Porque mesmo que você consiga a força que precisa, ela vai esvaziando, você vai perdendo no dia a dia, você não consegue manter uma força o dia inteiro o ano inteiro. Você vai se desgastando, eu acho que foi isto que aconteceu quando você me convidou para vir aqui. Eu achei que foi maravilhoso. Quando você falou que iria fazer a leitura do Solo Sagrado como fazemos o itinerário no LabHum, que foi o que me deu gás também, outra coisa que me deu gás para chegar aqui foi o LabHum, e não só isto, ele me deu gás para a vida, eu aprendi ser gente também com a doença do meu marido e com o LabHum eu aprendi ouvir. Porque, até então, como fui sempre sozinha tive que ter responsabilidade muito nova e, sozinha eu já tinha minhas respostas então, eu não questionava muito. Embora as pessoas não gostam de Rousseau porque fala que ele fez isto e aquilo, eu falo que geralmente ninguém faz nada porque tudo que elas querem fazer elas procuram, pincelam em textos em personagens, retiram o que elas querem dali e ratificam que foi o autor que falou. E acho que Rousseau foi assim também, embora Rousseau deixou na roda cinco filhos para adoção ninguém sabe que era a época que ele viveu. Filho de relojoeiro aos nove anos perdeu a mãe. Já existia pedofilia, existiam madames que na época usavam ele quando ele tinha treze anos. E então para ele ter filho, não tinha sentido como tem para nós. Ele se arrependeu e tentou encontra-los. Então, não tento desculpar, a época era aquela e ele viveu aquilo, não o

culpo gosto dele aprendi muito com ele, ele dizia que antes de responder temos que questionar. E eu não questionava, mais respondia, porque eu tinha que ter a resposta. Minha vida toda estava nas minhas e na mão de mais alguém que eu não sabia, mais eu tinha que responder aquilo. Minhas necessidades eu ia respondendo desde a infância. Com a doença do meu marido aconteceu a mesma coisa e com LabHum eu aprendi a ouvir e que existia outras respostas que a minha não era a única (**neste momento ela abaixa significativamente o tom da voz**). E que até pode ser naquele momento para mim, mas, pode mudar. Eu aprendi que o que penso quando colocado para fora, forma um eco que as vezes não tem sentido nenhum, e aprendi que as vezes tem sentido e você tem que ratificar aquilo para não perder, porque é aquilo que te trouxe até aqui é a sua essência. Eu aprendi que nem toda verdade é verdade. Minha avó sempre falava, fale sempre a verdade, mas só que o ser humano nem sempre quer saber a verdade e se falo eu machuco mais do que ele descobrindo. Eu falo que o LabHum e a hemodiálise da alma, ela purifica sua alma no sentido máximo, porquê é você que vai interiorizar, metabolizar e vai agregar aquilo que esta te preenchendo e liberar aquilo que deixou de ranço na alma. O LabHum é meu oxigênio. Então quando você me falou, vamos ler o Solo Sagrado como se lê uma obra clássica e, justamente quando me surge o vitiligo e comecei a ficar branca e também tinha acabado de quebrar o braço. E aprendi que nós menosprezamos o braço esquerdo, ele fica sempre nos bastidores mas trabalha muito e não quer reconhecimento e, justamente aí tive que contratar mais uma cuidadora e perdemos aquele único tempo para viver em família por que o dia inteiro vivíamos com estranhos e casa. E, foi justamente nesta época que você me chama, eu me sentia desamparada eu me sentia sem pai nem mãe nem ninguém. O LabHum me dava força sim mais, eu precisava me sentir gente, sentir afeto, eu precisava de alguma coisa mais que eu não conseguia, mesmo sendo religiosa eu não conseguia, eu precisava, eu queria falar e mais que isto eu precisava sentir alguma coisa a mais. Aí quando você me convidou e eu vim para cá, eu me senti voltando ao braço do criador ele me adotou....complicado.... (**nesta hora ela chora muito**) acho que foi a melhor noite da minha vida nestes dez anos quando dormi aqui. Eu senti a natureza, eu sentia a criador e a criatura juntos, sentia a terra que tinha na minha infância, que eu não valorizava por que aquilo fazia parte. Eu fui criada com plantações e com animais que minha avó criava. Acho que nunca dei tanto valor que quando cheguei aqui... nossa.... tá difícil... o que brota na gente na leitura é mais ou menos assim... eu fui amparada novamente porquê? Como? Não sei, mas.... quando eu estava subindo a estrada, lá em baixo, já

senti que alguma coisa mudou, é uma energia indescritível. Aliás, o sentimento e indescritível e quando se coloca no papel se perde, não tem como colocar no papel por isto quando você falava para colocar no papel era muito difícil escrever, porque eu não tinha palavras suficiente para explicar o que eu estava sentido já desde a estrada antes de entrar aqui. Quando eu vi estas arvores, estas copas imensas este, céu azul, esta energia que invade a gente a alma da gente, quando cheguei aqui, está coisa que fala na nossa alma, não é o silencio, e algo que fala, mas, a linguagem também é incompreendida. Para cada um é um. Aí quando fomos dormir tive dois sonhos lindos, me senti mais amparada ainda. Era muito confortante, muito, conversar com as pessoas também era, mas, muito mais, era sentir isto aqui. É estar aqui, por isto que falei, não dá para escrever, da ultima vez não escrevi nada fiquei de escrever em casa e não dá. Você tem que estar aqui para saber e sentir. É como escrever explicar sobre o LabHum, e a mesma coisa, não dá, por mais que diga não explica nada. Só vai sentir quem esta lá. Este trabalho é significativo é, mas, a pessoa só vai sentir se vier. Só vai ser atingido se ele vier aqui, a mim contagiou.

Os vários encontros que fizemos as brincadeiras que fizemos, a trilha cega que fizemos você percebe que não confia no outro, por que você está andando e não sabe se o outro vai te levar direito, você tem medo do terreno que pisa. Então? Você acreditar no outro é muito difícil, é uma das coisas que a gente perdeu, a gente não acredita mais no outro. Porque a gente perdeu isto? Não sei, a gente precisa ver onde a gente perdeu porque a gente perdeu. A brincadeira do descubra a árvore, você fala, eu não vou descobrir qual árvore abracei, aqui tem milhões de árvores. A gente fica contando passos, muito racional, logico, fica contando, uns dois três passos para direita, um, dois, três passos para esquerda e depois eu vou achar, mas você não acha pela contagem, aí você fica olhando, olhando, olhando, passa a mão nelas, mas, elas são todas iguais, mas tem alguma coisa diferente. De repente você acha a sua árvore, como explicar isto? Não tem explicação. Aqui na terra racional, não tem. E no último encontro foi um aprendizado, uma leitura do grupo, ver o que o grupo sentiu, ver externalizar os sentimentos deles e, quando estávamos lá na pedra e olhei para todos e não vi meus colegas vi várias outras pessoas ali acabrunhadas. Talvez até aqui também vai influenciar a minha espiritualidade e não posso deixar de fora, vi muitas almas necessitadas e eu não tinha entendido. Aí, naquele momento, pergunto-me porque estas pessoas estão sofrendo aqui, e descubro que são espíritos que vem para cá buscar um

nível de energia para poder saber lidar com sua condição de desencarnados. Eu pergunto, porque aqui? Eles falam e você, porque está aqui, você também não é uma necessitada? Incrível isto. Como que você estar aqui e não permitir que eles estejam? Para onde você acha que eles têm que ir para conseguir ajuda? Como Rousseau fala, porque não? Aí me veio um insite para trabalhar com minhas crianças e voltei para o teatro e também trabalhar com famílias e com aqueles que tiveram perdas nos hospitais, eu já estava pensando nisso faz tempo. Tinha falado com Roberto para ir para o HC para dar este suporte, mas, eu acho que antes eu não estava tão preparada como estou hoje e acho que vou ficar mais ainda porque hoje ainda estou fragilizada com a perda de Rafael. Porque eu achei que estava preparada, mas o que a gente não faz é se preparar, principalmente, para uma perda afetiva. Não existe preparo, mesmo que acredite que ele foi descansar, não existe este preparo. Pode existir um preparo técnico, você pega uma bancada, coloca todos os instrumentos que vai usar e vai fazer seu experimento, mas, para a vida não, para os afetos os sentidos, não dá para dizer estou preparada para enfrentar isto. Não dá, e aí eu vi que preciso começar a trabalhar com isto, e com a perda eu vi como é necessário porque com todo este auxílio que Deus me deu, que foi o LabHum, eu falo que foi Deus porque não posso agradecer outro...não tenho nome para dar, mas com todo suporte do LabHum, da pedagogia espirita, o suporte que você me deu aqui, ou, que este Solo Sagrado me deu na sua leitura, eu ainda não estava preparada para o que estava por vir. Então você imagina, quem não tem nem a percepção disto, quanto não ficam desesperados, quão necessitados eles estão e para que serve a gente agora com tudo isto que aprendemos, eu acho que é reproduzir, e sem dar respostas, somente dando o ombro o sorriso e o ouvido, porque é disto que as pessoas precisam. E é isto que as pessoas não tem e acho que é isto que é humanizar, olhar no olho, ouvir, e não dar resposta, fornecer seu ombro seu olhar carinhoso. E acho que é isto minha amiga.

Laboratório de Humanidades a partir da Experiência Estética da Natureza

Miriam Rodrigues Xavier

Orientador: Prof. Dr. Dante Marcelo Claramonte

Gallian

São Paulo

2017

APRESENTAÇÃO

No Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo, Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS), a atividade profissional do aluno é levada em consideração quanto ao objeto de pesquisa. Desta forma o pesquisador deve apresentar um Produto Final que possa contribuir para com a transformação da realidade pesquisada.

Em nosso caso a pesquisa concentrou esforços em investigar o potencial humanizador da Experiência Estética da Natureza no Solo Sagrado de Guarapiranga nos profissionais da área da Saúde. Estávamos interessados em observar uma atividade realizada neste local ao longo de dez anos e, de que forma esta atividade estaria relacionada com a dinâmica desumanização/humanização que estávamos investigando.

O Laboratório de Humanidades a partir da Experiência Estética da Natureza então, nasce como produto da pesquisa: “Encontrando o Humano na Natureza: experiência estética e humanização de profissionais da saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga” desenvolvida para a Dissertação de Mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo, Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS).

O Objetivo da pesquisa, além de investigar o potencial humanizador da Experiência Estética da Natureza, pretendia estruturar e aplicar uma atividade educativa para profissionais da saúde inspirada no modelo do Laboratório de Humanidades (LabHum) que é desenvolvido no CeHFi (Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde) partindo de uma experiência estética e reflexiva de contemplação da natureza no Solo Sagrado de Guarapiranga.

JUSTIFICATIVA

Embora a PNH, conforme Rios (2013) nos esclarece, indique a inserção de diretrizes humanísticas na formação do profissional de saúde, a sua presença no ensino superior ainda é muito tímida.

Ainda que essencial para a boa prática médica, para muitos professores e alunos as disciplinas de humanidades são tidas como desinteressantes. A humanização é abordada de forma superficial e os alunos desconhecem a abrangência significativa nas práticas de saúde. Por outro lado, o tema é relativamente recente. De acordo com o Seminário Internacional de Gestão – Mostra SES SP de 2008, uma pesquisa realizada com residentes do primeiro e último ano de residência médica revelou que na entrada na

residência, o profissional apresenta vaga noção do que é a humanização; na saída, na maioria deles, maior falta de informação e interesse pelo assunto, inclusive considerando que a humanização tem menos a ver com seu trabalho e mais com o serviço de voluntários e assistentes sociais. Por outro lado, ainda, a organização profissional e as mudanças tecnológicas da medicina não favorecem o discurso e a prática da humanização.

Parece fundamental que o ensino que considere a humanização deva partir da conscientização do termo em todos os campos onde se dá o aprendizado.

Durante muito tempo, a proximidade com o paciente era quase um imperativo para a prática da medicina. Com as mudanças culturais e sociais ocorridas ao longo do tempo houve uma transformação na medicina e prática da saúde que levaram, hoje, à discussão da necessidade de humanização na saúde.

Além disto, conforme nos aponta Gallian; Ponde; Ruiz (2012):

[...] havendo perdido o élan com os fundamentos filosóficos e culturais humanísticos, essas novas propostas educacionais, nascidas no seio de uma cultura científico-tecnicista, pretendem “ensinar” ou “incutir” *humanismo* ou *humanidade* da mesma forma como ensina e incute habilidades cognitivas e técnicas. [...] Os educandos, por sua vez, encaram todo esse processo como mais um conjunto de conteúdos e técnicas que precisam ser incorporadas, num pacote de “competências” e “habilidades” já demasiadamente pesado e exigente, que, mais do que nada, incrementa a angústia e a ansiedade. Em suma,

havendo descuidado o que é *ser humano* para além das competências e habilidades cognitivas e técnicas, a educação contemporânea, no intuito de *humanizar*, acaba, muitas vezes e paradoxalmente, por contribuir para a desumanização.

Pensar, numa formação humanizadora a partir da perspectiva técnica do treinamento e desenvolvimento de competências e habilidades seria talvez pensar numa formação baseada em hábitos de comportamentos impostos. Desta forma, não está considerando as pessoas e sim um ambiente mais humanizado. Não se humaniza ambientes, humanizam-se pessoas. Parece, entretanto, que os referenciais para esta formação não são adequados.

Conforme nos alerta Mosé (2013) a mais urgente necessidade de nossa época parece ser o enobrecimento dos sentimentos e a purificação ética da vontade e, acredita

a autora que, somente a cultura estética é capaz de cuidar da purificação dos sentimentos: a arte elabora os afetos, desdobra-os e refina-os.

Para Schiller (1991 abud MOSÉ 2013), as artes do belo e do sublime, vivificam, exercitam, refinam a faculdade de sentir, levando-nos a gostos cada vez mais elaborados, até sermos capazes de atingir a pura contemplação das formas, em que se dá o exercício pleno da liberdade.

Schiller (1991 abud MOSÉ 2013) afirma que “se queremos contar com a conduta moral do homem como um sucesso natural, esta conduta deve ser da natureza do homem para que os próprios impulsos o levem a uma espécie de comportamento que em si seria consequência do caráter moral”. Mosé (2013), esclarece que desenvolver o sentido estético significa apostar nas qualidades superiores do homem, em sua razão, sua sensibilidade, sua ação, sua liberdade. Não é conhecer nem querer o fundamento da vida, mas sentir. Conhecer e querer diz respeito à necessidade; somente o sentir é enfim, livre. Somente o sentir pode ser pleno e livre, e este sentir se dá no estado estético. O senso estético, o elemento que nos falta em nossa cultura teórica, é fundamental para fazer a ponte entre os instintos e a moral, ele é o mais eficaz instrumento da formação do caráter, porque é capaz de, por meio do desenvolvimento da sensibilidade, vencer a ênfase no intelectualismo. A formação das forças individuais não deve sacrificar a totalidade, por isso a educação do sentimento é a necessidade mais urgente de nosso tempo (MOSÉ 2013 p. 71).

Mosé (2013) afirma, a partir da compreensão das obras de Schiller que, somente pelo desenvolvimento do senso estético a humanidade pode alcançar seu pleno desenvolvimento. O homem só é plenamente homem quando dá vazão ao impulso lúdico, fonte do equilíbrio entre o racional e o sensível. O homem verdadeiramente culto, não nega a sua natureza sensível, quer dizer, o triunfo moral não deve ser alcançado pela supressão dos impulsos, ao contrário, é somente afirmando os instintos, por meio da arte, que a moral pode efetivamente se dar. Não como imposição legal ou religiosa, não como coação, mas por meio da adoção orgânica e consentida de limites, que não existiriam para diminuir o homem, mas para potencializá-lo. Gerando desta forma o que estamos chamando e, que Teixeira Coelho (2001) afirma, como *ampliação da esfera da presença do ser*, elemento fundamental para desencadear uma efetiva humanização.

Observando no pensamento de Schiller, podemos acreditar que a experiência estética da natureza pode ser uma grande oportunidade de uma formação

verdadeiramente humanizadora, já que ela humaniza as pessoas no sentido de que não anula a percepção da dualidade de sua própria natureza, ao contrário ela afirma esta dualidade permitindo ao homem não mais lutar entre suas duas naturezas.

Através dos resultados obtidos em nossa pesquisa podemos entender que a experiência estética da natureza realizada no Solo Sagrado de Guarapiranga é potencialmente humanizadora. Experiência que, acredito, pode responder às buscas por uma formação humanizada na saúde, conforme objeta a Política Nacional de Humanização.

Pode-se perceber claramente que a experiência causa um afeto profundo e transformador, típico de uma “ampliação da esfera do ser”, conforme veio nos falando Teixeira Coelho. Não significa um caminho simples e fácil, pois que, o transbordar de nossas emoções que a Modernidade tentou reprimir nos mostrará quem somos. E talvez, quem somos nos assuste. E quanto mais sabemos quem somos, talvez mais poderemos nos admirar, nos orgulhar, nos temer (por que não) e, também nos responsabilizar pelo desenvolvimento de uma sociedade mais justa, mais plena, mais incluyente, mais *humana*.

Pudemos através desta experiência perceber a tomada de consciência dos participantes, principalmente no que diz respeito à suas próprias vidas:

Nestes dias de intensa profundidade na natureza me fez perceber que a resposta a muitas dúvidas se encontra no meu interior e, na maioria das vezes no cotidiano da rotina na cidade distanciamos cada vez mais desta percepção. (Colaborador Helcio no Relato da Experiência).

A partir do momento em que se toma consciência de que a resposta está dentro de nós é possível perceber, conforme nos traz uma das colaboradoras da pesquisa, “*o quanto nos afastamos da fé em nós mesmos*”. Este afastamento, conforme refletido nos dados levantados, causou uma perda do sentido da vida, confirmando desta forma, as palavras de Simmel (2010), quando nos afirma que a Modernidade gerou uma perda generalizada de sentido. Foi possível perceber que a experiência no contato com o Solo Sagrado baseando-nos na metodologia do LabHum pôde resgatar a humanidade dos participantes à partir do momento que a beleza da paisagem os tocou de maneira irresistível, impedindo-os de reprimir seus próprios sentimentos, fazendo com que pudessem olhar verdadeiramente para dentro deles mesmos descobrindo quem ,ou, o que são e, desta forma, como nos diz nossa colaboradora, *reencontrar a vida; a vida*

mineral, a vida vegetal, a vida animal, a “vida humana” e a vida espiritual, por isso é impossível algo não ocorrer em nós.

Conforme refletido nos resultados, a partir do momento que a pessoa, consegue se encontrar ou, *reencontrar*, consegue estar em paz e equilíbrio, consegue, de acordo com nosso colaborador, *enxergar que para ser feliz não precisa de muito, que tudo para que a gente possa ser feliz está na nossa volta, está bem perto da gente, apenas precisamos estar de bem com a gente mesmo.*

Somente estando bem consigo mesmo *transmitimos o bem ao nosso próximo* e é possível olhar e cuidar de outras pessoas, o que para a área da saúde é fundamental.

O contato com a natureza toca (abre) os nossos sentidos. A serenidade se faz presente, a paz interior se manifesta e a conexão com Deus acontece. É como reaprender a sentir, a perceber as coisas a nossa volta. O contato com a natureza nos ensina a respeitar o tempo do outro, o tempo de Deus, o tempo de semear e de colher, o tempo de nós mesmos. O mundo contemporâneo nos tornou seres humanos desumanos, precisamos fazer o caminho de volta para a reconexão com a natureza com o universo. Despertar dentro de cada ser os sentimentos mais sutis, pois estes sentimentos nos permitem trocas positivas no encontro com o outro. Voltar para a casa é voltar para dentro de si mesmo. Perceber-se melhor para perceber melhor o outro. (Colaboradora Lindinalva no Relato da Experiência).

Talvez, conforme também nossa colaboradora acredita, algumas pessoas necessitam de muitas doses de Solo Sagrado e outras não, mas todos sempre precisam entrar em contato com a natureza.

Todo mundo deve ter minutos por dia para apreciar o mar, o céu, a mudança das marés, as flores. Aprendemos muito com a natureza. Precisamos olhar para ela.

Na verdade, o que eu queria é que as pessoas pensassem de forma simples.

Que percebessem que o verdadeiro aprendizado está em observar as pequenas coisas, os detalhes delicados e sutis.

Nisso consiste a verdadeira sabedoria humana.

Sempre penso que a grama cresce todos os dias em direção ao sol.

A árvore balança ao vento.

O nó fortalece o bambu.

A nuvem passa e vai embora.

Se a grama cresce cada dia um pouquinho, porque não nos preocuparmos em crescer também?

Se a árvore balança ao vento, deixando-o passar, porque nos mantemos inflexíveis em nossos pontos de vista?

Se o nó fortalece o bambu, porque os nós de nossas vidas nos entristecem tanto?

Se a nuvem sempre passa, nossos problemas não passaram também?

Quando não souber o que fazer abra a janela da sua sala ou da sua vida.

A natureza é a mais sábia dos mestres.

METODOLOGIA DA AÇÃO

Diante do exposto propomos o desenvolvimento de um Laboratório de Humanidades a partir da Experiência Estética da Natureza no Solo Sagrado de Guarapiranga que pode ser desenvolvido de acordo com a condição da instituição adaptando a experiência à diversas realidades e sendo desenvolvido inclusive, em outros locais e até mesmo na própria instituição (Hospitais, Escolas, UBSs). Naturalmente com a avaliação e adequação do espaço.

PUBLICO ALVO: Profissionais e estudantes da saúde.

CARGA HORÁRIA : 48 horas (ou à critério da instituição participante).

Nº VAGAS: 40 participantes.

Este Laboratório poderá seguir os mesmos moldes da pesquisa realizada ou, ser adaptado à realidade ou interesse da instituição a ser implantado, ou seja, no primeiro caso: ser realizada em dois dias onde os participantes poderão ficar hospedados no local. Ela poderá acontecer em três finais de semana ou em um, a critério da Instituição. No entanto, devendo seguir a metodologia que contemple os três momentos da pesquisa sendo: *história de leitura; itinerário de discussão e história de convivência*.

A pesquisa deverá seguir uma programação pré-determinada quanto ao itinerário a ser percorrido e o que deverá ser comentado.

O primeiro encontro será o de *história de leitura*, desta forma os participantes deverão ficar o mais à vontade possível para que, por si só, percebam o espaço, sem interferências. O segundo encontro será o *itinerário de discussão* baseado no que for falado no encontro anterior e o terceiro e último será o de “*história de convivência*”, onde os participantes compartilharão o que foi a experiência para ele e sua convivência com os outros. No primeiro encontro é importante fazer uma breve apresentação sobre os objetivos do Laboratório e os participantes se apresentaram.

Programação para grupos de dois dias a ser desenvolvido em três finais de semana:

1º Dia, 1ª semana:

- ✚ 8:30 – Chegada – estacionar na plataforma 9,10 e 11
- ✚ 8:45 – Recepção de caravanas – Apresentação dos participantes, breve apresentação dos objetivos do Laboratório;
- ✚ 9:00– Início da caminhada pelo Caminho do Paraíso;
- ✚ 9:15 – Dinâmica de percepção da água no Espelho D'água;
- ✚ 10:00 - Templo;
- ✚ 10:30 - Lago das Carpas;
- ✚ 11:00 – Trilha “Caminho da Mata”, percurso inferior;
- ✚ 11:20 – Praça do Amor; primeira discussão;
- ✚ 12:20 – Subir com os carros até o alojamento;
- ✚ 12:30 – Almoço - Refeitório;
- ✚ 13:30 – Alojamento;
- ✚ 14:30 – Dinâmica: Trilha Cega – Centro Cultural;
- ✚ 15:20 – Trilha “Caminho da mata”, percurso superior;
- ✚ 15:40 – Dinâmica: Encontre a árvore – Praça do Amor;
- ✚ 16:30 – Praça do Amor; segunda discussão;
- ✚ 17:00 – Livre – preparação para o jantar;
- ✚ 18:30 – Jantar - Refeitório;
- ✚ 20:00 – Dinâmica: Templo, contemplação da abóboda celeste;
- ✚ 20:30 – Templo; terceira discussão;
- ✚ 21:00 – Recolher-se ao alojamento.

2º Dia, 1ª semana:

- ✚ 7:30 – Café da manhã – Refeitório;
- ✚ 8:30 – Recepção de caravanas – História do Solo Sagrado; dinâmica de recepção;
- ✚ 9:00 – Caminho do Paraíso – Paisagismo, acessibilidade - Dinâmica no Caminho do Paraíso;
- ✚ 9:30 – Final do Caminho do Paraíso desenvolvimento da dinâmica Reflexão da água no Espelho D'Água;
- ✚ 9:45 – Escadas Arco Íris;
- ✚ 10:00 – Templo; No Templo, desenvolvimento da Reflexão no Templo, “contemplação da abóboda celeste”;
- ✚ 10:30 – Trilha cega – da Praça do Amor até a Praça da Felicidade;
- ✚ 11:00 – “Encontro Consigo no encontro com a árvore, na observação do entorno e no “silêncio”- Orla da Represa;
- ✚ 11:30 – Compartilhamento da experiência – Praça da Felicidade, parte superior;
- ✚ 11:45 - Relatório escrito da experiência – Pelo Jardins do Solo Sagrado;
- ✚ 13:00 – Almoço – Refeitório;
- ✚ 14:00 – Retorno aos lares.

O detalhamento da programação é necessário para uma melhor condução do Laboratório.

Nos finais de semana que se seguirem, a programação pode manter-se sem alteração, somente inserindo novas dinâmicas para que as atividades não se tornem repetitivas.

Programação para grupos a ser desenvolvido em apenas um dia:

- ✚ 8:30 – Chegada – estacionar na plataforma 9,10 e 11
- ✚ 8:45 – Recepção de caravanas – Apresentação dos participantes, breve apresentação dos objetivos do Laboratório; Dinâmica de recepção;
- ✚ 9:15– Início da caminhada pelo Caminho do Paraíso;
- ✚ 9:30 – Dinâmica de percepção da água no Espelho D’água;
- ✚ 10:00 - Templo; No Templo, desenvolvimento da Reflexão no Templo, “contemplação da abóboda celeste”;
- ✚ 10:30 - Lago das Carpas;
- ✚ 11:00 – Trilha “Caminho da Mata”, percurso inferior;
- ✚ 11:20 – Praça do Amor; primeira discussão;
- ✚ 12:20 – Subir com os carros até o alojamento;
- ✚ 12:30 – Almoço - Refeitório;
- ✚ 13:30 – Alojamento;
- ✚ 14:30 – Dinâmica: Trilha Cega – Centro Cultural;
- ✚ 15:20 – Trilha “Caminho da mata”, percurso superior;
- ✚ 15:40 – Dinâmica: Encontre a árvore – Praça do Amor;
- ✚ 16:30 – Praça do Amor; segunda discussão;
- ✚ 17:00 – Livre – preparação para o jantar;
- ✚ 18:30 – Jantar - Refeitório;
- ✚ 20:00 – Dinâmica: Templo, contemplação da abóboda celeste;
- ✚ 20:30 – Templo; terceira discussão;
- ✚ 21:00 – Recolher-se ao alojamento.

Conforme mencionado anteriormente é possível adaptar a experiência de acordo com a condição da instituição, sendo inclusive possível ser realizada no espaço que ela considere mais adequado (Praça, jardim...). No entanto, é necessário estudar a adequação e definir uma trajetória, afim de contemplar os três momentos da experiência. É possível também ambientar um espaço (salas por exemplo), com sons e motivos ambientais, lembrando que, o intuito é proporcionar uma experiência estética na natureza.

AVALIAÇÃO

Com o desenvolvimento da pesquisa foi possível observar que um dos métodos utilizado para coleta de dados, o *relato escrito*, mostrou ter um potencial avaliador. Desta forma, conforme acredita Rosemeire Zago (2016), Psicóloga com abordagem junguiana, escrever é altamente terapêutico. Assim sendo, sugerimos como meio de Auto avaliação o *Relato Escrito*.

Os participantes deverão escrever seus sentimentos, expectativas, pensamentos, antes e depois da realização do Laboratório.

De acordo com Zago (2016), escrever serve para se conhecer. Descobrir o que pensamos sobre nós mesmos. Serve para fazer um levantamento de nossas ideias e uma auditoria nos sentimentos. É uma maneira de comprometer-se consigo próprio, transformando o raciocínio em palavras que podem ser relidas, analisadas. Depois de tudo analisado, o autor poderá, se quiser, rasgar, amassar, queimar e jogar no lixo, ou ainda, poderá guardar para ir observando, cada vez que reler, seu próprio progresso, suas conquistas, sua capacidade de ser *humano*.

DESCRIÇÃO DAS DINÂMICAS:

Apesar de não haver nada que comprove se outras dinâmicas surtiriam o mesmo resultado, sugerimos que seja desenvolvida as que foram utilizadas.

1ª Dinâmica: Percepção da Água.

Esta dinâmica consiste apenas na pessoa permanecer de olhos fechados por cerca de três minutos no Espelho D'Água, após este momento e, antes de entrar, os participantes em silêncio deverão molhar as mãos na cascata. O objetivo é que escutem o som da água e sintam a sua textura.

2ª Dinâmica: Trilha cega.

A Trilha Cega é uma dinâmica em que os participantes ficam vendados guiados apenas por uma corda que é amarrada unindo várias árvores. Desta forma os participantes, tateando a corda chegam até as árvores percebendo sua textura e detalhes, da mesma forma é preciso concentrar-se na irregularidade do piso, que ora é plano ora acidentado fazendo com que o participante precise andar devagar e mais atenciosamente. Os que veem na frente precisam ser mais atenciosos porque deverão orientar os que veem depois, mesmo estando de olhos fechados. Para a realização desta dinâmica, questões de segurança devem ser levadas em consideração. Todas as árvores devem ser escolhidas muito bem, para que não tenham nenhum animal peçonhento, evitando desta forma acidentes ao toque das pessoas. A árvore também não pode ter galhos muito baixos, para não ferir o rosto da pessoa, bem como, também, o piso não pode ser muito acidentado, para não haver quedas. A intenção é fazer com que o participante tenha que desacelerar para perceber e cuidar dos demais.

3ª Dinâmica: Encontre a árvore.

Trata-se de uma atividade em que os participantes a executam em duplas. Um, venda o outro e o leva até uma árvore à sua escolha, depois este, trazendo-o de volta ao local de origem, retira a venda e pede para que ele, agora, com os olhos abertos, encontre a

árvore. Após esta primeira etapa as posições se invertem, o primeiro a ser vendado agora venda o segundo e procede da mesma forma.

4ª Dinâmica: Contemplação da abóboda celeste.

Esta dinâmica deverá ser realizada no Templo, impreterivelmente. Ela consiste apenas de os participantes deitarem no piso no Templo à noite a fim de observarem o céu estrelado dentro do anel do Templo.

5ª Dinâmica: Reflexão no Templo.

Nesta dinâmica é solicitado aos participantes que se sentem aos pés de uma das colunas do Templo e, ali, permaneçam por cerca de três minutos observando a paisagem do entorno e o céu em suas muitas cores.

6ª Dinâmica: Encontro consigo no encontro com a árvore.

Cada participante deverá sozinho encontrar uma árvore e aos seus pés se sentar e observar o entorno o silêncio.

7ª Dinâmica: Dinâmica de recepção.

A dinâmica de recepção pode ser a que o coordenador do Laboratório mais tiver facilidade, pode ser uma música. O objetivo desta dinâmica é quebrar o gelo e aproximar os participantes. A dinâmica no Caminho do Paraíso segue a mesma regra.

Conforme observado anteriormente, não há nenhuma confirmação de que outras dinâmicas não resultem em sucesso, portanto o coordenador do Laboratório pode, dependendo de o estado de ânimo do grupo de participantes testar outras que se aproximem com suas habilidades.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Teixeira. “A Cultura como Experiência”, in RIBEIRO, Renato Janine (org.) **Humanidades; um novo curso na USP**. São Paulo, Edusp, 2001.

GALLIAN, Dante Marcelo Claramonte; PONDÉ, Luiz Felipe; RUIZ, Rafael. **Humanização, Humanismos e Humanidades : problematizando conceitos e práticas no contexto da saúde no Brasil**. REVISTA INTERNACIONAL DE HUMANIDADES MÉDICAS. NÚMERO 1, 2012.

MOSÉ, Viviane. Schiller e a educação estética. **O Homem que sabe. Do Homo Sapiens à crise da razão**. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro 2013. pp. **69, 70**.

RIOS, Isabel Cristina. **Caminhos da Humanização na Saúde: Prática e Reflexão**. São Paulo: Áurea Editora, 2009.

SIMMEL, George. **Religião, ensaios**. São Paulo: Olho d’Água, 2010. v. 2

WATANABE, Tetsuo. **ORIGEM DO TEXTO DA FILOSOFIA DE MOKITI OKADA RELATO DO REV. TETSUO WATANABE**. Disponível em:< <http://vontadepensamento.blogspot.com.br/p/origem-do-texto-da-filosofia-de-mokiti.html>>. Acessado em 04/out/2016.

ZAGO, Rosemeire. Escrever sobre os sentimentos equilibra as emoções. Disponível em:< <http://vyaestelar.uol.com.br/post/2829/escrever-sobre-os-sentimentos-equilibra-as-emocoes>>. Acessado em 17/jan/2017.

APÊNDICE E

Caderno de Campo da pesquisa:

**Encontrando o Humano na Natureza: experiência
estética e humanização de profissionais da
saúde no Solo Sagrado de Guarapiranga**

Projeto pronto, tudo pronto e aprovado é só convidar os colaboradores.

Só convidar os colaboradores. Que engano! Achei que só por trabalhar em ambiente onde conhecia muitas pessoas seria fácil, era só convidar e todos iriam querer participar. Não que não quisessem; na verdade, a maioria, a maioria mesmo, não podia.

Minha primeira descoberta. Profissionais de saúde trabalham em dois e até três locais diferentes, em horários completamente desencontrados (desumano). Convidava um, convidava outro, pedia para que o convite se estendesse aos conhecidos e nada. Projeto pronto, tudo pronto e o tempo passando.

Para poder desenvolver o projeto no Solo Sagrado, precisei da autorização da direção. Elaborei um ofício de aceite no qual era imprescindível a data de início e final da pesquisa. Estava chegando a data prevista e eu ainda não tinha a equipe de colaboradores.

A dificuldade era porque a pesquisa iria ser desenvolvida em dois dias onde os colaboradores deveriam ficar emersos, hospedados no local. Este foi o critério natural de exclusão, as pessoas não podiam participar.

Comecei a ficar desesperada. O Solo Sagrado é a sede do ocidente da Igreja Messiânica, então, porque não, rezar? Rezei, rezei, rezei. Àquela altura eu precisava de um milagre, já era meados de dezembro e a pesquisa, de acordo com o combinado com a direção e oficializado em documento, deveria iniciar em janeiro e terminar em março. Janeiro, fevereiro e março, são meses de movimento fraco e são poucas as caravanas que vem e ficam hospedadas, portanto a época ideal para a realização da pesquisa. Se eu deixasse passar este prazo precisaria esperar um ano para o início. Não podia me dar este luxo, o tempo voa.

Pode parecer inacreditável, mas, depois de alguns minutos que sai do altar, conversei com uma amiga de muitos anos e falei sobre a pesquisa e minha preocupação em não encontrar uma equipe que pudesse colaborar com

ela. Para minha surpresa, esta amiga trabalhava em uma UBS (Unidade Básica de Saúde). Senti-me envergonhada, pois que, conhecia aquela pessoa há muitos anos e nem sequer sabia sua profissão, questionei minha capacidade de amizade. Através desta amiga conseguimos a maior parte da equipe.

Agora era só fazer os preparativos para o desenvolvimento da pesquisa.

Por questões de segurança, todas as pessoas que ficam hospedadas no Solo Sagrado precisam ter um formulário preenchido com todos os dados. Apesar de o Solo Sagrado ser um lugar seguro, ele está inserido em meio à mata e existe um risco, mesmo que mínimo. Esta etapa concluída, eu precisava pensar no local de encontro.

Pensar num ponto de encontro pode parecer uma estratégia desnecessária, no entanto, o Solo Sagrado é muito grande, 327.500m² em jardins. Não poderia correr o risco de os colaboradores estacionarem o carro em um dos estacionamentos dentro dele, seria como começar a ler um livro pela página do meio, talvez tivesse até um resultado, mas acho que não seria o mesmo, não sei, achei melhor não arriscar. Combinei com a equipe de segurança para que, assim que os colaboradores chegassem, os orientasse para que estacionassem na portaria. Tive também que pensar no percurso que deveria, necessariamente, terminar próximo da portaria na sua primeira parte, ou, antes do almoço. Desta forma os colaboradores poderiam pegar o carro para se dirigirem ao alojamento antes do almoço. Tudo tinha que ser cronometrado.

E assim, nos dias 11 e 12 de janeiro; 08 e 09 de fevereiro e 08 e 09 de março, iniciamos com 13 profissionais da área da saúde a pesquisa sobre os afetos provocados pelo contato com os jardins do Solo Sagrado. dez colaboradores participaram dos 3 encontros e 3 apenas de um, tal e qual planejado pela pesquisa. Eles chegaram pela manhã e hospedados pernoitaram no Solo Sagrado. O grupo definido para participar deveria estar envolvido de alguma forma com a área da saúde. A intensão era de que, parte do grupo já o conhecesse e parte não. Desta forma a equipe foi composta da seguinte forma: seis enfermeiros; três agentes de saúde; dois docentes; uma farmacêutica e uma médica. Destes: sete participantes estavam no Solo Sagrado pela primeira vez; uma já era voluntária do espaço a cerca de 20

anos, a que me ajudou a reunir a equipe; duas estavam na segunda visita e três já haviam visitado várias vezes.

NOME	PROFISSÃO	PRESENÇA NO SOLO SAGRADO
Luziete	Farmacêutica	1ª vez
Stefânia	Médica	1ª vez
Felipe	Enfermeiro	1ª vez
Lindinalva	Enfermeira	1ª vez
Alice	Docente	1ª vez
Aline	Enfermeira	1ª vez
Ligia	Enfermeira	1ª vez
Nara	Enfermeira	2ª vez
Odete	Enfermeira	2ª vez
Leandro	Agente de Saúde	Várias
Joana	Agente de Saúde	Várias
Helcio	Docente	Várias
Roseli	Agente de Saúde	Voluntária à 20 anos

A pesquisa deveria seguir uma programação pré-determinada quanto ao itinerário a ser percorrido e o que deveria ser comentado durante ele, tendo em vista o objetivo de seguir a metodologia do LabHum (Laboratório de Humanidades). No entanto, apesar deste pré-estabelecimento na programação, muitos dos comentários e percursos acabaram sendo adaptados. Seguindo a metodologia do LabHum, o primeiro encontro deveria ser o de *história de leitura*, desta forma eu deveria deixá-los o mais à vontade possível para que eles por si só percebessem o espaço, sem interferências. O segundo encontro seria o de *itinerário de discussão* baseado no que fora falado no encontro anterior e, o terceiro e último seria o de *história de convivência*,

onde os participantes descreveriam o que foi a pesquisa para eles e a convivência entre os participantes. No entanto, muito do que foi planejado não foi possível realizar; por exemplo, a intensão de gravar os encontros em grande parte não foi possível, já que o Solo Sagrado é um ambiente aberto e o som se dissipar. Quanto ao caderno de campo, também, outra dificuldade já que as atividades e discussões acabaram sendo acirradas não sendo desta forma interessante não participar delas em função de registrar no caderno. Ele então passou a ser mais uma espécie de “diário de bordo” onde passei a registrar minhas memórias à cerca do encontro. Isto me remeteu a Malinovski, “deixar o caderno de notas e a máquina fotográfica e fazer parte do grupo”. Nunca uma expressão foi tão familiar para mim. Com isto pude aprender a minha total incapacidade de controle. Conforme o planejado, no nosso primeiro encontro fiz uma breve apresentação sobre a pesquisa e os participantes se apresentaram e expressaram suas expectativas para com ela.

Neste momento de apresentações quando então provocados sobre as expectativas à cerca da pesquisa, muitos disseram que não tinham expectativas nenhuma. No entanto, a maioria mencionou a busca por paz, equilíbrio e serenidade. O que nos leva a crer que os profissionais de saúde talvez estejam buscando algo além, que os ajude a cumprir suas funções profissionais.

Vim buscar paz, tranquilidade, equilíbrio, contato com Deus. A natureza traz isto pra gente. No trabalho que agente desenvolve precisamos de algo que nos traga equilíbrio, precisamos de uma fonte que nos ajude a encarar o trabalho do dia a dia...

A programação pré-estabelecida foi a que se

Dia 11 de janeiro :

- + 8:30 – Chegada – estacionar na plataforma 9,10 e 11
- + 8:45 – Recepção de caravanas – Apresentação dos participantes, breve apresentação da pesquisa;
- + 9:00 – Início da caminhada pelo Caminho do Paraíso;
- + 9:15 – Dinâmica de percepção da água no Espelho D'água;
- + 10:00 - Templo;
- + 10:30 - Lago das Carpas;
- + 11:00 – Trilha “Caminho da Mata”, percurso inferior;
- + 11:20 – Praça do Amor; primeira discussão;
- + 12:20 – Subir com os carros até o alojamento;
- + 12:30 – Almoço - Refeitório;
- + 13:30 – Alojamento;
- + 14:30 – Trilha Cega – Centro Cultural;
- + 15:20 – Trilha “Caminho da mata”, percurso superior;
- + 15:40 – Encontre a árvore – Praça do Amor;
- + 16:30 – Praça do Amor; segunda discussão;
- + 17:00 – Livre – preparação para o jantar;
- + 18:30 – Jantar - Refeitório;
- + 20:00 – Templo, contemplação da abóboda celeste;
- + 20:30 – Templo; terceira discussão;
- + 21:00 – Recolher-se ao alojamento.

Dia 12 de janeiro

- + 7:30 – Café da manhã – Refeitório;
- + 8:30 – Recepção de caravanas – História do Solo Sagrado; dinâmica de recepção;
- + 9:00 – Caminho do Paraíso – Paisagismo, acessibilidade - Dinâmica no Caminho do Paraíso;
- + 9:30 – Final do Caminho do Paraíso desenvolvimento da dinâmica Reflexão da água no Espelho D'Água;
- + 9:45 – Escadas Arco Íris;

- 🚦 10:00 – Templo; No Templo, desenvolvimento da Reflexão no Templo, “contemplação da abóboda celeste”;
- 🚦 10:30 – Trilha cega – da Praça do Amor até a Praça da Felicidade;
- 🚦 11:00 – “Encontro Consigo no encontro com a árvore, na observação do entorno e no “silêncio”- Orla da Represa;
- 🚦 11:30 – Compartilhamento da experiência – Praça da Felicidade, parte superior;
- 🚦 11:45 - Relatório escrito da experiência – Pelo Jardins do Solo Sagrado;
- 🚦 13:00 – Almoço – Refeitório;
- 🚦 14:00 – Retorno aos lares.

Busquei detalhar o mais possível a programação, a fim de conduzi-la da melhor maneira possível fazendo paradas e discussões em todos os espaços assinalados pelo itinerário. No entanto a natureza é incontrolável! No 1º local pré-determinado para parar, “Caminho do Paraíso”, um bando de saguis tomaram a cena e as atenções. Com cerca de 7 a 8 indivíduos, eles pulavam nos galhos das árvores e corriam atravessando o Caminho do Paraíso. Assustado com nossa presença o maior, que já estava num galho mais alto, desceu apressadamente e ficou na margem do caminho assoviando, parecia chamar os menores, e assim ficou assoviando e esperando todos atravessarem, somente depois seguiu atrás do bando. Todos ficaram encantados com os animais e pararam para observar o comportamento deles. Isto chamou a atenção dos participantes que comentaram sobre o cuidado do animal para com os menores, um cuidado que sempre se vê no ser humano. Esta relação pouco afetiva entre as pessoas (inclusive entre a família) foi um dos assuntos comentados durante a caminhada.

Refleti muito esse fim de semana, pensamento na minha família, no tão importante eles são para mim, coisa que na correria do dia a dia esquecemos (colaborador Leandro).

Observa-se nesta fala o distanciamento das pessoas de suas próprias famílias em detrimento do trabalho, da busca por dinheiro, a falta que a família faz. Uma das causas da desumanização o distanciamento das tradições dos laços de famílias.

O Caminho do Paraíso é uma estrada sinuosa ladeada por árvores e gramados, ele representa o elemento Terra e a própria vida com seus altos e baixos; sua sinuosidade. A sinuosidade da estrada e a densidade da vegetação torna o Caminho do

Paraíso um espaço mais fechado como se mais pesado representando a própria materialidade. Ele encerra em uma cortina de água de cerca de 50 metros de comprimento composto de três quedas de água e três lagos. Neste espaço foi sugerido aos participantes que, com os olhos fechados, atentassem para o som da água por cerca de três minutos, após isto deveriam entrar em silêncio e somente então discutiríamos sobre nossas sensações.

Cheguei com um peso nas costas, cansada, sentindo-me cheia de energias ruins devido o dia a dia. Ao passar pelo caminho do paraíso e pelas águas, ao fechar os olhos senti essa carga toda cair, ficar por ali! (Colaboradora Odete).

Não sei se por influência da água, mas, a partir do espelho d'água os colaboradores começaram a falar de uma sensação de limpeza.

Seguimos após a passagem pelo espelho d'água rumo ao Templo, uma imponente construção com uma nave a céu aberto para 25 mil pessoas, circundado apenas por colunas de concreto aparente, em que, nas palavras de seu idealizador, Revmo. Tetsuo Watanabe, presidente da entidade: “*As paredes são a própria natureza e o teto é o céu infinito*”, permitindo assim uma interação com o ambiente natural, em qualquer circunstância. Neste espaço sugeri que cada participante sentasse aos pés de uma das colunas e ali ficassem por alguns minutos, depois disto novamente foram instigados a falar sobre suas sensações.

Neste espaço os comentários sobre esquecimento da própria vida e a sensação da existência de um mundo “lá fora” foram muito interessantes e intrigantes:

É como se o mundo lá fora não existisse [...] parece que tem uma barreira que impede de lembrar que existe um **mundo lá fora** [...] me sinto com cabeça leve, em paz [...] (Colaboradores)

A partir do Templo a programação prevista começou a sofrer adaptações, não nos dirigimos de imediato ao Lago das Carpas paramos antes no Caminho do Riacho e ali permanecemos por alguns minutos sentados às margens do Riacho, somente depois desta pausa fomos até o Lago das Carpas, ali, em duplas, nos sentamos um de costas para o outro a fim de nos sustentarmos no outro. A partir deste espaço os comentários sobre sensação de limpeza começam a ficar mais evidentes nas falas e nos relatos escritos, então, talvez não seja apenas pela influência da água, como a princípio acreditei. O Lago das Carpas se encontra praticamente na metade do percurso. Talvez seja esta a

razão, por estar na metade do caminho, conforme, pelo menos para mim, o nosso colaborador elucida:

É como se eu fosse o rio Tiete que nasce limpo e no decorrer de sua caminhada adentrando São Paulo fosse se sujando e, continuando sua trajetória para o interior **voltasse a se limpar [...]** O contato com a natureza gera um sentimento de **limpeza interior**. (Colaboradores Helcio e Felipe).

Estas falas me levam a pensar que talvez, o “percurso”, crie esta sensação de limpeza, já que não é uma fala que se apresenta no início dele e sim de sua metade para frente. E talvez, ainda, as pessoas ao adentrarem o Solo Sagrado se sintam por alguma razão, “sujas”. E ainda, a fala que menciona o retorno para o interior (como se tivesse dizendo, o retorno para o interior de si mesmo), é o que gera a limpeza.

Em seguida desta atividade nos dirigimos à área onde seria realizada a “Trilha Cega”. A Trilha Cega é uma dinâmica em que os participantes ficam vendados, guiados apenas por uma corda que é amarrada unindo várias árvores.

Desta forma os participantes, tateando a corda chegam até as árvores percebendo sua textura e detalhes, da mesma forma é preciso concentrar-se na irregularidade do piso, que ora é plano ora acidentado fazendo com que o participante precise andar devagar e mais atenciosamente. Os que veem na frente precisam ser mais atenciosos porque deverão orientar os que veem depois, mesmo estando de olhos fechados.

[...] quando estava como líder na corda cega, tive que saber o caminho deduzindo, agir com cautela, com confiança em meus atos para o companheiro seguir seguro, tive que agir com amor e preocupação perante os outros, pois não estava sozinha, não podia agir de qualquer jeito [...], (Colaboradora Joana).

Muitas vezes na vida agimos de qualquer jeito, de maneira irresponsável e egoísta, na área da saúde isto é fatal. Quando expliquei como seria a dinâmica e, que eles ficariam de olhos fechados percebi que ficaram meio temerosos. Para a realização desta dinâmica, questões de segurança devem ser levadas em consideração. Todas as árvores devem ser escolhidas muito bem, para que não tenham nenhum animal peçonhento, evitando desta forma acidentes ao toque das pessoas. A árvore também não pode ter galhos muito baixos, para não ferir o rosto da pessoa, bem como, também, o piso

não pode ser muito acidentado, para não haver quedas. Apesar de a dinâmica exigir desafios, eles não podem ser muito arriscados. A intensão é fazer com que o participante tenha que desacelerar para perceber e cuidar dos demais. Desta forma, não havia nenhum motivo para os participantes sentirem-se amedrontados. Através do relato da colaboradora pude perceber que não eram as questões técnicas da dinâmica que amedrontava, era outra questão, como se segue:

...na trilha cega que fizemos você percebe que não confia no outro por que você tá andando e não sabe se o outro vai te levar direito, você tem medo do terreno que você pisa, então você,... acreditar no outro? É muito difícil. É uma das coisas que a gente perdeu a gente não acredita mais no outro. Porque a gente perdeu isto? Não sei! [...](Colaboradora Luziete).

Observando este relato podemos perceber que as pessoas estão afastadas umas das outras e, julgam o que as outras possam estar sentindo. O que não é absolutamente verdade. O que nos leva a crer que algo aconteceu com o homem que ele se defende mesmo sem saber o que está se passando na mente do outro. O homem criou uma armadura de defesa, mesmo sem saber do que estão se defendendo.

Após terminarmos a dinâmica continuamos caminhando rumo a Trilha da Mata. Durante o percurso a discussão sobre confiança continuou acirrada. Um dos colaboradores contou a história de uma paciente que desejava se consultar com um psicólogo. Ela e o filho. No entanto, ao saber que a psicóloga também se consultava com um psicólogo, disse que havia perdido a confiança nela. Na maneira de pensar daquela paciente, se a médica também precisava de um médico é porque não tinha condições de tratar nem dela mesma quanto mais dos outros (o que não deixa de ser verdade). Desta forma o médico não é visto como uma pessoa comum com todas as necessidades do outro. Ele não pode ter problemas para ser confiável.

Este mesmo colaborador comentou acerca da medicação, fato que ele vê comumente acontecer, ele disse que o paciente quando chega ao posto de saúde, já chega diagnosticado por ele mesmo e trazendo o nome do remédio que quer tomar. Quer tomar aquele remédio porque a vizinha toma e é bom. Se o médico não receitar aquele remédio, o médico não é competente, nem confiável. Muitas vezes, o médico até receita aquele remédio que o paciente quer para ganhar-lhe a confiança e, também, porque sabe que se não o fizer, o paciente rasga a receita e toma o que a vizinha indicou.

Atravessamos a Trilha da Mata, uma trilha fechada de cerca de 500 a 600 metros encerrando-a na Praça do Amor onde desenvolvemos uma nova dinâmica. Esta dinâmica

realizada na Praça do Amor foi chamada “Encontre a árvore”, trata-se de uma atividade em que os participantes a executam em duplas. Um, venda o outro e o leva até uma árvore à sua escolha, depois este, trazendo-o de volta ao local de origem, retira a venda e pede para que ele, agora, com os olhos abertos, encontre a árvore. Após esta primeira etapa as posições se invertem, o primeiro a ser vendado agora venda o segundo e procede da mesma forma. Esta dinâmica também foi fruto de muitas discussões e reflexões:

[...] penso que as dinâmicas e informações geram grande conhecimento, inclusive do interior de uma pessoa que muitas vezes não conhece seu sexto sentido e não confia em si mesmo [...]...ficamos com medo de não encontrar e nos sentir ridículos perante os outros que encontraram[...] A brincadeira do descubra a árvore. Você fala, eu não vou descobrir qual árvore eu abracei, aqui tem milhões de árvores!!! A gente fica contando passos, muito racional, lógico. Fica contando, um, dois, três passos para direita, um, dois, três passos para esquerda e depois eu vou achar. Mas, você não acha pela contagem, aí você fica olhando, olhando, olhando, passa a mão nelas, mas elas são todas iguais!!! Mas tem alguma coisa diferente. De repente você acha a sua árvore. Como explicar isto??? Não tem explicação. (Colaboradores Felipe e Luziete).

Todos os participantes tiveram a mesma atitude. Contar passos; imaginar direita e esquerda. Um deles mencionou que havia memorizado a árvore com o tato. Porém, quando tirou a venda percebeu que elas eram todas iguais. Este fato, comum entre todos, gerou certa insegurança (o medo do ridículo) que logo se transformou em incredulidade (desconfiança de si mesmo) ao encontrar a árvore que haviam tateado vendados.

Como última atividade, à noite, por volta das 20h00min nos reunimos novamente no Templo, onde deitados no piso observamos o céu estrelado, *maravilhoso!!!!* Apesar dos pernilongos.

Havia programado parar para discussões apenas três vezes. No entanto, acabamos parando a cada etapa e dinâmica executada, discutindo sobre as sensações provocadas por aquele espaço em específico e aquela atividade em específica. Neste formato foram suscitando muitas impressões e relatos que em grande parte compuseram meu caderno de notas ou “Diário de bordo”, como prefiro chama-lo. No segundo dia de encontro, dia 12 de janeiro a programação pré-estabelecida se manteve sem alterações.

Como forma de coletar os dados que seriam minha base de análise, tentei gravar (não consegui muita coisa) e todos escreveram seus relatos.

Nos encontros que se seguiram nos dias 08 e 09 de fevereiro e 08 e 09 de março mantivemos apenas uma parte do itinerário (a que mais afeto provocou), sendo: Caminho do Paraíso; Espelho D'Água; Templo; Caminho do Riacho e Lago das Carpas e as dinâmicas desenvolvidas nestes espaços.

Segundo encontro: O que pude verificar logo a princípio foi que, no primeiro encontro os participantes que quase não falaram, escreveram bastante, no segundo, estes mesmos participantes falaram mais e escreveram menos. Foi como se, com o contato com o Solo Sagrado, eles foram se soltando e conseguindo se expressar pela fala de maneira mais desenvolta. Os comentários tanto falados como escritos de um encontro para o outro foram se alterando. Por exemplo: a colaboradora Odete menciona no primeiro encontro que teve como reflexão que tem que parar, refletir, encontrar equilíbrio, não se deixar dominar pelos primeiros sentimentos que surgem. E neste segundo encontro ela relata:

O melhor de tudo deste encontro foi que percebi, mesmo sem querer, como mudou algo dentro de mim. Como estou mais tranquila, equilibrada. Sinto que não estou 100%, mas já mudou e foi sem esforço nenhum. Não sinto mais que há um furacão desorganizado e feroz dentro de mim. (Colaboradora Odete).

É possível perceber que o afeto do primeiro momento, da primeira vez no Solo Sagrado é intenso e aparentemente desconcertante. De certa forma dispersante também. O que me leva a comparar com o LabHum em que o primeiro encontro “História de Leitura”, mostra o mesmo e desconcertante afeto.

O segundo, apesar de também intenso, é mais tranquilo. Neste segundo encontro recebemos os participantes que estariam conosco somente naquele final de semana. Eu não sabia como se processaria isto. Teria que conciliar os sentimentos dos que estavam no segundo encontro e que, teoricamente, eu deveria conduzi-los como que no ‘Itinerário de discussão’ e; os afetos dos que estavam no primeiro encontro, sabendo que eles seriam mais intensos do que dos demais. Sem falar que, com estes, não sabia como fazer, mas, teria que desenvolver os três momentos da metodologia do LabHum, “História de leitura”, “Itinerário de discussão” e “História de convivência” em um único encontro.

Desta vez, precisei fazer uso do caderno de campo, para registrar principalmente os nomes dos que estavam falando. Desta forma pude identificar depois, quem estava no primeiro encontro e quem estava no segundo. Uma aventura, mas deu certo.

Ao chegar no Solo tive uma surpresa, um paraíso com uma energia sem igual que impressiona no primeiro contato. É um lugar que encanta, a gente olha e não cansa de ficar olhando [...] nem conseguiria explicar, é um sentimento único. Parece que estamos em outro universo, ou “no Paraíso”. (Felipe, 1º encontro).

[...] me senti diferente, é como se algo tivesse se transformando [...] estou notando tudo diferente... a cor está diferente...parece que tudo está diferente do que da primeira vez...tudo está igual, claro...parece que é a primeira vez que estou aqui [...]. (Odete, 2º encontro).

Foi possível perceber nitidamente a diferença de sentimento dos que estavam no primeiro encontro e os que estavam no segundo. Os relatos de emoção, as falas de sensação de existência de dois mundos, a sensação de limpeza comentado no primeiro encontro é repetido pelos que estavam agora, neste segundo encontro, participando pela primeira vez. Ao contrário dos que estavam no segundo encontro, quando começa a surgir uma fala de sentimento de preenchimento, de conhecimento de si mesmo de transformação:

No primeiro encontro, eu senti uma forte energia criadora, hoje eu senti a própria natureza dentro de mim. Não sei explicar. (Colaboradora Luziete).

O terceiro e último encontro foi muito especial. O grupo parecia muito integrado. Trouxeram até petiscos para comerem durante o percurso. Não desenvolvemos nenhuma dinâmica, como seria o encontro de “história de convivência”, envolvi-os em duas oficinas para que, desta forma, pudessem descontrair e estar o mais próximo possível uns dos outros e assim, pudessem compartilhar todos os momentos que viveram.

A primeira oficina foi uma vivência com a horta caseira. Fomos até a horta desenvolvida no Solo Sagrado, eles colocaram botas e chapéu de palha. Foi um momento muito feliz, muito divertido. Eles capinaram, plantaram, colheram e puderam depois plantar um vaso com uma muda de alface a que eles levaram de lembrança. A segunda oficina foi uma vivência com a flor. Esta oficina é bastante emocionante, eles confeccionam arranjos florais e, a ideia, era que eles levassem também, assim como o vaso de alface, de lembrança da experiência. Porém, assim que começaram a relatar suas experiências, o que sentiram, como foi o convívio entre eles, trocaram seus arranjos, foi muito emocionante, choramos e ganhamos uma lembrança uns dos outros. Não somente uma lembrança do nosso sentimento, que estaria na nossa memória, mas uma lembrança material, palpável, sólida, física. É como se quiséssemos ficar, fisicamente uns

nas vidas dos outros. Acho que, na verdade, era eu que queria ficar na vida deles para sempre. Foi difícil deixá-los ir.

A maior parte do grupo de colaboradores veio de uma UBS da periferia de São Paulo. Alguns dias após o término da experiência a gerente desta UBS (Nara) e uma das colaboradoras, solicitou uma visita para todo quadro de profissionais. Uma visita nos mesmos moldes da experiência, ou seja, com o mesmo itinerário, dinâmica e discussões. Seria o “Cuidando do Cuidador” daquele mês.

Recebemos nesta ocasião, nos dias 07 e 08 de maio, cerca de 95 profissionais. Depois destas visitas, vieram também dias 14 e 15 de maio com 73 pacientes.

A consequência destas atividades foi que estes profissionais começaram a desenvolver na UBS atividades que visassem a promoção à saúde. Eles, nas discussões que foram suscitadas, relataram que a grande maioria dos pacientes que buscam um médico de fato não está doente, pelo menos não fisicamente. Na verdade, são pessoas que estão, talvez, emocionalmente doentes e precisando de atenção humana e não tratamentos clínicos. Como este grupo de pessoas enfermas de alma vem aumentando, o profissional de saúde não consegue atender os casos que são de fato clínicos, por isso a necessidade de se desenvolver um trabalho de atendimento não clínico e sim afetivo.

Com este novo prisma na atenção, decidiram desenvolver estratégias de cuidados. Uma das iniciativas foi criar atividades que pudessem atrair a população do bairro no intuito de gerar saúde (física e emocional), com este pensamento criaram um esporte diferente (voleibol para terceira idade), inscreveram esta atividade em um concurso nacional de estratégias para gerar a saúde em UBSs, ganharam em terceiro lugar.

Entusiasmados com o resultado, criaram outras iniciativas, agora junto com a comunidade do entorno. Começaram a incentivar a população a manter as ruas livres de sujeiras. Esta atividade se desenvolve com duas pessoas por semana em cada rua, elas são responsáveis em orientar os demais sobre as questões dos resíduos, ou seja, horário de dispô-los para a coleta pública, por exemplo. Desta forma os profissionais de saúde começaram a se inserir na comunidade, foram convidados por uma das escolas do bairro para, em parceria, desenvolverem um trabalho com Street Dance. Este trabalho envolverá a UBS e os alunos desta escola. Com a repercussão deste trabalho executado a sua gerente foi convidada pela superintendência de saúde para desenvolver as mesmas estratégias em todas as UBSs da cidade.

Ao solicitar o agendamento das entrevistas estes colaboradores pediram para serem entrevistados no próprio Solo Sagrado. Para mim foi uma surpresa tendo em vista a distância do Solo Sagrado. No entanto, mesmo assim, planejamos a realização das suas entrevistas.

A princípio, segundo o definido pelo próprio projeto seriam apenas cinco entrevistas, porém, todos quiseram ser entrevistados. De certa forma este é um fator positivo e negativo ao mesmo tempo, devido a minha limitação de tempo.

Todos os desdobramentos do projeto estão sendo registrados, e talvez comporão o relato dos resultados. Não sei !!!

Depois de muito, muito, muito tempo retomei o projeto. Não sei o que aconteceu, mas pelo menos para mim, chegou um momento que dei uma estagnada, atacava meus nervos só de olhar. Tinha vontade de largar tudo. CANSEI!!!!

Não podia, tinha muitas pessoas envolvidas. Decidi reler tudo que havia escrito até ali, todos os relatos, todas as entrevistas. Foi a melhor coisa que fiz. Enchi-me de animo novamente.

Conforme já mencionado 13 pessoas participaram da pesquisa dez participaram dos três encontros e três apenas de um. Pouco consegui gravar. No entanto, o pouco que gravei das falas acontecidas no percurso e os relatos apresentados, acredito, falam muito. Elas vêm falando de busca por equilíbrio, paz interior, medo. Estas falas, conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, o percurso foi acontecendo, os dias foram passando; foram mudando. O primeiro encontro é marcado por falas que mostram um misto de espanto e comoção com medo e desconfiança que aos poucos vão moldando as falas dos participantes, como se eles começassem a caminhada meio travados, desconfiados.

Quando cheguei aqui meu primeiro pensamento foi: que lugar é este? O que vim fazer aqui? Que pessoas são estas? Não sabia o que exatamente iria acontecer. (Colaboradora Aline).

Fui trazida para cá meio sem saber o que ia acontecer, com o intuito de participar de uma pesquisa científica.....Tudo muito racional a princípio. (Colaboradora Stefânia).

É possível observar nestas falas, certo sentimento de desconfiança e autodefesa, como se estivessem armadas se colocando na defensiva de algo que talvez acontecesse. Elas falam de *um não sabia o que iria acontecer*, como se quisessem com o conhecimento do acontecimento se proteger. No entanto, a beleza envolvente do espaço

por si só aparentemente as desarma, despindo-as de uma proteção imaginária criada, de uma “*cou-raça espessa*” conforme mencionado por uma das colaboradoras:

Porém, aqui chegando entrei em contato com um novo mundo em que se passa por diversas “esferas” estratificadas onde vamos entrando e nos despindo de couraças espessa pelo o que a resiliência chama de “ser forte”. (Colaboradora Stefânia).

É possível perceber também uma fala que se repete quanto à menção de “um mundo lá fora”. Ao entrarem no Solo Sagrado aparentemente os participantes sentiram-se como que entrando em um mundo paralelo, uma outra dimensão; desta forma expressam-se como se houvessem dois mundos; o mundo da vida onde se é obrigado a viver e para isto a necessidade de se criar artimanhas e defesas e, um mundo onde se gostaria de viver (que também é real), no entanto onde se pode e deve viver livre, verdadeiros e sem artimanhas e defesas.

Uma terceira fala me chama a atenção, a sensação de acontecer uma limpeza durante a caminhada.

Estas três falas que emergem dos relatos e do material gravado durante o percurso: *mundo lá fora*; *sensação de limpeza* e *despindo couraças espessas*, me levam a acreditar que as pessoas a princípio se sentem sujas por alguma razão, criam em si couraças protetoras e precisam se retirar do mundo para livrar se delas e voltar ao seu ser original, limpo, verdadeiro, feliz e em paz. Como se este “mundo lá fora” fosse um mundo que obriga a viver de aparências e estas aparências sujam o sentimento fazendo a pessoa viver aquilo que não é e, neste mundo “*aqui*” (Solo Sagrado) elas podem ser elas mesmas, limpas, autênticas e felizes.

À cerca destas três características emergidas à princípio pretendemos refletir:

- **MUNDO LÁ FORA;**
- **DESPINDO COURASSAS ESPESSAS;**
- **SENSAÇÃO DE LIMPEZA.**

Apesar, de termos decidido realizar as entrevistas no próprio Solo Sagrado, tivemos que mudar de ideia, justamente por causa da distância e tempo (falta dele, na verdade), tanto meu como dos colaboradores. E assim, desta forma apenas duas entrevistas foram realizadas no Solo, uma, dia 16 de julho e a outra no dia 09 de agosto, esta segunda foi um desafio. Nós tivemos que gravar duas vezes. Como a colaboradora estava cumprindo atividades voluntárias, isto acabou sendo uma oportunidade

privilegiada. Estávamos em um final de semana tranquilo sem muitas atividades. Marcamos um horário que achamos ideal, por volta das duas da tarde. Escolhemos também um local adequado. Como se tratava de um sábado, todo o Solo Sagrado é ocupado com visitantes, mesmo sendo em um final de semana tranquilo. Precisava levar em consideração isto, porque deveria evitar interrupções na entrevista. Caminhamos juntas pelo Solo até encontrar um lugar. Escolhemos juntas.

Um lugar paradisíaco, atrás e acima do Templo. Neste local nenhum visitante tem permissão de entrar, somente funcionários da manutenção. Como no final de semana os funcionários da manutenção não trabalham, seria perfeito. Por este local ser bastante alto podíamos ver o Templo e a nave por cima (cerca de 20 metros de altura), a impressão que se tinha era de estarmos no céu. Todos os protocolos realizados, explicação e objetivo da entrevista, perguntas que gostaria que ela me respondesse, enfim, começamos a conversa. Foi ótima, emocionante, talvez o local conspirou para isto. No entanto.... Quando fui ouvir a entrevista para transcreve-la.....Não havia nem sequer uma palavra gravada, era possível ouvir os sons da mata (vento, pássaros) mas nossas vozes, NADA!!!!!! Se me pedirem para explicar NÃO SEI !!!!!

Tentamos novamente, dois meses depois no dia 11 de outubro. Desta vez, ela estava novamente no Solo Sagrado para suas atividades voluntárias. Marcamos desta vez à noite. Diferente do outro final de semana, este estava muito movimentado, todos estavam envolvidos em suas atividades. Combinamos nos encontrarmos no quarto do alojamento que ela estava hospedada. Um quarto muito agradável pintado com cores claras e mobília muito bem colocadas de cor marfim e um pequeno quadro na parede. Muito agradável. Ela estava neste dia particularmente feliz, era aniversário de uma amiga e estavam preparando uma festa surpresa. O quarto que ela estava é um tipo de apartamento com sala, quarto e copa, então, a equipe de voluntários decidiu fazer os preparativos lá. Estava tudo muito alegre. Apesar do movimento e risadas na sala e copa a entrevista não foi prejudicada. Nós ficamos no quarto, todos sabiam e não entraram até ela acabar.

A entrevista com a colaboradora, no dia 16 de julho, foi a minha primeira. Estava ansiosa, minha primeira experiência. Apesar de ter planejado iniciar as entrevistas somente depois de seis meses de concluída a aplicação da pesquisa, esta primeira aconteceu apenas quatro meses depois.

A colaboradora chegou ao Solo Sagrado por volta das 9:00h da manhã. Ela preferiu vir fazer a entrevista aqui, mesmo sendo longe de sua casa (cerca de 40km, por

volta de quatro horas de viagem entre ida e volta). O dia estava ensolarado e por ser quarta feira, sem muitos visitantes, o que me interessava. Por ser o Solo Sagrado muito visitado eu poderia ficar sem um espaço adequado para o desenvolvimento da entrevista. Em se tratar de um jardim eu precisava escolher o melhor e menos visitado espaço possível para não haver interferências provocadas por transeuntes e, devido a isto, possíveis interrupções da entrevista e até prejuízo em sua fluidez. Com este raciocínio, escolhi um local isolado atrás de um dos auditórios. Trata-se de um caminho muito agradável onde há bancos entre árvores. Durante os dias de semana este local não tem acesso aos visitantes, o que para mim era perfeito, me daria um local aconchegante sem o risco de ser interrompida no meio da entrevista. No entanto, minha natureza controladora sempre se depara com o imprevisível.

Neste local pacato estávamos protegidas dos visitantes, porém, não dos funcionários e, justamente um deles, foi a causa de muitos risos, interrupções e recomeços.

Próximo do local onde estávamos há um sanitário, é um sanitário para deficientes, portanto, não deveria estar sendo utilizado por um funcionário, porém, como é um sanitário confortável acaba sendo preferido pela maioria. Aquele em específico por estar em uma área isolada foi a preferência daquela pessoa. No entanto, se tivesse sido utilizado sem maiores demoras não teria sido tão impactante. E assim, os sons provocados pela pessoa, entre tosses, escarros e outros mais, tiraram a nossa atenção e nos provocaram muitos risos. Ah! O que é a imaginação.

Contudo, esta situação acabou também provocando a fala da colaboradora que relatou sua aversão por estas coisas (sons e excrementos) e que acabou a afastando de uma área profissional, apesar de ter estudado para isto (ela é farmacêutica). Passado este constrangimento continuamos calmamente, por algum tempo.

Conversamos e gravamos por mais ou menos duas horas, ela me contou muitas coisas de sua vida desde a infância, cresceu, casou, estudou, teve filhos e perdeu o marido. Uma grande conversa, uma grande e comovente história, eu diria que foi, inclusive, um desabafo. Percebi o quanto ela tinha necessidade de falar, de contar para alguém o que tinha acontecido. Deixei ela falar, dei corda, não usei perguntas de corte. Não podia fazer isto.

Estas ditas “perguntas de corte”, para mim, parecem exatamente isto, uma pergunta que corta o que a pessoa quer e precisa falar. Claro que isto era um risco para mim, eu estava em dia útil de trabalho, não poderia estender por muito tempo a conversa,

mas preferi correr o risco. Naturalmente passava pela minha mente o trabalho a fazer, talvez a insatisfação do meu chefe, mas também pensava nas dificuldades de relacionamento, inclusive comentada na entrevista, motivada pelo tempo e, inclusive o tempo dispensado ao paciente pelo médico. Pensava principalmente nas perguntas utilizadas pelos médicos justamente para “cortar” o assunto mais importante abordado pelo paciente, sua própria vida, mostrando que para ele a vida do paciente não interessa, e talvez, justamente aí esteja a chave para a solução da enfermidade.

A colaboradora estava especialmente comovida principalmente porque acabará de perder o marido. Ela precisava falar sobre isto, eu não podia interromper. O funcionário no banheiro acabou até sendo positivo porque quebrou a tensão e foi motivo de distração e relaxamento. Quando ela finalmente começa a responder minhas perguntas se emociona ainda mais e chora algumas vezes copiosamente. Num dos auges da emoção, outra situação inusitada. Começa a sobrevoar o Solo Sagrado, um helicóptero. O Solo Sagrado também é objeto de turismo aéreo, é raro acontecer destes helicópteros ficarem pairando sobre o espaço, geralmente eles passam baixo e rapidamente. No entanto, este pairou por infindáveis minutos, não dava para escutar nada, tivemos que parar novamente e desta vez ficamos as duas sem falar nada, não tínhamos como nos ouvir. Novamente, talvez, providencialmente, houve um corte pelo incontrolável que nos colocou de volta a uma emoção mais suave. Novamente rimos da situação e ao voltarmos para a entrevista seguimos até o fim sem outros sustos. O helicóptero passou novamente, mas, desta vez não atrapalhou, passou rapidamente. Houveram idas e vindas ao tema da entrevista, quando ela começava a responder minhas perguntas lembrava-se de algum fato de sua própria vida e falando sobre ele, justificava sua resposta.

Foi maravilhoso ouvi-la. Que história!

Para as demais entrevistas, elaborei um planejamento (como sempre). E também, como sempre, deu errado. A segunda visita somente aconteceu em janeiro, dia 23 de janeiro.

A programação que elaborei era a que se segue:

Programação de entrevistas

1ª grupo para entrevista	2ª grupo para entrevista
Dias 21 de novembro	Dias 15 de dezembro
Felipe	Nara

Odete	Stefânia
Joana	Leandro

Marquei duas visitas, na UBS Caiuba, onde estavam a maior parte dos colaboradores. Na verdade, não marquei com os colaboradores, marquei os dias que iria à UBS e, os que quisessem ser entrevistados naqueles dias eu entrevistaria. Fiz assim por acreditar que seria mais adequado para eles. Faríamos a entrevista de acordo com a disponibilidade de tempo de cada um e não a minha. Esta UBS é distante de minha casa uns 60Km; foi uma viagem. Fui de trem, a viagem de trem parece um convite ao passado, a volta ao interior. O caminho de trem até a cidade onde estava localizada a UBS conspirou para esta minha lembrança do interior, das visitas à minha avó. Via passar pela janela as paisagens dos campos, matas e montanhas. Muito bom! Uma das colaboradoras estava me esperando na estação, fomos até a UBS de ônibus, não porque era longe e sim porque o acesso era difícil, era no alto de um morro e tínhamos que passar por algumas vielas para chegar. A colaboradora achou melhor irmos de ônibus. A UBS estava relativamente vazia, aproveitei para tirar algumas fotos. Alguns dos colaboradores estavam de férias, assim entrevistei somente três.

Quando cheguei, foi uma farra, vieram me receber na porta, me apresentaram a UBS e até para alguns pacientes. Tudo parecia muito alegre, familiar, apesar de ser um ambiente que lembre doença e sofrimento. Tinha um grupo fazendo tricô. Uma das atividades realizadas para a população é o curso de tricô (tricôterapia).

O primeiro que entrevistei neste dia foi o Felipe, ele substitui a gerente quando ela não está e, era o caso naquele dia, ela estava de férias. Este colaborador muito jovem se mostrou particularmente contente com minha presença e uma das coisas que comentou foi que minha presença tinha reavivado sua memória quanto aos dias que passou no Solo Sagrado o que atesta que o tempo aparentemente não apaga as sensações vividas na experiência. Ele escolheu uma das salas de consulta no fundo da UBS para a realização da entrevista. Depois dele, na mesma sala entrevistei outra colaboradora, Odete.

Odete foi uma das colaboradoras que mais me surpreendeu. Ela havia sofrido um acidente e estava com o rosto machucado. No entanto, apesar da aparência, ela pareceu muito tranquila e alegre. Esta colaboradora nos primeiros dias no Solo Sagrado mostrou-se muito aflita, intranquila, acredito que se tivesse sofrido o acidente antes não estaria enfrentando tão bem, não sei. Depois dela entrevistei Dn^a. Joana. Fiquei um pouco aflita

durante a entrevista com Dn^a. Joana. Ela já tem uma certa idade (50 anos), e tremia muito. Fiquei preocupada acreditando que estava nervosa em dar a entrevista. Fiz todo esforço para que se sentisse tranquila. No entanto, ela estava tranquila, eu é que a julguei precipitadamente; estava tremendo por ter a doença de Parkinson. Fiquei envergonhada e pensando em mim mesma, como nós, ou eu, julgamos precipitadamente, como julgamos a aparência. Porém, me justificando também, fiquei preocupada em perguntar porque tremia e feri-la de alguma forma. Percebi em mim como não sei lidar com certas circunstâncias. Esta senhora me ensinou demais. Antes de ligar o gravador ela me disse que havia voltado ao Brasil (ela trabalhou por 20 anos no Japão) justamente por causa do Parkinson. Ela chegou ao Brasil se sentindo inútil, velha e, justamente quando conseguiu o trabalho como agente de saúde nesta UBS é que conseguiu recuperar sua autoestima, sua confiança. E eu, presunçosa, achando que ela estava nervosa por minha causa. Esta senhora e seu esposo foi quem me recebeu na estação de trem na segunda visita que fiz à UBS.

Nesta segunda visita ela estava mais cheia. Não encontrei todos os colaboradores pois que, no dia anterior, eles haviam participado de uma festa nos arredores (passou a ser comum eles participarem de atividades na comunidade), alguma coisa na comida servida não estava bem e muitos funcionários não foram trabalhar acometidos de problemas no estomago. As coisas estavam meio corridas, mas este fato também para mim era surpreendente, pois que, não via pacientes nem funcionários insatisfeitos. Ao contrário, tinham muitas crianças correndo pelos corredores e isto até dava um tom alegre ao ambiente.

Entrevistei primeiro a gerente da UBS (Nara). Entrevistei-a em sua sala, foi uma entrevista meio confusa porque as suas atribuições são de alta responsabilidade e seu telefone não parava de tocar. Muitas vezes alguém abria a porta para cumprimenta-la ou dizer alguma coisa. Acabou sendo também divertido, ficávamos esperando outra pessoa bater e entrar e, quando isto acontecia ríamos muito. Ela me contou das mudanças que haviam ocorrido na UBS depois da pesquisa, o espírito de companheirismo que se instalou entre os funcionários e os eventos que realizaram juntos. Por ocasião da epidemia de dengue, resolveram sair nas ruas fantasiados convocando a população para juntos combaterem a dengue. Nestes eventos, geralmente quem sai na rua são os agentes de saúde e auxiliares de enfermagem. No entanto, todos saíram, médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e agentes de saúde. Fizeram um arrastão pelas ruas, batendo lata, chamando a população que, aos poucos, foi se unindo a comitiva. Ela

filmou tudo. Filmou também todos os outros eventos que realizaram: capoterapia (terapia de capoeira), vôlei para terceira idade, tricôterapia (terapia de tricô), concurso de dança, coral e até um seminário sobre o SUS onde o supervisor comentou que ali ele tinha tomado um banho de SUS. Ela me deu este material filmado, o que comprova a mudança ocorrida na UBS. Orgulhosa com os feitos, foi me dando a entrevista entusiasmada com os planos de realizações futuras. Fomos almoçar juntas em um restaurante próximo. Durante o almoço ela continuou contando seus planos e projetos; um deles, e o que mais estava dando trabalho, era um concurso de dança para estudantes. Estavam envolvidas quinze escolas, cerca de 7.000 alunos. À princípio era apenas uma escola, mas, depois, a secretaria de educação da cidade pediu para o projeto se estender às outras, devido ao alto nível de violência delas.

Depois da entrevista com Nara, veio a Dr^a. Stefânia. Entrevistei-a em sua sala de consulta. Dr^a Stefânia é muito alta, quando me viu, me abraçou e eu sumi em seus braços. Muito carinhosa. Ela estava atendendo uma senhora de idade, eu esperei e logo pudemos conversar. Ela tinha um vasinho de flor em cima da mesa e disse que depois de ter aprendido no Solo, fazer arranjo floral, nunca mais em sua sala faltou um vasinho de flor.

Depois, entrevistei o colaborador Leandro. Ele é um jovem agente de saúde, muito amigável, pratica dança de salão, havia acabado de ganhar um concurso e me mostrou orgulhoso um filme com sua performance. Como a UBS estava cheia decidimos fazer a entrevista no lado de fora, nos fundos dela (péssima ideia). Fugimos do barulho de dentro e, estava o maior barulhão na casa ao lado, crianças chorando pessoas falando. Não sei o que era aquela casa, escola, creche, sei lá. Só sei que eram muitas crianças chorando e pessoas falando. Incrível! Apesar de a UBS estar cheia e até meio barulhenta, o barulho não estava incomodando, era normal; de crianças correndo e brincando, pessoas falando, não percebi descontentamento. Porém esta casa ao lado, este barulho, era algo muito aflitivo, triste, muito ruim. Fiquei pensando o que estaria acontecendo para aquelas crianças estarem chorando tanto, foi difícil me concentrar na entrevista. A entrevista até contribuiu para me descontrair e focar nas perguntas e gravações.

Durante a aplicação do projeto e nos relatos apresentados em seguida, pude observar uma fala recorrente com respeito a uma sensação de existência de dois mundos (mundo lá fora; mundo aqui dentro); também uma sensação de limpeza. Estava curiosa para saber se elas se repetiriam nas entrevistas. Pude perceber que a percepção

de dois mundos se repete, nos relatos eles diziam “*Mundo lá fora*”, na entrevista é como se se referissem ao Solo Sagrado como um lugar mágico, um paraíso, “*lá dentro!*”:

Porque lá é um paraíso é um modelo que a gente acha que não existe aqui, mas acho que aquilo serviu para eu me harmonizar e quando eu quero eu tento colocar este paraíso aqui nesta sala por exemplo. (Colaboradora Stefânia na Entrevista).

[...] Assim..., para mim é..., um lugar..., sei lá,... mágico lá !...não sei o que acontece, é um lugar que você vai..., se você chega triste você sai contente parece que a tristeza..., você tá subindo ali...SOME!!!! É engraçado, muito engraçado [...] eu me emocionei muito lá dentro [...]. (Colaborador Leandro na Entrevista).

No entanto, a sensação de limpeza, não aparece nas entrevistas. Os comentários sobre equilíbrio, paz interior são repetidos por todos em todos os momentos.

Bem, agora, todas as entrevistas prontas é só transcreve-las, fácil. É somente ouvi-las e transcreve-las. Novo engano, nada é fácil. O autofalante do meu computador é muito baixo, não conseguia ouvir quase nada. Comprei um fone de ouvido, não cabia da minha cavidade auricular, comprei outro e outro até dar certo. Acho que é por isto que acabo sendo detalhista e controladora. Nada é fácil e, aparentes detalhes, pode significar o fracasso. Desde o começo, pensei que seria fácil gravar as conversas e depois só transcreve-las. No entanto, conforme mencionei, o Solo Sagrado é um jardim imenso, um espaço aberto, portanto o som ali se dispersa, é praticamente inviável a gravação. O gravador também. Comprei o que achei adequado, no entanto, não foi. Precisava de um profissional. Somente depois da pesquisa realizada é que, conversando com os profissionais da secretaria de comunicação do Solo Sagrado, eles me disseram. Agora era tarde. Tinha que lutar com o que tinha. Uma gravação muito ruim.

Por natureza, e talvez, por formação também (sou Gestora Ambiental) tento imaginar todos os detalhes em qualquer evento que vá realizar, tentando identificar e evitar possíveis falhas (chamamos isto, na Gestão Ambiental de Levantamento de Riscos). Entretanto, isto só me faz cada vez mais, perceber o quanto é impossível controlar o quer que seja. Por um lado, isto é uma feliz descoberta de mim mesma (este erro de fabricação). Li nos diversos livros que compuseram a minha dissertação acerca exatamente disso: o pensamento moderno de que é possível controlar a vida.

Por eu ser assim, controladora, acabo sofrendo muito quando as coisas não acontecem como planejei. Mas, não tem o que fazer. Nervos acalmados, vamos começar de novo.

Pensei também que fosse ser algo rápido. Que engano! Ouvi várias e várias vezes as gravações. Achei melhor, de cada entrevista ouvir a primeira vez ela toda. Foi a melhor coisa que fiz, foi muito bom. Eu vivi tudo aquilo novamente, aquele momento, aquela entrevista, via, dentro da minha memória, os olhos daquelas pessoas, e como eles brilhavam a cada detalhe que lembravam (foi lindo), seu gaguejar, seus “nés” e “és”. Apesar de ser um processo demorado, ouvir as entrevistas e voltar nas gravações do desenvolvimento da pesquisa, foi muito bom. Ouvir aquelas pessoas rindo, chorando, gaguejando, foi muito bom para mim, tinha vontade de sair correndo e ir até onde elas estavam e abraça-las muito. Que saudades que tenho delas! Até agora, escrevendo tudo isto, a emoção volta ao meu coração. Que bom que é gostar das pessoas.

Consegui, depois de muito tempo, pelo menos um ano, depois da realização da pesquisa, transcrever todas as entrevistas. Ficaram horríveis. Não as falas, mas os buracos. Escrevi, exatamente como estava na gravação, quando fui ler, não dava para entender quase nada. Comecei a reescrever, tentando diminuir os vícios de linguagem (ÉS, Né, Anss). Aí ficou melhor. Mais limpa.

Em entrevista com meu Professor orientador, ele me orientou escrever a história das entrevistas. Adorei a orientação, então contei a história de cada entrevista, onde aconteceu, em que circunstâncias, enfim.

Agora tinha em mãos, todas as entrevistas transcritas, os relatos o caderno de campo. Enfim, tinha todos os dados coletados. Era só analisar.

Nem sei quantas vezes li e reli todo o material, não conseguia interpretar nada. Tudo me parecia muito relevante, impactante, emocionante, importante. Meu professor dizia que eu tinha que elencar pelo menos três grandes temas. No entanto, eu não conseguia ver estes grandes temas, eu via pipocando na minha frente falas emocionadas, falas reflexivas, falas de mudanças de atitude. Porém, não conseguia perceber que “estes” eram os grandes temas que o professor insistia em tentar me fazer enxergar.

Decidi imprimir tudo. Tinha necessidade de pegar o papel na mão. Com os impressos nas mãos reiniciei as leituras, comecei a grifar no texto todas as falas que se repetiam e passei a separá-las por grupos. Levantei seis grupos. Com este exercício comecei a perceber que haviam três momentos distintos na pesquisa, nas quais as falas se expressavam e, nos quais os grupos se inseriam (posteriormente chamei estes grupos

de características). Estes três momentos eram: O impacto com o Solo Sagrado, o estado de reflexão que este impacto causava e, o terceiro era a tomada de consciência ou, mudança de visão de mundo que acontecia.

Os três grandes temas estavam na minha frente, gritando nos relatos, entrevistas e caderno de campo e eu não conseguia perceber. Utilizei a técnica da *Imersão/Cristalização* proposta por Borkan (1999). Foi interessante também ver confirmado as palavras do autor, principalmente, quando ele alerta para a necessidade de o pesquisador lançar mão de sua intuição, cognição e emoção para mergulhar ou, emergir nos dados obtidos. Fundamental. Eu não conseguia ver porque estava profundamente envolvida emocionalmente.

Tal e qual Borkan esclarece, neste processo é comum o pesquisador sentir-se paralisado ao se deparar com a dificuldade de interpretar os dados na sua complexidade. Eu estava completamente inerte, via os resultados na minha frente, e não conseguia organiza-los, escreve-los numa sequência harmônica.

Nestes dias de trevas foi preciso me afastar dos dados, desviar minhas atenções para outras necessidades. Pior, havia me comprometido com o professor de entregar os resultados analisados, os temas identificados com as referências nas narrativas em maio (no dia 18 de maio).

Fui assistir à qualificação de um amigo para ver se eu me inspirava, foi pior, este colega é brilhante, eu? Nem tanto. Porém, consegui entregar no início de junho. Apesar de somente quinze dias atrasada para a entrega dos primeiros resultados, estava extremamente atrasada, tendo em vista que minha pretensão de defesa era para setembro.

Marquei outra entrevista com o professor para o dia 15 de junho. Neste dia decidimos os caminhos para a escrita do texto da dissertação a que comprometi entregar no começo de agosto. Resolvi começar a escrever a partir do próprio título da dissertação “Encontrando o humano”; meus argumentos, deveriam girar em torno das causas do desencontro humano e a consequência disso. Me apoiei no pensamento de autores como: Nicolas Berdiaev (1973), Mokiti Okada (1999, 2002 e 2007), George Simmel (2010), Mircea Eliade (1999) dentre outros para este que seria o primeiro capítulo minha caminhada, enfim, precisava dar conta do texto. E o tempo passando. Já era meados de julho e não tinha nada concluído.

Continuando a estrada da escrita, encontrei no meu próprio professor (GALLIAN 2012) a referência que precisava para dar conta de falar sobre os reflexos da desumanização na saúde.

Em autores como Fritjof Capra (2006), Isabel Rios (2009), Paulo Freire e Ira Shor (1986), encontramos suporte para desenvolvermos e compreensão da Humanização na saúde e, voltando em Gallian (2012) junto a Ernest Becker (1973) pudemos refletir sobre a necessidade da formação humanizada na saúde. Com a presença de Teixeira Coelho pudemos começar a introduzir a proposta da formação humanizada na saúde pelo viés das humanidades.

A partir deste ponto no texto começamos também a trazer a linha de pesquisa e o projeto no qual este trabalho está inserido: “Humanidades e Humanização em Saúde”, Projeto “Patologias da Modernidade, Remédios das Humanidades”, para começar a trazer para o cenário meu objetivo na pesquisa que, era investigar de que forma a experiência estética e reflexiva, própria das Humanidades, poderia contribuir para a humanização em saúde. No nosso caso, no entanto, a experiência estética e reflexiva partindo da vivência com a natureza.

Depois de ter escrito este trecho, precisava explicar um pouco sobre o LabHum já que eu iria seguir a sua metodologia e, também, por ele ter sido o principal motivador da minha pesquisa, tendo em vista minha percepção de que os afetos provocados pelo LabHum eram semelhantes aos acontecidos na experiência desenvolvida no Solo Sagrado (O Roteiro Ambiental). Fui orientada à, neste capítulo trazer as iniciativas inspiradas no LabHum. O caminho delineado por ele vem servindo como modelo e inspiração para outras iniciativas. Experiências com a Arte, Cinema, Fotografia e outras estão sendo desenvolvidas num esforço de compreender de que forma estas narrativas podem contribuir para a humanização em saúde. A minha pesquisa é a primeira neste esforço.

Baseado no que já estava saltando aos olhos, resolvi ler alguns livros compartilhar a experiência com outros pesquisadores aproximar-me da literatura, das humanidades, para que desta forma emergisse também a inspiração que tanto precisava para alinhar as narrativas com a literatura.

Apesar de um processo demorado e difícil, aos poucos a análise dos resultados foram ficando claros, fui conseguindo encontrar nas literaturas embasamento que sustentavam as narrativas e temas emersos nelas. Desta forma, depois de, como naufrago, me bater entre Entrevistas, Relatos, Caderno de Campo e eu mesma, ver a importância das

Humanidades para a formação humanizada em saúde. A importância da arte neste processo, a importância da experiência estética.

Aí,...Acabou. Ainda não. Falta o Produto Final. Depois de pensar e pensar. Naturalmente será entregue para a Instituição toda a produção do mestrado, a dissertação, o caderno de campo, contendo todas as entrevistas e relatórios. No entanto, me estremecia o fato de não oferecer o próprio Laboratório de Estética da Natureza, então foi esta minha decisão, por enquanto. Até a defesa e até mesmo depois, tudo pode mudar, não sei, eu acho...

ANEXOS

RELATOS DA EXPERIÊNCIA

1º Relato

Roseli Franço

Esses dois dias foram realmente especiais.

Foi um resgate comigo mesma. Redescobrir o Solo ou descobri-lo de uma maneira bem diferente.

Sendo messiânica, guia, às vezes acabamos na ponta, não percebendo muito bem o Divino. Acabamos atropelando emoções e talvez também não percebendo muito toda a beleza única que o Solo oferece.

Senti tanta alegria, tanta gratidão e muito orgulho por fazer parte disso tudo. Senti também uma grande vaidade do bem, se é que dá para entender “trazer as pessoas aqui e mostrar para elas: ___olha eu faço parte.

Mas claro que queremos dividir com elas para que também possam fazer parte disso tudo.

Gratidão palavra mágica para mim que resume tudo o que sinto.

Saber que cada vez que venho, aprendo algo novo. Saber que sempre vou me surpreender com o Solo. Graças a Deus nunca vou saber tudo, sempre terei surpresas novas. Como neste final de semana, muito que aprendi não conhecia, partes do Solo. Que maravilha saber que vou descobrir coisas novas no Solo, materiais e espirituais. Sentimentos novos como a alegria que me invadiu dos pés à cabeça. Tive vontade de



correr pelo Solo todo de tão alegre que fiquei. Pude ser eu mesma, aprender a brincar, dividir com os outros que eu também não sabia. Isso é muito legal. Porque às vezes por fazer parte do local, a gente acha que devemos pelo menos saber muito e não é bem assim. Devemos nos qualificar e aprender sempre isso é o que vale. Foi maravilhoso, Divino, adorei a experiência.

1º Relato, Nara

Dias 11 e 12 de janeiro

Eu entrei para essa pesquisa sem saber o que iria acontecer, vim pela confiança na Rose e pelo local onde ela aconteceria, que eu me sinto muito bem.

Essa é a segunda vez que estou no Solo então, o primeiro impacto do local não foi tão surpreendente quanto da 1ª vez, não perdendo, lógico toda a sua beleza.

O que achei muito importante em cada momento que vivenciamos foi a reflexão a respeito delas, onde cada um deveria falar o que sentiu. Em nossas vidas nunca paramos para avaliar o que sentimos diante de cada momento/situação que vivenciamos. Não paramos para perceber, o que sentimos e como nos sentimos, assim, repetimos sempre nossos atos automaticamente sem percebermos se estamos acertando (paz) ou errando (irritação).

A primeira percepção que tive foi que havia abandonado meus problemas, deixado minha vida de lado e entrado em meu interior.

Me senti cada vez mais relaxada, mais equilibrada. Adorei todas as dinâmicas, as sensações e sentimentos que trouxe. Pude me avaliar e perceber como reajo a cada situação que se apresenta, muitas vezes insegura e outras segura.

Senti-me ligada a cada pessoa do grupo, quando me agradava sentia-me amada, quando desagradava tentava entender o que há em mim, que me sentia rejeitada, agredida. Porém, uma coisa admirável é que os momentos desagradáveis foram quase que 1 ou 2, no geral senti-me muito bem. Senti uma harmonia diante de todo o grupo. Senti que a natureza propicia a paz e tranquilidade, além do local belo e toda vibração transmitida por

esse Solo. Acho que é impossível ter um sentimento ruim ou uma discussão num local como esse. Me senti preenchida extremamente agradecida por essa oportunidade. Estou saindo daqui com uma vontade imensa de transmitir isso a todos que me cercam.

Pude durante esses dias vivenciar momentos de medo, paz, confiança, fé, amor, perceber minha pequenez e ao mesmo tempo uma grandiosidade.



Estou muito feliz e em paz agora!!!

Outra observação importante é a sensação de segurança, cuidado e proteção. Me senti muito protegida e com muita esperança. O fato da pesquisa ter uma segunda fase/encontro traz uma esperança de ter esse sentimento maravilhoso de volta. E isso gera fé, esperança, confiança e proteção.



2º relato

Dias 08 e 09 de fevereiro

Meu Deus!!!

É assim que quero começar meu relatório, pois hoje realmente estou surpreendida com o que esse local é capaz de fazer dentro da gente quando realmente permitimos, quando realmente confiamos.

Esse fim de semana foi completamente diferente do outro, porque no 1º encontro eu estava travada, mente fechada e nesse eu realmente vim para aprender, para me entregar.

Meus sentimentos foram muito confusos ao longo do dia, misto de gratidão, aperto no peito, tristeza, alegria, dúvida, fé, não sei o que há, mas senti como se tivesse dentro de um liquidificador. Porém, agora, neste momento estou saindo livre e em paz.

O Solo me proporcionou coragem para agir, me senti acolhida, amada. Hoje pude sentir a magia desse lugar.

Acredito que o 1 encontro é muito pouco para fazer diferença, pois, a cada momento temos mais confiança para nos entregar.

Miriam, mais uma vez, muito obrigada!!!

Você não tem noção do que você fez na minha vida nesse fim de semana. Me tirou algo ruim que há muito estava preso e me deu esperanças e humildade para perceber que nada sabemos.

Muito obrigada, te amo muito!!!

Como a Lú disse, basta um olhar e este vem cheio daquilo que precisamos.

Depois te conto como será essas mudanças na minha vida lá fora.

1º Relato, Odete

Dias 11 e 12 de janeiro

Sentimentos mais marcantes:

Na chegada com um peso nas costas, cansada, sentindo-me cheia de energias ruins devido o dia a dia. Ao passar pelo caminho do paraíso e pelas águas, ao fechar os olhos senti essa carga toda cair, ficar por ali! E a medida que fui caminhando pelo Solo fui recarregando de energias boas.

Fiquei surpresa em saber como temos energia com as árvores, com a natureza. Eu não sei de que forma e porquê, mas sei que a árvore que abracei ontem faz parte de mim.

Tive como reflexão do dia de ontem, que tenho que parar, refletir, encontrar equilíbrio, não me deixar dominar pelos primeiros sentimentos que surgem, que sinto.

Eu tive as duas experiências de liderar e ser conduzido e as duas ficaram marcadas. A primeira quando estava como líder na corda cega, tive que saber o caminho deduzindo, agir com cautela, com confiança em meus atos para o companheiro seguir seguro, tive que agir com amor e preocupação perante os outros, pois não estava sozinha, não podia agir de qualquer jeito.

E no outro momento, que me deixa como reflexão no dia de hoje, quando novamente cega, na caminhada na praça do amor até a da harmonia, fui conduzida. No início foi difícil e entendi que tenho esta dificuldade na vida, na maioria dos momentos, pela profissão eu estou coordenando, e não estou aceitando quando tenho de apenas seguir, confiar. Estou tendo esta dificuldade em meu casamento, de deixar meu marido conduzir, de deixa-lo ser o homem da casa, de não confiar nele.

Mas graças à Deus, que está me dando mais uma oportunidade de acertar, por isso estou aqui vivendo momentos que vão me trazer alguma reflexão e pessoas que aconselham. Por isso vou absorver o máximo que conseguir e mudar!!!!



2º Relato

Dias 08 e 09 de fevereiro

O melhor de tudo deste encontro foi que percebi, mesmo sem querer, como mudou



algo dentro de mim. Como estou mais tranquila, equilibrada. Sinto que não estou 100%, mas já mudou e foi sem esforço nenhum.

Não sinto mais que há um furacão desorganizado e feroz dentro de mim.

Hoje o que levo para mim, e pedi muito à

Deus que me ajude a praticar, é que o amor é servir. É o que o Solo tem de explícito, é o que todos fazem o templo inteiro e com mais dedicação.

Portanto, quero hoje pôr em prática, servir, servir, servir!!!

Eu tenho essa gana de amar a qualquer custo, qualquer um, sem julgamentos, mas algo me intoxica.

O que me deixou muito feliz e realizada é saber e ver como hoje eu estou muito melhor que no 1º encontro, que estou me transformando. Preciso de muito, sei que preciso de muito mais..., mas estou no caminho certo e isto me preenche de tal maneira que nenhum bem material ou qualquer outra coisa conseguiria trazer.

1º Relato Leandro

Dias 11 e 12 de janeiro

Eu Leandro primeiramente queria agradecer a Deus, a Rose e a Miriam por ter me dado essa oportunidade Divina, fiquei muito feliz com o convite e hoje estou muito mais grato e satisfeito, pois aqui com tudo o que foi mostrado e apresentado eu pude enxergar um outro lado da vida.

Sinto uma paz interior única, uma vontade de querer crescer e buscar mais conhecimento. Digo conhecimento sobre a vida, sobre a humanidade e espiritualidade também.

Refleti muito esse fim de semana, pensamento na minha família, no tão importante eles são para mim, coisa que na correria do dia a dia esquecemos. Então hoje me sinto renovado, cheio de paz e luz interior. Hoje é a quarta vez que piso no Solo Sagrado, porém nunca foi tão grandioso como está sendo essa experiência.

Sei que essa vai ser mais uma das muitas que estão por vir e hoje me sinto mais preparado para a vida, quero buscar e aprender mais.

Com tudo que observei e que cultivei me sinto leve, eu pude enxergar que não estamos sozinhos, que temos muito a oferecer e que também temos que abrir portas das oportunidades para que outras pessoas nos conduzam, que devemos confiar mais em si próprio e também confiar a quem nos estende a mão.

Hoje eu Leandro me sinto bem. Estou cada dia mais convicto que nada acontece por acaso, tudo tem um propósito de Deus, eu realmente me encontrava perdido, queria descansar a mente e aqui não só consegui descansar, eu também aprendi o sentido da palavra humanizar. Para mim é dar sem saber o que vem em troca, e fazer o que o coração mandar, ajudar o próximo, ouvir, se expressar e dedicar a vida. Obrigado por tudo, pelo carinho e por me ensinar a andar e trilhar os caminhos que estão por vir, sem medo.



2º Relato Leandro

Dias 08 e 09 de fevereiro de 2014

Leandro dos Santos Silva

Primeiramente, mais uma vez agradeço a Deus pela rica oportunidade de mais uma vez estar aqui, e a todos que fizeram isso acontecer.

O Solo Sagrado para mim é um lugar maravilhoso onde cada vez que venho me sinto inteiramente grato por mais uma vez estar no paraíso.

É cada vez uma sensação nova, energias novas, pensamentos diferentes onde enriquece nossa alma e nosso coração de boas lembranças e de pensamentos positivos ao qual levaremos ao nosso dia a dia.

Eu tive uma experiência diferente dos outros, a de vir e voltar no dia seguinte, foi estranho, pois, não via a hora de voltar, a necessidade e a energia estavam impregnadas em mim. É algo muito bom, pois todos ao nosso redor nos passam que pode existir um mundo novo no qual os seres humanos possam enxergar o verdadeiro sentido da vida e da natureza. Pois nosso dia a dia não conseguimos dar total atenção e valor nas pequenas coisas, procuramos sempre o lado grande das coisas, queremos muito e acabamos exigindo um do outro, e assim vamos ser exigentes com a gente mesmo. E nisso não conseguimos enxergar que para ser não precisa de muito, que tudo para que a gente possa ser feliz está na nossa volta, está bem perto da gente, que não precisamos de coisas materiais, apenas precisamos estar de bem com a gente mesmo. Assim transmitimos o bem ao nosso próximo. Temos que confiar mais no nosso interior, ser mais objetivos, não podemos esperar que aconteça, temos que fazer acontecer, então para mudar tudo isto temos que começar mudando a nós mesmos, somos egoístas, covardes, abaixamos a cabeça diante das consequências. E na vida não pode ser assim, temos que ser fortes, erguer a cabeça e mostrar que somos capazes, e que mesmo diante das dificuldades encontramos motivos para sorrir e amar.

É como diz a música: é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã.



E minha experiência neste mês longe do Solo foi incrível, me políciei mais, observei mais ao meu redor, enxergar coisas ocultas que na correria do dia a dia deixamos passar de ver e desenvolver para contribuir para que tudo isto aconteça.

Estou muito mais feliz e grato por tudo que tenho e que Deus vem me abençoando.

Mais uma vez agradeço e aqui termino mais na certeza que logo estarei de volta, não pela pesquisa e sim pela paz espiritual.

Obrigado.

Relato (único) Felipe

Dias 08 e 09 de fevereiro

Falar sobre estes dias de paz, nos permite refletir sobre a vida. Temos opções a seguir e o caminho de Deus encontra-se muito próximo.

Ao chegar no Solo tive uma surpresa, um paraíso com uma energia sem igual que impressiona no primeiro contato.

Certamente a presença do guia com riqueza de informações enriquece o olhar de quem caminha por este paraíso, mas o contato permanente com a natureza gera um sentimento de limpeza interior, com paz, harmonia, fortes energias, além da ligação direta do meu interior com Deus.

Penso que as dinâmicas e informações geram grande conhecimento, inclusive do interior de uma pessoa que muitas vezes não conhece seu sexto sentido. Esse processo comporta um crescimento pessoal e nos dá competência e motivação para levar o bem a outras pessoas, fazendo com que as ações que representamos contaminem positivamente as pessoas, pois quando somos o que sentimos e mostramos em atitudes, as pessoas são ou tornam-se espelhos de bons exemplos.

Esse processo deve ser longo e audacioso, necessitando de um desenvolvimento contínuo a fim de renovar as energias frequentemente e aplicar novos conhecimentos em nosso meio.

Portanto, esses dois dias de intenso contato com a natureza, certamente irão refletir em minhas atitudes no mundo lá fora, fazendo com que a paz a harmonia seja praticada com as pessoas do meu redor.

Sou muito grato por todo aprendizado vivido neste lugar e certamente irei trazer novas pessoas para conhecer este paraíso natural.

1º Relato Joana

Participar deste grupo aqui no Solo, fazer parte dessa pesquisa, só vai acrescentar virtudes, aqui tudo é belo, qualquer olhar, em qualquer direção, se sente e vê o belo.

Harmonia da natureza, a paz, serenidade, gostaria que mais pessoas pudessem sentir o que eu senti.

Não precisa explicar e nem conseguiria, é um sentimento único. Parece que estamos em outro universo, ou “no Paraíso”.

Em minha vida pessoal, no meu trabalho, tenho tentado a cada dia dar amor, ouvir com amor e tenho recebido muito amor, a cada paciente, com carinho e um sorriso, e depois desta experiência, tenho certeza que mais mudanças no meu jeito de tratar as pessoas, a dedicação, quero que melhore a cada dia.

Miriam você é maravilhosa, profissional consciente do que deve passar e que precisamos ouvir.

Adorei o círculo dos nós. Amei fazer o caminho das cordas com venda, aprendi que temos que voltar as vezes para prosseguir melhor.

Com olhos vendados para caminhar em grupo, foi incrível, pois não precisei da pessoa a minha frente para me conduzir, senti a insegurança dela e caminhei ou meus próprios passos. Vi que não preciso que me segurem para eu caminhar, mesmo não sabendo onde vou.

No chamado da árvore, senti como é importante ficarmos atentos “vigiar” as vezes não enxergamos mesmo tendo visão perfeita, olhos perfeitos. O pior cego é aquele que não quer ver, me lembrei do livro de Saramago “Ensaio da cegueira”.

Aprimoramento espiritual. União do homem e a natureza.

2º Relato

Dias 08 e 09 de fevereiro

Permita-me Deus te louvar hoje e sempre!!!

Miriam, cada vez que venho para este encontro aprendo muito e também elevo meus sentimentos de amor, bondade, doação, aprendemos que felicidade existe, basta querer. Tenho que dizer que todas as dinâmicas aqui realizadas, alguém precisa delas. Hoje quando você pediu para ficarmos livres para ver e descobrir como os visitantes chegam e após ter passado pelo caminho do paraíso, foi uma experiência gratificante; primeiro veio uma guia do Solo conversar comigo, era de Curitiba, aposentada, nissei, disse que trabalhou a vida toda, trabalho estressante, viajava o Brasil todo, sempre foi ausente com os filhos e agora, depois de três anos dedicando no Solo Sagrado vê que tem filhos abençoados. Um casal, a filha mora no exterior e o outro está no mesmo caminho, e ela agradece muito a Deus e este trabalho e poder perceber isso.

Relacionei este depoimento, pois ouvi a Rose também orgulhosa de seu filho Junior fazendo dedicação no Solo Sagrado.

Tudo tem um porque na vida e você sabiamente passa para nós ensinamentos que precisamos no dia a dia.

Gostaria de falar mais, mas acho que sentir é melhor.

E quando nos deitamos no Templo ontem e você falou por que estão aqui? Neste mundo? Eu disse “união”. No entanto na segunda pergunta “o que vieram buscar? ”.....



Acredite, ainda não saberia te responder, como você disse, não pense, responde rápido, e fiquei pensando até agora na última dinâmica. Não descobri!

Acho que tenho que passar por mais experiências para poder te dizer algum dia, pois só Deus sabe!

Ainda não é fácil, e nós a fazemos, feliz ou triste. Prefiro ser feliz!

Na condição com a venda nos olhos, senti que

a Luzi sente muito medo, tanto para conduzir como para ser conduzida, mas só ela pode se libertar.

Relato (único) Stefânia

Dias 08 e 09 de fevereiro

Fui trazida para cá meio sem saber o que ia acontecer, com o intuito de participar de uma pesquisa científica...Tudo muito racional a princípio.

Porém, aqui chegando entrei em contato com um novo mundo em que se passa por diversas “esferas” estratificadas onde vamos entrando e nos despindo de couraças espessadas pelo o que a resiliência chama de “ser forte”.

Para sermos “fortes” lá fora temos é que ter coragem de jogar fora tais mantos protetores que nos serviram no passado ajudando-nos a crescer.

Percebo, contudo, que conforme nós desenvolvemos, nosso espírito muda de forma e temos que constantemente nos moldar a novas realidades, transformando nosso meio em que vivemos num novo lar.

Creio que estes dois dias aqui, descobri algo muito sagrado: uma luz dentro de mim que se destina a “aquecer o ninho”.

É necessário saber ver esta luz, pois muitas vezes ela está disfarçada por todas as outras cores...

Tenho em mim o arco-íris do amor onde tento iluminar meu caminho e o das pessoas que amo.

O mais difícil, no entanto, é despertar no outro, sua essência, pois o mundo hoje em dia está mais preocupado com resultados, produtividade e prêmios.

Cada um traz em si um enorme potencial que na maioria das vezes está bloqueado por uma simples palavra: medo.

A natureza aqui nos sinaliza que fazemos parte de um “ciclo da vida” e que todos temos nosso papel, onde o medo serve apenas para dizer: pare....pense.....siga sua emoção.

Aproveito a oportunidade para agradecer este momento e parabeniza-la Miriam pela atitude de nos desafiar e de nos fazer tão bem irradiando seu sorriso e sua energia positiva.

Tenho certeza que serei uma médica melhor no trabalho e levarei esta paz para toda a minha vida.

Obrigada.

1º Relato

Luziete M.S. Dal Poggeto

Dias 11 e 12 de janeiro

Sentido Geral:

Nascer, Crescer organicamente e espiritualmente, viver, morrer e renascer, eis a lei universal cósmica.

Conhecer a si mesma, seu entorno é o princípio para o reencontro com seus afetos e desafetos nessa imensa busca da sintonia universal.

O encontro no Solo Sagrado foi uma mistura sinérgica de emoções, vibrações, equações reflexivas de toda uma vida que inicia um balanço há meio século de existência. Entrei frágil, desamparada, desequilibrada organicamente, com patologias recentes que descrevem uma autofagia psíquica sutil e intensa na recusa do que a vida tem me proporcionado nos últimos anos e que pareço aceitar, mas na verdade repudio internamente.

Senti no Solo, a volta ao lar, as raízes, aos afetos infantis, as caminhadas da infância a fortaleza de sentidos que readquiri, expressão maior do meu ser.

Descrever por vezes é pobre, nosso vocabulário humano não alcança o vocabulário da alma em expansão.

Encontro aqui forças para caminhar sem medo lá fora.

Sentido das atividades:

Cada atividade desde a entrada no Solo nos fala ao coração e plasma em nosso espírito.



2º Relato

Dias 08 e 09 de fevereiro

Na verdade, palavras anotarei nestes papéis, porém nenhuma delas conotará integralmente os sentires destes momentos passados no Solo Sagrado, as palavras do homem ainda não conseguem expressar os sentimentos do espírito.

Da última vez que daqui saí, percebi em mim uma reconciliação com o Divino, embora trabalhe na área da saúde apenas me preocupava com os que estavam ao meu redor, não imaginava que um dia precisaria de cuidados médicos psicológicos, que não fosse acompanhamento e manutenção de hormônios e enzimas biológicas alteradas. Mas não foi bem isso que aconteceu.

Final do ano passado fui pega por dois diagnósticos que me deixaram apreensiva. O primeiro era doença autoimune, iniciava-se um caso de vitiligo e o segundo também



autoimune, para variar, o início de um quadro de artrite, com o prognóstico apenas de manutenção e diminuição dos estragos que se desenvolveriam

Percebi então que entrei em autofagia, consegui levar-me a uma autodestruição celular a partir, pelo que tudo indicava do meu psico.

Mas como tratar meu psico? Nunca precisei de tratamento ou acompanhamento psicológico, achava que conseguiria dar conta de tudo e não dei. E o que fazer para regredir esse quadro? A resposta era: regredir não dá! Então passo a ver como paralisar isso ou deixa-lo o mais lento possível.

Procurei então o que estava errado comigo e percebi que, não acreditava mais em mim, não acreditava mais nas pessoas e não acreditava mais em Deus, pai este que sempre soube estar presente na minha vida, mas que o tempo me fez achar que estava sozinha.

Foi nesse estágio que surgiu um convite para participar de uma pesquisa da leitura do sentir na leitura de um espaço chamado Solo Sagrado. Pensei e achei que seria bom, e aqui estou no meu segundo encontro. Muitas emoções brotaram. No primeiro dia vi o quanto havia me afastado de minha fé em mim mesma como criação Divina. Aqui nesse espaço reencontrei a vida, a vida mineral, a vida vegetal, a vida animal, a “vida humana” e a vida espiritual, por isso é impossível algo não ocorrer em nós.

Sei que alguns perguntaram, porque a vida “humana” se fez anotar entre aspas? E eu vou tentar explicar. É que a vida humana que encontramos aqui não é a mesma que lá fora. Aqui os humanos se apresentam solícitos, fraternos, bons, amáveis e lá fora apenas encontramos a vida humana dura, interesseira, utilitarista, consumista, egoísta.

O mais difícil que se faz é sair e aprender a levar estes sentires para fora sem nos corrompermos ou afligirmos tendo que dar o tempo de cada um chegar ao seu ser humano que nos constitui como centelhas divinas prontas para desabrochar, e sabendo que teremos que semear, adubar e cultivar em um terreno árido.

A arte, a estética a ética e a moral nos constitui, como encontra-la para nos mantermos bem conosco e com os outros?

Na primeira vez, como disse, reencontrei Deus, pai único e criador, resgatei este conforto de pertencer ao mundo, a sua criação e ser seu filho maior.

Sai como se fosse uma terra repleta de brotos que desabrochavam rente a terra. Esperava voltar com ansiedade. Ao voltar refleti sobre a dificuldade de manter todo esse sentir lá fora. Nesse espaço criatura e criador se encontram, mas como manter isso lá fora? São minhas indagações a partir desse segundo encontro que me fez perceber a necessidade de internalização das raízes desses brotos que se encontram emanados e imantados em meu espírito.

Agradeço a imensidão do conhecer que aqui me está sendo proporcionado.

1º Relato Lindinalva

O contato com a natureza toca (abre) os meus sentidos positivos. A serenidade se faz presente, a paz interior se manifesta e a conexão com Deus acontece.

O “caminho as cegas” aumenta minha percepção sensorial, meus sentidos ficam mais aguçados. É como reaprender a sentir a perceber as coisas a nossa volta sem nos deixar influenciar pela imagem visual que as vezes vem com referencias positivas ou negativas.

O contato com a natureza nos ensina a respeitar o tempo do outro, o tempo de Deus, o tempo de semear e de colher, o tempo de nós mesmos. É buscar harmonia com o medo. A troca positiva mesmo quando aquele dar mais e o outro recebe menos, porém, todos ganham o necessário e podem dispor do que não vai fazer falta.

Seres humanos buscando a humanização. O mundo contemporâneo nos tornou seres humanos desumanos, precisamos fazer o caminho de volta para a conexão com a natureza com o universo.



Despertar dentro de cada ser os sentimentos

mais sutis, pois estes sentimentos nos permitem trocas positivas no encontro com o outro. Voltar para a casa é voltar para dentro de si mesmo e para a espiritualidade. Perceber-se melhor para perceber melhor o outro.

O ser humano humanizado faz seus encontros um momento de doação, acolhimento e troca de conhecimento.

2º Relato

Dias 08 e 09 de fevereiro

No segundo encontro no Solo Sagrado pude perceber que meus sentimentos afloraram e minhas percepções sensoriais aumentaram.

Me senti mais conectada com meu eu interior e ao mesmo tempo com meu eu superior.

Fui identificando que cada encontro ocorre uma transformação positiva, um despertar para o Divino.

Adentrar no Solo Sagrado vai mexendo com as estruturas do ser, nos obriga a olhar para dentro de nós e para tudo a nossa volta.

Ocorre o despertar da nossa essência Divina.

Suponho pela minha experiência que algumas pessoas necessitam de muitas doses de Solo Sagrado e outras não, mas todos sempre precisam entrar em contato com a natureza, com um lugar Sagrado para alimentar o Divino dentro de si.



Relato (único) Helcio

A minha experiência nestes dois dias de intensa profundidade na natureza me fez perceber que a resposta a muitas dúvidas se encontra no meu interior e, na maioria das vezes no cotidiano da rotina na cidade distanciamos cada vez mais desta percepção.

Voltar a ter este contato com a natureza e os exercícios praticados para reforçar esta percepção só nos faz crer que devemos observar mais a natureza e seguir os exemplos que podemos extrair.

Tudo o que fazemos com naturalidade nos leva para o caminho correto.

O respeito que devemos ter com a natureza e os seres vivos nos faz respeitar também o ser humano em sua essência e individualidade, pois somos diferentes assim como tudo que existe no meio ambiente, porém é possível o convívio perfeito com estas diferenças o que ajuda muito no nosso crescimento humano.

Esta pesquisa realizada pela mestrandia Miriam será de extrema importância e no melhor ambiente que é o protótipo do Paraíso me sinto gratificado em fazer a minha contribuição nesta pesquisa.

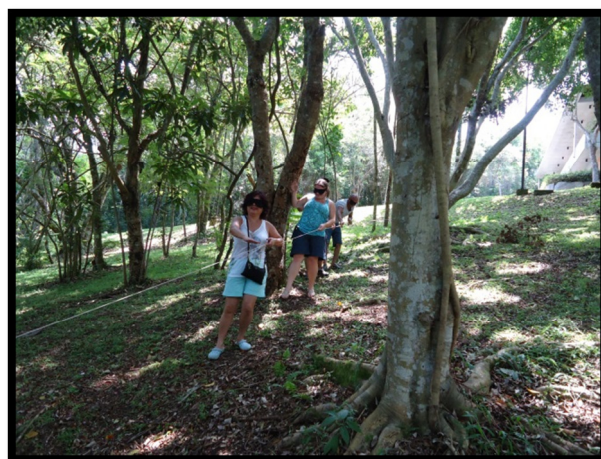


1º Relato (único) Alice

Agradeço pela oportunidade de participar nesta pesquisa.

No início não tive nenhuma impressão, mas com o decorrer dos dias pude sentir algo estranho, uma sensação de paz interior e muito respeito com a natureza.

Referente aos exercícios praticados devemos observar mais a natureza e seguir seu exemplo para solucionar todos os problemas que muitas vezes são simples e nós complicamos.



Relato (único) Aline

Dúvida - foi o primeiro sentimento, que lugar e esse? O que vim fazer aqui? Que pessoas são essas?

Esperança – após as apresentações veio a esperança de que fosse algo interessante didático que me trouxesse a famosa “luz no final do túnel”.

Paz – ao passar pelo caminho do paraíso e ao chegar ao templo surgiu um sentimento de paz, uma sensação de bem com o mundo e esquecimento dos problemas.

Saudades – das pessoas especiais e das que não podem estar aqui hoje.

Necessidade de resolução – depois de tudo o que foi falado algumas frases me marcaram: a vida é feita de curvas, algo termina porque outra inicia. Não deve se ter receio em arriscar, a vida é feita de altos e baixos, nem tudo é perfeito. Se algo termina é porque coisa melhor há de vir.

Maravilhoso!!!!!!

